UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

"QUANDO NOS DESPEDIMOS, JÁ ESTAVA COM SAUDADES DELE": AMOR ROMÂNTICO E CASAMENTO NOS RECÔNDITOS FEMININOS (1946-1972, CAXIAS DO SUL/RS)

Pâmela Cervelin Grassi

FLORIANÓPOLIS, 2016

PÂMELA CERVELIN GRASSI

“QUANDO NOS DESPEDIMOS, JÁ ESTAVA COM SAUDADES DELE”: AMOR ROMÂNTICO E CASAMENTO NOS RECÔNDITOS FEMININOS (1946-1972, CAXIAS DO SUL/RS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História - Área de Concentração: História do Tempo Presente.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Identificações

Orientadora: Profª Dra. Maria Teresa Santos Cunha

FLORIANÓPOLIS/SC
2016

G769q Grassi, Pamela Cervelin

"Quando nos despedimos, já estava com saudades dele": amor romântico e casamento nos recônditos femininos (1942-1972, Caxias do Sul) / Pamela Cervelin Grassi. - 2016.

221 p. il.; 21 cm

Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha

Bibliografia: p. 206-221

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

1. Cartas - Correspondência. 2. Casamento. 3. Ego (Psicologia). 4. Documentos. I. Cunha, Maria Teresa Santos. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD: 383.122 – 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

Pâmela Cervelin Grassi

"Quando nos despedimos, já estava com saudades dele": amor romântico e casamento nos recônditos femininos (1946-1972, Caxias do Sul/ RS).

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca julgadora:

Orientadora: _____

Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Doutora Maria Celi Chaves Vasconcelos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Membro: _____

Doutora Cristiani Bereta da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Doutora Marlene de Fáveri (suplente)
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 14 de junho de 2016.

As Violetas, Patrícias, Alexandras e Naras

AGRADECIMENTOS

Quando o diário íntimo e as cartas de Ada Therezinha chegaram até mim, no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJS), em abril de 2013, o impulso de desdobrá-los numa futura pesquisa foi inevitável. Só não podia imaginar os caminhos que se sucederam após este encontro. Da confluência das experiências vividas e dos lugares praticados, não são poucos os agradecimentos.

Sou grata à UDESC, instituição pública de excelência que, através do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP), concedeu auxílio financeiro, permitindo minha dedicação integral no primeiro ano de mestrado. Agradeço ao corpo docente do PPGH, em especial à professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha, pela orientação criteriosa e o estímulo a minha autonomia. Ao longo destes dois anos, Maria Teresa, contribui para meu crescimento pessoal e profissional, seja pela competência e rigor científico ou pelos seus gestos generosos e atenciosos. É uma das minhas inspirações nesta minha nova etapa profissional que se delineia como professora. Agradeço também às professoras Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos e Dra. Cristiani Bereta da Silva pelas relevantes contribuições na ocasião da qualificação e que foram incorporadas no texto final.

O Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, nas figuras das funcionárias Jovita e Elenira, pelos incontáveis auxílios e pelo interesse, contribuiu na presente dissertação. E possibilitou o contato com Alexandre, Adriana e Vicente, filhos de Ada Therezinha. Minha imensa gratidão aos três pela acolhida, confiança e disponibilidade com que me receberam, seja nas dependências do AHMJS, na Barra da Lagoa ou nas redes sociais.

Das amizades e dos encontros que Florianópolis me presenteou, registro meu agradecimento aos colegas de mestrado e do grupo de estudos GEHCEL. Agradeço a Alessandra, Assis, Bibi, Gustavo, Iara, Leda, Luciana e Renato. E em especial, a Bia, minha hermana catarina, pelo vínculo sincero, pela acolhida afetuosa em sua casa, e pelos cafés de longa duração. Bia cabe, literalmente, num verso de uma canção de Tom Zé: “Na vida, quem perde o teclado, em troca recebe as estrelas”. Agradeço a Kelen, Beth, Liliane e suas famílias, pelos gestos amistosos e disposição para os auxílios. A Josiane, pela acolhida e as incontáveis partilhas de vida.

Dos sonhos coletivos, latino-americanos e feministas, “aqui se comparte, lo mío es tuyo”, agradeço as mulheres da Marcha Mundial das Mulheres e das Católicas pelo Direito de Decidir. Minha gratidão à paraibana Mariana Davi, amizade que nasceu na ilha e que tornou as distâncias do Sul e do Nordeste do Brasil mais curtas. Sou grata às duas Valentines, a colombiana e a francesa; a Jaiane, Anelise, Ana, Mamede, Nancy, Suelen carioca, Suelen gaúcha, Tefa, Hilário e Diego.

Agradeço a Ramon, Roberto, Natalia e Katani, professoras e professores da graduação, na Universidade de Caxias do Sul. Em especial a professora Daysi, pela acolhida e auxílio na etapa de elaboração do projeto de pesquisa. Não posso deixar de mencionar minha gratidão à solidariedade das colegas de trabalho da Escola Municipal Carlin Fabris e Escola Municipal Renato João Cesa. E às alunas e aos alunos que, no processo final da escrita, toleraram meus atrasos constantes em corrigir as avaliações e apoiaram-me com palavras carinhosas.

Aos meus pais, Maria Inês e Vitório e ao meu irmão Ângelo. Às amizades de Caxias do Sul, que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho: Irineida, Daniela, Luciane, Vanessa, Adriano e Tina. Agradeço imensamente ao carinho da grande amiga Maiara. À Gianmarco e Rafael, pelos devaneios e desconstruções do amor romântico.

Por fim, minha gratidão à Paula, irmã gêmea, confidente e também historiadora, pelo amor e carinho incondicional. Companheira de sangue, de ativismo político, de apartamento e de profissão. O percurso da vida torna-se significativo e criativo com a tua presença.

Acreditei que se amasse de novo
esqueceria outros
pelo menos três a quatro rostos que amei
Num delírio de arquivística
organizei a memória em alfabetos
como quem conta carneiros e amansa
no entanto flanco aberto não esqueço
e amo em ti os outros rostos

Qual tarde de maio.
Como um trunfo escondido na manga
carrego comigo tua última carta
cortada
uma cartada
Não, amor, isto não é literatura.

Ana Cristina César

RESUMO

GRASSI, Pâmela Cervelin. **“Quando nos despedimos, já estava com saudades dele”: Amor Romântico e casamento nos recônditos femininos (1946-1972, Caxias do Sul)** (Mestrado em História – Área: História do Tempo Presente). Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2016.

A presente dissertação procurou analisar o significado dos elementos afetivos e amorosos presentes num conjunto de cartas, memórias e diário íntimo, que contribuíram na cristalização do imaginário da instituição do casamento como sendo a realização da apoteose romântica. Os ego-documentos, compreendidos no âmbito das escritas ordinárias, foram produzidos entre 1946 e 1972, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, por Ada Therezinha, uma moça da classe média urbana. Conservados à ação do tempo, eles constituem, junto a um amplo conjunto de documentos de pessoas comuns, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul. Os estudos da História Cultural e do Tempo Presente ofereceram subsídios teóricos e metodológicos para a discussão da temática. A dissertação mobilizou, em seu desenvolvimento, categorias de análise como representação, práticas culturais, ego-documentos, dispositivo amoroso e madresposa. O diário íntimo e as memórias de Ada Therezinha, bem como as cartas trocadas com o objeto de seu afeto, quando tomados pela investigação histórica como vestígios materiais de um tempo passado, apontaram para as práticas do namoro, noivado e casamento e para a produção de sentidos em diálogo com as representações de amor romântico e mulher vigentes na época. A linguagem, como elemento privilegiado que possibilita a reflexão de si, foi o espaço em que Ada Therezinha estruturou suas experiências vividas e estas, por sua

vez, foram tramadas de significações que dizem respeito às experiências históricas das mulheres.

Palavras-chave: Ego-documentos. Diários íntimos. Cartas. Amor Romântico. Casamento.

ABSTRACT

GRASSI, Pâmela Cervelin. **“When we said good-bye to each other, I’ve already missed him”: Romantic Love and marriage in the female intimate (1946-1972, Caxias do Sul)** (Master’s degree in History – Area: History of present time). The University of Santa Catarina State. Graduation Program in History, Florianópolis, 2016.

This master’s thesis intended to analyze the meaning of the affection and love elements present in the series of letters, memories and in an intimate diary, which have contributed to the imaginary setting of the marriage institution as being the fulfillment of the romantic aphoteosis. The egodocuments, understood at the sphere of ordinary writings, were produced between the years 1946 and 1972, in Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, by Ada Therezinha, a lady from the urban middle class. Preserved from time effects, they constituted, together with the large amount of ordinary people documents, the Historical Archives João Spadari Adami (AHMJSA, pt: Arquivos Históricos João Spadari Adami), in Caxias do Sul. The studies of Cultural History and Present Time offered theoretical framework and methodological for the theme’s discussion. The dissertation mobilized, in its development, categories of analysis like representation, cultural practices, egodocuments, loving device and mother-spouse.

The intimate diary and the memories of Ada Therezinha, as well as the exchanged letters between her and her love object, when taken by the historical investigation as material traces of a spent time, aimed to dating practices, engagement and marriage, and to the production of the senses in dialogue with the representations of “romantic love” and “woman” existing in that time. The language, as a privileged element that enables thinking of herself, were the space in which Ada Therezinha setted her lived experiences and these, by its time, were

delineated by meanings that tells about the historicals experiences of women.

Keywords: Ego-documents. Intimate diaries. Letters. Romantic Love. Marriage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pátio Externo do Colégio São José, 1948.....25
Figura 2 – Retrato de Ada Therezinha, 1950.....51
Figura 3 – Residência de Ada e sua família na Júlio de Castilhos, 1296.....53
Figura 4 – Avenida Júlio de Castilhos e Praça Dante Alighieri, 1950-1955.....54
Figura 5 – Álbum de poesias e recordações de Ada, 1945 a 1947 60
Figura 6 – Carta de Irmã Luisa Olímpia para Ada, 27 de agosto de 1948.....61
Figura 7 – Capa do caderno escolar de música.....62
Figura 8 – Livro Instruções e Receitas "Marmicoc" - Panela à pressão.....63
Figura 9 – Capa do diário íntimo de Ada.....67
Figura 10 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada.....69
Figura 11 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada.....70
Figura 12 – Excerto da carta “2ª recebida” de Ada para Enio.....71
Figura 13 – Excerto da carta “4ª recebida” de Ada para Enio.....71
Figura 14 – Primeira página da primeira entrada do diário íntimo de Ada, 5 de outubro de 1950.....76
Figura 15 – Segunda página da primeira entrada do diário íntimo de Ada, 5 de outubro de 1950.....77
Figura 16 – Entrada do diário íntimo de Ada. 30 de janeiro de 1951.....94
Figura 17 – Excerto da carta “2ª recebida” de Ada para Enio.....110
Figura 18 – Carta de Rubem para Ada, 20 de maio de 1946.....112
Figura 19 – Excerto da carta “5ª recebida” de Ada para Enio.....116
Figura 20 – Boletim Geral da 1ª Prova Parcial da 2ª Série, 1946.....120
Figura 21 – Ada com o namorado Dirceu Tito Lopes.....121
Figura 22 – Ada com o namorado Dirceu Tito Lopes (verso) 121
Figura 23 – Excerto do diário íntimo de Ada, 02 de novembro de 1950..... 127
Figura 24 – Excerto do diário íntimo de Ada, 03 de novembro de 1950..... 131
Figura 25 – Excerto da carta de Ada enviada a Enio, 10 de novembro de 1950..... 135

Figura 26 – Excerto da página 7, Diário do Nordeste, 03 de junho de 1951.....139
Figura 27 – Praça Rui Barbosa, 1945.....142
Figura 28 – Fotografia de Enio Luiz, sem data.....144
Figura 29 – Verso da fotografia de Enio Luiz, sem data.....144
Figura 30 – Excerto da carta de Ada enviada a Enio, 10 de novembro de 1950.....153
Figura 31 – Entrada do diário íntimo de Ada, 27 de março de 1951.....155
Figura 32 – Entrada do diário íntimo de Ada, 27 de março de 1951.....156
Figura 33 – Ada Therezinha (direita), sem data 162
Figura 34 – Horário para o ano letivo de 1946 (1ª Série)..... 163
Figura 35 – Horário para o ano letivo de 1949 (4ª Série) 163
Figura 36 – Excerto da carta de Ada enviada a Enio, sem data.....168
Figura 37 – Casamento de Ada e Enio.....171
Figura 38 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada..173
Figura 39 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada..173
Figura 40 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada..174
Figura 41 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada..175
Figura 42 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada..175
Figura 43 – Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada..176
Figura 44 – Convite de casamento.....177
Figura 45 – Cartão de felicitação.....177
Figura 46 – Casamento de Ada e Enio, 9 de fevereiro de 1952.....178
Figura 47 – Casamento de Ada e Enio, 9 de fevereiro de 1952.....179
Figura 48 – Casamento de Ada e Enio, 9 de fevereiro de 1952.....179
Figura 49: Caderno montada por Giselda.....190
Figura 50: Caderno montada por Giselda 191
Figura 51 – Excerto do caderno montada por Giselda.....192
Figura 52 – Excerto de memórias de madresposa de Ada, sem data.....194
Figura 53 – Excerto de memórias de madresposa de Ada, sem data.....196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes históricas consultadas e analisadas.....44
Quadro 2 - Cronologia do diário íntimo e das cartas em relação aos dados biográficos de Ada Therezinha e Enio.....85
Quadro 3 - Frequência das entradas no diário íntimo de Ada Therezinha.....97
Quadro 4 - Cartas de Ada a Enio na etapa do flerte: vocativos e fechos.....114

LISTA DE ABREVIATURAS E QUADROS

AHMJSA	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
RCI	Região Colonial Italiana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....25

2 "MAIS TARDE SERVIRÁ PARA RECORDARMOS A MOCIDADE": A ARQUIVISTA E OS EGO-DOCUMENTOS.....49
2.1 ARQUIVAMENTO DE SI E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....55
2.2 PRÁTICA DA ESCRITA DE SI.....78
2.3 DIÁRIO ÍNTIMO.....89
2.4 CARTAS AMOROSAS.....98

3 "AMOR, AMOR! SEMPRE O AMOR": O FLERTE E O NAMORO ENTRE AS NORMAS E O VIVIDO.....104
3.1 PRÁTICAS DO FLERTE.....104
3.2 PRÁTICAS DO NAMORO.....119
3.3 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DA CIDADE MODERNIZADA.....135
3.4 AMOR ROMÂNTICO E NARRATIVA SENTIMENTAL.....142

4 "AGORA ÉS NOIVA, DEVES MAIS DO QUE NUNCA SABER COMO VAI AGIR": O NOIVADO E O CASAMENTO.....154
4.1 MULHER DÓCIL, DEDICADA E AMOROSA.....154
4.2 NOVE DE FEVEREIRO DE 1952: ENLACE MATRIMONIAL.....169
4.3 "SOU ESPOSA, SOU MULHER, SOU MÃE": A ESPERA ANGUSTIOSA.....182

5 "HÁ MUITO TEMPO QUE NÃO ESCREVO EM MEU DIÁRIO": CONSIDERAÇÕES FINAIS.....199

REFERÊNCIAS.....206

1 INTRODUÇÃO

Figura 1: Pátio Externo do Colégio São José, 1948.

Fonte: A7179, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

O tom de sépia da fotografia do pátio externo do Colégio São José, em Caxias do Sul, instituição escolar, que na primeira metade do século XX, dedicava-se à educação de mulheres, fixa a passagem do tempo. Envelhecida e desbotada, a imagem desloca os olhares do tempo presente para os momentos que ficaram num mundo pretérito. O registro de 1948, como indicado nas anotações na parte inferior, capta gestos e expressões de moças estudantes na ocasião da “hora do recreio”. Os sorrisos e a curiosidade contrastam com os olhares sérios e desconfiados. A postura de braços dados propicia os cochichos e transmitem o ar de descontração e de

amizade. Os cabelos curtos e volumosos emolduram as moças de pele branca. A sobriedade e o recato nas blusas brancas e beges, acompanhadas de saias plissadas com comprimento abaixo do joelho e sapatos na cor preta, compõem a vestimenta. Ao fundo, próximo dos pilares, o hábito religioso delata a presença de uma freira, e indica que o colégio fora administrado por uma congregação católica.

Ainda que o uniforme escolar, signo de uma disciplina rígida e controladora, queira remeter a um ambiente homogêneo, os rostos são singulares. Ao percorrer a imagem estática, o olhar alcança pormenores e se interroga sobre a suposta passividade das jovens moças perante o modelo de educação que acentuava a construção de uma mulher dócil, amorosa e dedicada ao lar. Focar os detalhes, sejam os gestos ou as expressões faciais, possibilita formular perguntas sobre as experiências sociais, tramadas em história de vida desordenadas e contraditórias. A fotografia versa sobre narrativas de mulheres, que nas suas práticas cotidianas, agiam com astúcia sobre as brechas, sustentando ou não as normas.

Dentre tantas personagens retratadas na fotografia, uma, em especial, nos interessa. E ela mesma, numa apropriação do objeto por longo tempo guardado, assinala sua localização através da inscrição do seu nome e do ponto central, com caneta na cor azul. Trata-se de Ada Therezinha, 17 anos, filha de uma família de origem italiana e participante da elite empresarial da cidade de Caxias do Sul, cidade na região serrana no Rio Grande do Sul. Ela está ladeada pelo que devem ser amigas do colégio, que são identificadas também com pontos azuis. As anotações gravadas pela moça no verso e na borda inferior da fotografia são marcas de uso e da passagem do tempo e informam sobre a presença criativa e afetiva de Ada perante o objeto guardado.

Cerca de dois anos anteriores a essa fotografia, Ada Therezinha, apaixonada, enviara uma missiva para o jovem

moço Enio Luiz, 17 anos, onde declarou seus sentimentos de amor por ele[1]. A prática das correspondências desdobrou-se na ocasião do namoro e, concomitantemente, ela manteve um diário íntimo, cujas páginas eram espaços privilegiados para expressar os desejos e as expectativas da experiência amorosa. Quatro anos após posar para o registro fotográfico, Ada, em 1952, unia de vez sua vida com Enio numa cerimônia de casamento na Catedral Diocesana, em Caxias do Sul, encerrando os escritos do vivido no diário.

O diário íntimo e as correspondências foram produzidos quando a cidade da Região Colonial Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul, com acentuada presença da Igreja Católica, presenciava um intenso processo de industrialização e de urbanização (MACHADO, 2001). A organização da zona urbana de Caxias do Sul, dentro de um projeto de modernização já sucedido nas grandes cidades brasileiras, apresentava novos espaços de sociabilidade. Outro traço desse projeto de sociedade moderna era a demarcação das condutas femininas na representação da mulher cristã, caracterizada como obediente, submissa ao homem, dedicada ao lar e recatada. Atrelado a esta imagem feminina e a família conjugal moderna, o amor também foi prescrito pela moralidade, com o imperativo do modelo de amor romântico: a paixão intensa entre os namorados e a promessa de felicidade através da união conjugal (PINSKY, 2012).

Ada Therezinha encontrava-se enredada num ambiente regulado por normas que a circunscrevia ao âmbito privado. Os sentimentos, acontecimentos, desejos e idealizações de vida,

---

[1] Os sobrenomes de Ada e de Enio foram preservados, mesmo que seus documentos integram o acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA). Parte-se do princípio que o cuidado no manuseio das informações ali presentes é primordial, visto que os três filhos do casal são vivos e a trajetória da família da moça teve relevância pública e política na cidade.

minuciosamente descritos em suportes de escrita pessoal, eram registros do seu cotidiano e o espaço privilegiado da produção de subjetividade, constantemente em interação com as representações do mundo socialmente construídas. Posterior ao matrimônio, a prática da escrita permanece no registro de memórias como esposa e mãe.

Nesse sentido, a presente proposta de pesquisa tem como problemática analisar o significado dos elementos afetivos e amorosos presentes nos registros pessoais da moça, que contribuíram na cristalização do imaginário da instituição do casamento como sendo a realização da apoteose romântica, representada canonicamente pelo benéfico de um final feliz. Procura-se investigar, a partir de um conjunto de registros pessoais de Ada Therezinha, materializados em diário, cartas e memórias, de que modo eles descreviam traços da experiência de namoro, noivado e preparativos para o casamento. Os registros pessoais levam a elaborar vários questionamentos referentes às práticas culturais, em diálogo com a representação de amor vigente na época, bem como de que forma foram produzidos os sentidos e as condutas específicas à experiência amorosa feminina.

Tendo como recorte temporal o período em que a moça produziu seus registros pessoais, de 1946 a 1952, o estudo também se desdobra em outras interrogações: quais as marcas e as particularidades das relações amorosas desse momento histórico, como expressões da vida cotidiana na sua intimidade? Como o diário íntimo, as cartas e as memórias – práticas da cultura escrita – se articularam a um universo mais amplo das práticas culturais, como da experiência amorosa e do casamento?

As perguntas que norteiam a investigação são ancoradas nos estudos que tem tomado as escritas de si (GOMES, 2004) – memórias, diários, autobiografias, correspondências, entre outros – como documentos históricos,

tornando-as objetos privilegiados de pesquisa. Como propõem Castillo Gomez, tratam-se de ego-documentos, que são os textos produzidos no âmbito privado ou íntimo, nos quais a "gente miúda" (SCHMIDT, 2000, p.52), isto é, os sujeitos ordinários/comuns como Ada Terezinha, registram seus atos, seus pensamentos, seus sentimentos, enfim, fixam suas histórias banais e corriqueiras numa memória material. Aquele ou aquela que escreve assume uma posição reflexiva em relação a sua história e ao mundo onde se movimenta (MALANTIAN, 2008) e à investigação histórica, cabe trabalhar a dimensão subjetiva presente neste tipo de documentação, observando quais foram os olhares assumidos pelo sujeito ao conferir significados a suas experiências vividas (GOMES, 2004).

Uma vez que o diário íntimo, as cartas e as memórias narram experiências comuns de mulheres que também viveram sua juventude nos anos finais da década de 1940 e primórdios de 1950, bem como casaram-se e formaram famílias, a sensibilidade de Ada não pode ser percebida como algo mecânico e homogêneo. A experiência social é um processo mais dinâmico e supõe o modo como um sujeito se relaciona com as condições objetivas, pois diante delas, a produção de significados é muito particular. Chartier (2010), sublinha que

> A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas. Nessas brechas se insinuam as reformulações, os desvios, as apropriações e as resistências. (2010, p. 16)

As considerações de Chartier chamam a atenção para os processos que se situam entre os mecanismos objetivos, constituído de convenções e restrições, e as capacidades

criativas e minúsculas que os sujeitos ou comunidades produzem e inventam em seu cotidiano. A História Cultural, por meio de seu campo conceitual elementar – representação e práticas culturais – propõe pensar a articulação entre os discursos e as práticas e destaca em seus estudos novos sujeitos, os marginais, "caçadores furtivos", que "modificam sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida" (SARLO, 2007, p.16) e que demandam novos documentos passíveis de serem explorados, como aqueles do âmbito privado. Das práticas ordinárias, emergem os sujeitos comuns, cujas histórias de vida extrapolam os itinerários sociais traçados e protagonizam negociações, transgressões e variantes.

Acredita-se que o estudo das representações e das práticas culturais, ancorado, sobretudo, nas obras de Roger Chartier e Michel de Certeau, possa oferecer um percurso para pensar o fabrico de sentidos de Ada Therezinha em relação a sua experiência amorosa, materializada nos ego-documentos. Vários autores apontam que o estudo das representações remete tanto à discussão acerca da produção de condutas e práticas, bem como a questões relativas à própria documentação, que como testemunha do vivido, pode compreender o diário íntimo, as cartas e as memórias como produtores de sentidos.

Segundo Chartier (2002a), as representações referem-se aos modos como uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler em distintos lugares e momentos. Por meio das classificações, divisões e delimitações, os sujeitos elaboram configurações mentais, produzindo diferentes sentidos sobre o mundo e as percepções sobre o real. Quando compartilhadas pelos distintos grupos na sociedade e, ao almejarem à universalidade, as representações indicam que não são desprovidas de neutralidade, pelo contrário, seus discursos delatam os interesses dos grupos sociais que as forjam, produzindo determinadas estratégias e

práticas. Desse modo, as representações seriam os sentidos que os indivíduos e os grupos conferem ao mundo, gerando condutas e práticas culturais e envolvem uma tensão de duas ordens: a imagem presente corresponde ao objeto ausente.

Chartier (2010) faz menção ao trabalho de Louis Marin, que enfatiza que a representação é constituída por duas dimensões, a transitiva (toda representação representa algo) e a reflexiva (toda representação se apresenta como signo visível de algo). Ou seja, do mesmo modo que a representação presentifica uma ausência do real, ela manifesta a sua própria presença como uma imagem. Trata-se de uma construção a partir do real e que comporta o simbólico:

> As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão (PESAVENTO, 2012, p.41).

Nesta medida, uma vez que a representação carrega uma imagem simbólica, sua força na sociedade não é conforme o estatuto de verdade que estabelece com o real. Pesavento (2012) explica que a eficiência das representações se estabelece na sua capacidade mobilizadora, na produção de reconhecimento e de credibilidade social e não na veracidade daquilo que é real. A representação, na sua relação imperativa, faz com que se tome o signo visível como verdade e, assim, produz uma imposição interiorizada, transformando-se em uma “máquina de fabricar respeito e submissão” (CHARTIER, 2002b, p.75). Não obstante, ainda que as representações sejam dotadas de força mobilizadora de condutas e práticas sociais, sua eficácia é subordinada pela percepção de seus destinatários.

Isto é, entre a representação proposta e o modo como ela é recepcionada pelos sujeitos e grupos sociais, há distinções, as já mencionadas brechas, situadas entre as normas e o vivido.

Os estudos de Michel de Certeau contribuem na discussão teórica da presente pesquisa, pois trabalham com as operações astutas e criativas pelas quais os sujeitos inventam o seu cotidiano. As práticas culturais são as "artes de fazer", as "astúcias sutis", os procedimentos minúsculos e cotidianos pelos quais os sujeitos se reapropriam do espaço organizado. São as operações produzidas pelos sujeitos/consumidores em relação aos produtos que lhe são oferecidos, os "modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros" (BARROS, 2011, p.46 e 47).

O modelo polemológico ou de consumo, criado por Certeau, objetiva analisar essas "maneiras de fazer" e envolve duas categorias: a estratégia e a tática. A primeira é designada como o cálculo das relações de forças que enuncia e impõem práticas e, circunscrito a um lugar de poder, articula um espaço físico onde seus cálculos são desenvolvidos, como, por exemplo, uma instituição. Já a tática, é a "arte de dar golpes no campo do outro" (CERTEAU, 2007, p.104), as operações criativas e astutas do fraco na ordem/estratégia do forte. A tática é uma ação sutil e individual, portando fragmentada e que não rompe com a ordem dominante. No entanto, isto não a torna uma ação desprovida de passividade, pois burla e manipula o poder instituído da estratégia.

A noção de práticas reporta a uma história das apropriações, isto é, um horizonte teórico que abrange os modos distintos pelos quais os sujeitos utilizam e manipulam o espaço e a produção sociocultural. Como observa Certeau, somente a análise das práticas de apropriação operadas pelos

sujeitos torna viável apreciar “a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 2007, p.40). É em visto disso a assertiva de Chartier, ao considerar as relações complementares entre representação, prática e apropriação. A ênfase sobre as apropriações permite perceber que “os textos ou as palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores” (CHARTIER, 1992, p.233). As práticas de apropriação mobilizam novos usos ou representações, que nem sempre correspondem aos propósitos daqueles que produzem os discursos. Dialogando com a perspectiva de Certeau, Chartier escreve que “a apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1991, p.180).

Chartier e Certeau estabelecem proximidades no horizonte teórico, pois ambos investigam os procedimentos pelos quais os sujeitos conferem sentidos ao mundo e dedicam-se ao estudo do cotidiano, do sujeito e das práticas ordinárias. Os dois autores contribuem para um campo conceitual que aponta para as particularidades da vida cotidiana e para as contradições dos sujeitos, não os tomando como passivos e disciplinados frente às representações. No processo de apropriação destas imagens, o sujeito é criativo e inventa uma pluralidade de usos.

Desse modo, valendo-se do campo teórico da História Cultural, pode-se abordar o amor romântico, aqui em foco, por meio do conceito de representação, explorando-o como um mobilizador de comportamentos sociais e emocionais, principalmente aqueles relacionados com a prática do namoro, noivado e casamento. O diário íntimo, o conjunto das missivas e as memórias como esposa e mãe apontam para a produção de

significados que Ada Therezinha conferiu a sua experiência amorosa e para os usos particulares em relação às representações que circulavam na sociedade, seja com a sustentação das regularidades ou o fabrico de negociações, desvios e transgressões. Através do processo fixado na tensão entre as produções de sentido que Ada confere as suas práticas e os modelos culturais impostos, o estudo quer ressaltar como essa realidade circunscrita problematiza a experiência feminina do amor romântico com vistas para o casamento.

Os pressupostos teóricos da história da cultura escrita também colaboram para a investigação, pois interrogam sobre as razões pelas quais "se ha hecho uso de la escritura en cada momento y sociedad" e atentem para "la distribución de las capacidades de escribir y de leer, las materialidades de lo escrito, y los distintos lugares, espacios y maneras en los que se ha experimentado su recepción y apropiación" (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p.96). O trabalho se propõe a compreender os registros pessoais de Ada como uma prática social da escrita, observando as circunstâncias de produção e como a materialidade dos objetos escritos incide nos modos de apropriação e produção de sentidos, uma vez que não se pode entender um texto fora do seu suporte material (CHARTIER, 2002a).

No âmbito dos estudos da cultura escrita, Castillo Gómez (2001) e Graña Cid (2001) destacam a atenção necessária ao fator gênero, como um elemento indissociável das relações de poder organizadas em torno do escrito. A linguagem, como elemento privilegiado que possibilita a reflexão de si, se concretiza no texto escrito e é um produto de processos sociais e experiências históricas que criam sentidos e que se refletem na escrita. É por esta razão a assertiva de Virginia Woolf, já nos anos de 1920, sobre a escrita das mulheres, que "escrever elas escreviam, mas livros profundamente influenciados pelo ângulo de onde eram

obrigadas a olhar o mundo" (2012). Graña Cid contribui para a discussão da cultura escrita e mulheres, ao "insistir en la importância de otorgar uma valoración diferenciada a las experiencias femininas, una valoración que tenga en cuenta lo específico de sus circunstancias sociales y de la vida" (2001, p.413).

Ângulos e circunstâncias sociais como o aparato do dispositivo amoroso, suscitado por Swain, pelo qual cria representações ideais do feminino e sujeita as mulheres a modos de ser e de viver reduzidos ao espaço privado. Por amor, elas são dóceis, devotas, amorosas e dedicam-se plenamente ao namorado, ao marido, aos filhos e a família. Buscam, investem e querem gozar de um amor ideal, carregado de emoções e cumplicidade (SWAIN, 2008). O conceito *madresposa*, de Marcela Lagarde y de los Rios também oferece um percurso para pensar a escrita das mulheres e a produção de sentidos de Ada Therezinha, especialmente no cotidiano do casamento, quando a maternidade e a vida conjugal são esferas que incidem na sua subjetividade.

Portanto, a linguagem, materializada na escrita íntima, é o espaço em que Ada estrutura suas experiências vividas e estas, por sua vez, são tramadas de significações que dizem respeito às experiências históricas das mulheres. A memória feminina do escrito é chave de leitura para pensar as percepções da moça sobre uma realidade social do mundo e as construções de significados operados nas práticas de escrita. Sobretudo, porque escrever um diário ou trocar missivas era uma prática de escrita autobiográfica prescrita para as mulheres, num projeto de educação dos sentimentos (CUNHA;BASTOS;MIGNOT, 2000). Perante as representações de mulher e de amor que orientavam a subjetividade e o devir feminino, quais eram as recepções e apropriações de Ada? Adotava a postura de assujeitamento a

esses códigos ou operava com desvios que se distanciavam das regulamentações?

É elementar também a mobilização de outros elementos que constituem o lugar de fala de Ada, como a posição social e a etnicidade de sua família, a escolarização, o aspecto geracional e o religioso. Quem está por trás da voz narrativa do diário íntimo e das correspondências? Ada era uma jovem mulher católica que descendia de família ítalo-brasileira e abastada e estudava numa instituição escolar religiosa de Caxias do Sul. Ela residia na zona urbana da cidade e tinha acesso a uma vida social, com o consumo de produtos culturais, como as casas de cinema. É possível vislumbrar sua vida cotidiana no tempo pretérito, sejam as práticas sociais, os valores ou os hábitos.

Como já observado, quando a moça escreve sobre seu relacionamento amoroso e seus sentimentos por Enio, a narrativa é atravessada por vestígios de experiências históricas femininas. Embora o namoro e o casamento se constituam como um acontecimento singular e único para os dois personagens, a experiência individual contém diferentes *estratos do tempo*, isto é, estruturas que "permitem, condicionam e limitam as possibilidades de ação humana e, ao mesmo tempo, as geram" (KOSELLECK, 2014, p.13). A noção de *estratos do tempo*, elaborado por Koselleck, aproxima-se e refere-se a noção de experiência e explana que qualquer âmbito de vida ou ação humana é tecido por diferentes estruturas de repetição, cujas durações são de curto, médio e longo prazo. A experiência de curto prazo é o acontecimento singular e é sobreposta por uma estrutura de repetição, como, por exemplo, uma história pessoal que remete a um processo mais amplo, as especificidades da experiência geracional. O terceiro estrato do tempo, que se configura como uma experiência de fundo e a longo prazo, é alheio a uma história pessoal; trata-se da experiência histórica. Considerar a

pluralidade de *estratos do tempo* intrínsecos a experiência de Ada é atestar que seus registros pessoais são ancorados na memória individual e que "cabe ao historiador enraizá-la no rol das múltiplas experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva de memória coletiva" (CUNHA, 2000, p.162).

A pesquisa insere-se na perspectiva da História do Tempo Presente, com ênfase nas linguagens e identificações, pois trabalha com práticas da cultura escrita como meios que expressam discursos que constroem e dão sentido ao mundo. Pensar o tempo presente é também considerar que o diário íntimo, as cartas e as memórias de Ada Therezinha, armazenados no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJS), inserem-se num contexto de valorização crescente dos acervos documentais. Diante do sentimento da aceleração do tempo, há uma preocupação em fazer memória de tudo, em arquivá-la (HARTOG, 2013). Ademais, o conhecimento histórico desta pesquisa foi construído "sob vigilância" (DOSSE, 2012), isto é, na copresença de familiares dos nossos personagens, sobretudo porque tratam-se de documentos ambíguos, produzidos no foro íntimo, mas salvaguardados em espaço público.

Os cursos do caminho que desaguaram no estudo da experiência feminina amorosa de Ada Therezinha foram tramados pela composição desordenada e descontínua de fragmentos da minha memória pessoal e de afetos. Em 2010 fui seduzida pelo fascínio extasiante que a obra de Alexandra Kollontai (2002) exerce sobre as mulheres. Nos seus escritos de 1918 e 1921, a revolucionária russa desfiou o amor em provocações muitas: para ela, o amor é, sobretudo, um fator social emaranhado de intencionalidades que variam a cada momento histórico. A sensibilidade pelos papéis guardados é corroborada no gosto pelos rumores entre a extremidade da caneta e as folhas brancas: diário íntimo, missivas, cadernos de

anotações, bilhetes do tempo colegial e escritas poéticas aglomeradas em *blog* foram e são práticas recorrentes. Do meu tecido pretérito, emerge também o costume de guardar memórias pessoais em gavetas, estantes e guarda-roupas. Por fim, a identificação com a construção de conhecimento histórico sobre mulheres desdobrou-se na graduação no curso de Licenciatura em História na Universidade de Caxias do Sul, seja na pesquisa acadêmica, como bolsista de iniciação científica, e na participação em movimentos sociais, especialmente feministas.

O contato inicial com os registros pessoais da moça foi estabelecido no ano de 2013, durante a realização do Estágio IV em História, no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul. O trabalho consistia no reconhecimento de obras raras e coleções especiais através da análise do acervo bibliográfico que até aquele momento, encontrava-se fora do alcance das pesquisadoras e pesquisadores e estava depositado há mais de 20 anos em uma sala sem receber nenhum tipo de higienização. No levantamento bibliográfico, foram encontradas várias anotações de cunho íntimo, escritas por jovens moças em seus livros didáticos. Posteriormente, a busca por indícios relacionados à memória feminina desdobrou-se em acervos pessoais do arquivo e quando se localizou um notável conjunto de cartas, cadernos de recordações, cadernos de anotações e diário íntimo. E assim, folheando o diário, cheirando as marcas do tempo das missivas, bisbilhotando os vestígios de Ada Therezinha, fui arrebatada pelas "malhas do feitiço" [2].

É em consequência desse fascínio que os documentos pessoais geraram sobre mim, que as proposições de Greenblatt

---

[2] A expressão é cunhada no título do artigo de Angela Castro Gomes como provocação para explicar o encantamento que o historiador é submetido diante dos documentos pessoais. Ver GOMES(1998).

(1991) são primordiais para exercitar o ofício da pesquisa histórica. O autor formula as noções de encantamento e ressonância como elementos intrínsecos à construção de conhecimento histórico. O primeiro é concebido como o poder de um objeto gerar surpresa, deleite e admiração no espectador, já ressonância evoca o conhecimento, isto é, a capacidade do objeto provocar reflexão sobre o processo dinâmico e complexo do qual emergiu. Do encantamento pelo passado táctil dos papéis e da familiaridade dos objetos, a ressonância disponibiliza a historiadora o exercício da reflexão e o olhar de estranhamento, o que provoca interrogações sobre as circunstâncias históricas da produção e do consumo dos objetos como o diário íntimo e as correspondências, mobilizados na pesquisa como fontes históricas.

Os egodumentos de Ada Therezinha configuram como um importante acervo para a construção de conhecimento histórico acerca das mulheres, pois são poucos os vestígios produzidos e preservados pelas próprias, principalmente aqueles relacionados ao seu passado ou história de vida, como por exemplo, um diário íntimo. Soihet ensina que a presença das mulheres nos arquivos públicos é limitada em razão da condição restringida a elas no âmbito privado, dizendo que “as mulheres por largo tempo estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das gerações subsequentes” (SOIHET, 2011, p.295).

Em contrapartida, o silêncio atribuído às mulheres tem sido derrubado com os estudos dos denominados arquivos pessoais e familiares, que tem fornecido documentos da memória feminina. Perrot, ao destacar os diários íntimos e as cartas de amor como registros passíveis de estudos, atesta que tais documentos, fadados à invisibilidade, eram renunciados pelas jovens moças na ocasião em que se tornavam casadas, concluindo que memória é sexuada, ou seja, enquanto um produto da história, ela submete-se aos papéis sexuais

masculinos e femininos regulados pela sociedade. A autora certifica que os exemplares preservados são "escombros" perante a constante destruição desta documentação, dizendo que

> Esse gigantesco auto-de-fé foi o destino que se deu à maioria dos escritos privados de mulheres. [...] A imagem das mulheres ateando fogo aos seus cadernos íntimos ou a suas cartas de amor no final de suas vidas, sugere a dificuldade feminina de existir de outro modo que no instante fugaz da palavra, e por consequência, a dificuldade de recuperar uma memória que não deixou rastros. (PERROT, 1989, p.13).

Trabalhar com documentos históricos produzidos pelas próprias mulheres possibilita dar visibilidade pública a elas, ou seja, a sujeitos históricos que foram mantidos durante séculos ao silêncio. Como afirma Castillo Gómez "devolvemos una cierta visibilidade a los muchos protagonistas anónimos del acontecer colectivo" (2000. p.11.). Visibilidades a sujeitos ordinários, como Ada Therezinha, microscópica quase na conflituosa e ampla trama social; e visibilidades as suas escritas ordinárias[3], que não foram elaboradas como uma obra literária para serem prestigiadas pelo público.

Os registros pessoais da moça apresentam características peculiares, o que os tornam distintos em contraste com outros estudos, em especial de diários[4]. Observa-

---

[3] O termo designa as escritas sem qualidades produzidas pelas pessoas comuns e opõem-se as obras literárias, elaboradas para serem prestigiadas pelo publico. Ver CUNHA (2011).

[4] MALUF (1995); VIANA (1995); CUNHA, BASTOS e MIGNOT (2000); MAUAD, MUAZE (2004); CASTRO (2004); VASCONCELOS (2005); e CUNHA (2011).

se que o diário foi dedicado ao namorado, oferecendo elementos para investigar o cotidiano de um relacionamento afetivo e amoroso e a elaboração da subjetividade feminina na fase da juventude. Outro elemento singular é que, simultaneamente à escrita do diário íntimo, Ada trocava missivas com Enio. Algumas das cartas, comparadas com a intimidade do diário, apontam para distintos modos da moça dirigir-se ao namorado para descrever suas experiências vividas e seus sentimentos. Ademais, as memórias de Ada posteriores ao matrimônio foram registradas na condição de mãe e esposa, expondo as fendas do cotidiano da vida conjugal.

O diário íntimo de Ada, as doze correspondências enviadas a Enio e as quatro memórias quando mãe e esposa constituem as fontes históricas de análise privilegiadas para desenvolvimento dessa pesquisa, pois são indicadores do universo de representações e de práticas sociais ligadas ao namoro e ao casamento e revelam aspectos da época em que foram produzidos. Como práticas de arquivamento de si (ARTIÉRES, 1998), eles foram guardados em acervo pessoal, e hoje são conservados à ação do tempo em espaço público, no AHMJSA. Além de guardarem uma memória pessoal na forma de escrita, são sinônimos de uma memória material de Ada, pois dizem respeito a momentos e experiências vividas que foram guardados com afeto. Portanto, o diário íntimo e as missivas são também compreendidos como objetos semióforos (POMIAN, 1998), isto é, objetos que extrapolam os limites da materialidade e utilidade prática e passam a ser investidos de significados por aquelas e aqueles que o manipulam.

A percepção sobre a experiência feminina amorosa da moça é amplificada através da confrontação com outros documentos, premissa usualmente empregada pelas historiadoras e pelos historiadores. Exploradas como fontes adicionais, que tecem o cruzamento de informações com o diário íntimo, as missivas enviadas a Enio e as memórias,

indica-se outros documentos presentes no arquivo pessoal de Ada, como o conjunto de correspondências de amigas e admiradores secretos, fotografias, cadernos escolares, documentos formais referentes ao seu casamento e o caderno elaborado pela própria mãe da moça para a ocasião do casamento de sua filha, formado por inúmeras receitas culinárias e regras de conduta e portador de representações sobre o amor e a mulher. O AHMJSA guarda também no seu banco de memória oral, uma entrevista com Giselda, a mãe da moça. Também são analisadas reportagens da imprensa escrita local, como por exemplo, os jornais "A Época" e "Diário do Nordeste", que tiveram grande circulação na sociedade de Caxias do Sul entre 1946 a 1952. O cruzamento de dados através das reportagens justifica-se pelo caráter informativo dos jornais, uma vez que informam sobre os acontecimentos da sociedade caxiense, e também, em razão das anotações de Ada no seu diário íntimo, que apresentam indícios de que ela era frequentadora das salas de cinema da cidade.

No intuito de encontrar novos vestígios de Ada que ultrapassassem as fronteiras do seu arquivo pessoal, conheci a instituição escolar em que fora matriculada no ginásio, o Colégio São José, onde tive acesso aos boletins de médias mensais e anuais, de 1945 a 1949. Também estabeleci contato com os três filhos do casal, em especial Alexandre, que foi um dos responsáveis pela organização do arquivo pessoal de seus pais. Nas duas ocasiões de conversa informal, concretizados nas dependências do AHMJSA, nas quais chegaram às minhas mãos os álbuns de fotografia de Ada, concernentes a sua juventude, ao casamento e a seus filhos, histórias de vida de sua família foram relatadas. Alexandre disponibilizou importantes informações para a investigação quanto as triagens dos documentos pessoais cometidos em diferentes circunstâncias.

É primordial frisar que, num primeiro momento, o diário íntimo e o conjunto das missivas eram os documentos de análise privilegiados. Após o exame de qualificação, prestado em novembro de 2015, novas fontes históricas chegaram até mim: já mencionadas, tratam-se das quatro memórias elaboradas por Ada Therezinha entre 1965 e 1972, quando era esposa de Enio e mãe de Alexandre, Adriana e Vicente. Doados pela família ao AHMJSA em janeiro de 2016, os documentos foram incorporados na pesquisa, uma vez que apresentavam informações ímpares sobre a experiência amorosa da nossa personagem, problematizando a eficácia do amor romântico com vistas para o casamento, assim como as representações ideais do feminino.

Como forma de ilustrar metodologicamente, abaixo há o levantamento das fontes históricas consultadas e analisadas na pesquisa e suas respectivas tipologias, datação e descrição.

Quadro 1: Fontes históricas consultadas e analisadas

Acervos	Tipologia	Período	Descrição
Acervo pessoal de Ada Therezinha no AHMJSA	Diário íntimo	1950 a 1952	Diário íntimo com anotações de Ada sobre seu namoro e noivado
	Correspondências	1946 a 1950	Conjunto de quarenta e seis cartas de amigas e admiradores secretos para Ada.
	Caderno	1952	Caderno com recortes de jornais e revistas sobre vários assuntos: culinária, moda e conselhos para a mulher do lar. Segundo o doador do acervo pessoal, o caderno foi montado pela mãe da moça para a ocasião do casamento de sua filha.
	Álbum	1945 a 1947	Álbum de poesias e recordações de Ada, no tempo do Ginásio Feminino São José
	Cadernos Escolares	Década de 1950	Conjunto de quatro cadernos escolares de Ada, no tempo da Escola Normal (após o casamento)
	Receitas	Sem data (após o casamento)	Conjunto de 66 documentos (rótulos, livros e encartes) de receitas culinárias.
	Fotografias	1947 a 1952	Conjunto de dez fotografias de Ada.
	Documentação diversa	1952	Conjunto de documentos referentes ao casamento da moça, como convite, certidão de matrimônio, telegramas e cartões.

	Memórias	1965 a 1972	Conjunto de quatro memórias registradas por Ada durante sua vida conjugal.
Acervo pessoal de Enio Luiz no AHMJSA	Correspondências	1946 a 1950	Conjunto de doze cartas de Ada para Enio correspondente ao período que se conheceram e posteriormente namoraram.
	Documentação diversa	Décadas de 1940 a 1990	Conjunto de documentos pessoais de Enio, referentes ao trabalho na Metalúrgica Abramo Eberle S/A e no CDL, como certificados, carteira profissional, atestados e livros.
Banco de Memória do AHMJSA	Entrevistas manuscritas	Décadas de 1990 e 2000.	Entrevista de Giselda, mãe de Ada, concedida ao arquivo histórico em 1993 e de Ulysses Geremia, Ady Rossarolla Schumacher, Níveis Fellipe Sirena e Lilia Dal Corso Girardi para a análise da prática do *footing*.
Hemeroteca do AHMJSA e Hemeroteca Digital Brasileira	Periódicos	1950 a 1952	Conjunto de jornais que circularam na cidade de Caxias do Sul: - A Época, edição de 29 de outubro de 1950; - A Época, edição de 24 de janeiro de 1952; - Diário do Nordeste, edição de 03 de junho de 1951;

Acervo do Colégio São José	Relatórios	De 1945 a 1949	Quatro livros com relatórios do Ginásio Feminino de 1945, 1946, 1944/1947/1948/1949 e 1948/1949. Verificou-se os currículos escolares e os boletins de médias mensais e anuais de Ada Therezinha.
Acervo pessoal de Alexandre	Álbuns de Fotografias	Décadas de 1930 a 1960.	Conjunto de cinco álbuns de fotografias: - Álbum de infância de Ada - Álbum de juventude de Ada - Álbum de juventude de Enio - Álbum de casamento de Ada e Enio - Álbum de infância de Alexandre

Fonte: Produção da autora.

O corpo da dissertação está estruturado em três capítulos, nos quais serão entrecruzados fragmentos do diário íntimo, do conjunto das missivas e das memórias de mãe e esposa como propósito para ressaltar a produção de sentidos que Ada Therezinha conferiu a experiência de namoro e casamento, sejam os gestos que sustentaram os modelos culturais ou os desvios que transgrediram as regulamentações. A memória material da moça é tomada como vestígios do passado que auxiliam na tecidura de aspectos de sua trajetória.

No primeiro capítulo, exploro a produção material e simbólica dos conjuntos documentais de natureza pessoal e analiso as peculiaridades do diário íntimo e do conjunto de missivas como práticas da cultura escrita. A constituição do

arquivo pessoal de Ada formula interrogações sobre as motivações que levam alguém a produzir e arquivar ego-documentos e as configurações decorrentes do seu deslocamento para o espaço público. Da escrita diarística e epistolar, são frisadas os usos distintos e como a materialidade dos suportes sustentam os modos da escrita pessoal.

O segundo capítulo se volta para a análise da produção de significados que Ada conferiu à etapa do flerte e, posteriormente, do namoro. A confrontação do diário íntimo e das cartas amorosas com as informações provenientes de outros documentos do arquivo pessoal dão indícios das brechas que eram orquestradas pela moça entre as tramas das normas e do vivido. O capítulo privilegia também as práticas cotidianas de um relacionamento amoroso, os espaços de sociabilidade evidenciadas nos registros pessoais e as representações de amor romântico que circulavam e que eram apropriados pela moça.

No terceiro capítulo são investigados o noivado, o enlace matrimonial e a vida conjugal, com ênfase para os usos singulares de Ada em relação as representações de mulher vigente na sociedade daquela época e a produção de sentidos diante das etapas finais de sua experiência amorosa. Sua narrativa sentimental finda com o casamento, que insere os amantes numa trajetória comum, com a formação de uma família. O último subcapítulo se detém sobre as quatro memórias produzidas por Ada como mãe e esposa.

Investigar a produção de sentidos de Ada Therezinha é uma forma de interrogar como uma realidade circunscrita problematiza a experiência feminina do amor. O estudo, ao valer-se de um corpus documental formado de ego-documentos, constitui-se de um convite para as historiadoras e os historiadores refletirem sobre a dinâmica social como uma trama complexa e contraditória, fabricada também nas maneiras singulares do cotidiano e da narração do vivido.

2 “MAIS TARDE SERVIRÁ PARA RECORDARMOS A MOCIDADE: A ARQUIVISTA E OS EGO-DOCUMENTOS

Caxias do Sul, cinco de outubro de 1950. Quinta-feira. A temperatura amena daquela noite de primavera contrastava com o frio intenso do inverno, próprio desta cidade serrana do Rio Grande do Sul. Recolhida no seu quarto e sentada à escrivaninha, Ada Therezinha, uma moça de 19 anos, observava o caderno escolar. Poderia ser um suporte de escrita qualquer. O primeiro gesto da moça ao abrir o caderno, foi apanhar a caneta tinteiro e, na página inaugural do caderno, anotar seu nome e sobrenome, a cidade e o ano. As próximas linhas dedicou à grafia de letras maiúsculas e artísticas para compor as palavras “Meu diário”. O caderno escolar transformava-se num repositório de lembranças. Ao folhear a página, escreveu com precisão o local e a data e prosseguiu:

> “Quanta coisa passou, está a passar e passará... quantos fracassos, mas quanta ilusão ainda... quanta dor, mas quanto consôlo, sofrimento, mas alegrias, revêses, mas enfim quanta ventura ainda...”. É com esse pensamento q. começo meu diário, aos 5 de outubro de 1950. Até aqui tudo tem passado, de um lado lindo, de outro regular. Desde os 24 de Maio do corrente ano, sinto-me outra, suporto com mais calma os revezes da vida pois alguém me conforta, me anima. Esse alguém é a pessoa que tomou conta de meu coração, escravizou-o não deixando ser de mais ninguém. Tenho tido há tempos atráz procurado esquece-lo, querendo, tentado amar outro alguém... mas qual, cada palavra, cada gesto deste alguém, eu revia uma ventura tão grande q. havia perdido, e ria, ria para não chorar para sentir q. eu era

> feliz, quando meu peito era um vulcão de tortura. No entanto a "ventura", ventura sempre esperada voltou com mais força e brilho e hoje sou feliz...mas só ao teu lado! Foi com o pensamento voltado para ti, Enio, q. comecei esse diário, preenchendo esse espaço vazio, que mais tarde servirá para recordarmos a mocidade...[5]

Foram com as imagens projetadas em Enio Luiz que Ada Therezinha, extasiada e arrebatada pela paixão, iniciava a prática da escrita íntima no seu diário. No calar dessa noite, o que latejava no interior da moça, escorria pela extremidade da caneta e inventava um território de expressão. E foi ali, na materialidade das folhas brancas, que Ada dedicaria minutos e horas de seu cotidiano para expressar as alegrias e os reveses de sua vida, em especial do seu namoro. O diário íntimo acolhia o tempo pretérito e captava em flagrantes memórias muitas: dos momentos excepcionais, "suspirados", "ansiados" e compartilhados com Enio, que irromperam como "um sol resplandecente e lindo numa bela manhã de verão", aos ocorridos banais, como as consultas médicas com o dentista, decorrente de uma insuportável dor de dente. Abaixo, Ada Therezinha em 1950, no ano em que iniciara a escrita diarística:

---

[5] Os trechos extraídos dos documentos utilizados na pesquisa histórica foram transcritos de forma literal, obedecendo as regras gramáticas da época de sua produção e as palavras utilizadas pela autora. A fim de favorecer a leitura e a visualização dos documentos, a reprodução dos trechos no corpo da dissertação será mediada pela alternância de duas configurações, a citação textual e a imagem.

Figura 2: Retrato de Ada Therezinha, 1950

Fonte: ALE 029, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Nos anos anteriores, quando matriculada no Ginásio Feminino no Colégio São José Ada trocara correspondências com Enio, nas quais manifestava seus desejos e suas expectativas no momento do flerte. A moça tinha 15 anos e Enio, que trabalhava na Metalúrgica Abramo Eberle & Cia, era um jovem de 17 anos. Se para Fernando Pessoa, na voz de

Álvaro de Campos, todas as cartas de amor são ridículas,[6] as missivas de Ada exibiam palavras docemente espontâneas e criativas. A prática epistolar perdurou na ocasião do namoro e, concomitantemente, Ada manteve seu diário íntimo, desdobrando seu *eu* em vozes distintas e heterogêneas.

As residências dos dois jovens, localizadas no centro de Caxias do Sul, eram muito próximas: 400 metros separam a moradia de Ada, na Rua Júlio de Castilhos e a de Enio, na Alfredo Chaves. A moça residia no casarão de seus avós maternos, Vicente e Teresa, desde 1934, quando sua mãe Giselda regressara de Porto Alegre com as duas filhas, Ada e Izídia, em consequência do falecimento precoce de seu esposo, Duccio Ulderico. O segundo andar do casarão era ocupado por Hugo (tio) e sua esposa; já no térreo Ada era ladeada pelas mulheres da família: Teresa (avó), também viúva, Giselda (mãe), Maria, tia e solteira, e Izídia (irmã).

---

[6] Poesia "Todas as cartas de amor", de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa: "Todas as cartas de amor são/ ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. Também escrevi em meu tempo cartas de amor, como as outras, ridículas. As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas. Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas. Quem me dera o tempo em que escrevia, sem dar por isso, cartas de amor ridículas. A verdade é que hoje, as minhas memórias, dessas cartas de amor, é que são ridículas. (Todas as palavras esdrúxulas, como os sentimentos esdrúxulos, são naturalmente ridículas" (PESSOA, 1972).

Figura 3: Residência de Ada e sua família na Júlio de Castilhos, 1296 (seta vermelha)

Fonte: http://caxiaspormancuso.blogspot.com.br/2015/06/av-julio-entre-alfredo-chaves-e-guia.html. Acessado em 04 de outubro de 2015.

O casal *flâneur*[7] poderia perambular pelas principais ruas do núcleo urbano, que desaguavam no coração da cidade, a Praça Dante Alighieri – na época chamada de Rui Barbosa. Ao caminharem pelas ruas, Ada e Enio poderiam experimentar as paisagens e as diversões que compunham a vida moderna e urbana, como um passeio romântico nos "jardins magníficos" da praça de "fonte iluminosa" e "roseirais floridos"[8] ou

[7] *Flâneur* é o sujeito que perambula pelas ruas, observa a cidade e experimenta um espaço urbano remodelado pelas transformações decorrentes do processo de modernização. O termo traduz o espírito das mudanças oriundas do capitalismo, que caracterizaram as cidades do mundo ocidental a partir do século XIX. Ver: BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

[8] As palavras em itálico que descrevem a Praça Dante Alighieri foram retiradas do periódico *A Época*, 29 de outubro de 1950, edição nº 764.

conferirem uma sessão *matinée*, nas tardes de domingo no Cine Theatro Central. Poderiam prestigiar "A Canção de Bernardete", drama estrelado por Jennifer Jones ou a "mais formidável comédia já produzida nos estúdios brasileiros", a obra cinematográfica "Carnaval no Fogo"[9]. Nas noites de terça-feiras, caso frequentassem o Cinema Guarany, assistiriam filmes hollywoodianos e Ada não pagaria seu ingresso na sessão especial "Dia da Dama", quando senhoras e moças entravam gratuitamente.

Figura 4: Avenida Júlio de Castilhos e Praça Dante Alighieri, 1950-1955

Fonte: SAL 006, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

[9] Os filmes citados são algumas das obras cinematográficas que o casal assistira nas casas de cinema de Caxias do Sul e que foram registradas por Ada em seu diário íntimo. A descrição do filme "Carnaval do Fogo" foi retirada do periódico *A Época*, 24 de janeiro de 1952, edição nº 893.

Se frequentes foram as tardes e noites nas casas de cinema de Caxias do Sul, os escritos de Ada no diário íntimo tornaram-se cada vez mais raros, após seu noivado com Enio, até transformarem-se em folhas em branco. O tempo dedicado aos recônditos escritos do amor rendeu-se às ocupações preliminares do matrimônio, como a confecção do enxoval. Do casamento – concretizado em fevereiro de 1952, na Catedral Diocesana, em Caxias do Sul –, restou apenas a lista de convidados, registrada nas últimas páginas do diário íntimo e cercada por outras marginálias, como o cardápio do enlace matrimonial, requintado de camafeus, quindins e tortas de morangos. A última etapa da narrativa do amor romântico consumia-se: Ada, com 20 anos, e Enio, aos 23 anos, adentravam na vida de casados, com a constituição de uma nova família.

2.1 ARQUIVAMENTO DE SI E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

O matrimônio pôs fim aos escritos do vivido, mas o desejo de rememoração das lembranças, expresso nas palavras da moça e que inauguram o presente capítulo, consumou-se no exercício silencioso e minucioso de guardar. Ada conservou seu repositório de memórias – o diário íntimo – junto a outros documentos pessoais que "*recordavam a mocidade"*, e Enio, por sua vez, zelou com cuidado a guarda de doze cartas que recebera à época (1946 a 1950), da moça. Hoje, conservados à ação do tempo, constituem, junto a um amplo conjunto de documentação pública e particular, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul.

O que contam o diário íntimo e as cartas? A aparente mudez desses ego-documentos[10] nos conduz a um mundo pretérito, dotado da tessitura de tramas cotidianas e da produção de significados, numa mediação entre passado e presente. Uma realidade passada torna-se acessível, uma vez que o diário íntimo e as cartas são vestígios de sensibilidades circunscritas num tempo e espaço. Ao contemplá-los e percebê-los como objetos de memória, o exercício da reflexão propicia a elaboração de perguntas sobre as circunstâncias históricas de produção e de consumo desses suportes da cultura escrita, como a produção de significados pelos sujeitos que os produziram. "Significados que não se encontram imediatamente revelados ao nível da experiência sensível, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação" (ABREU, 1996, p.28).

A constituição do arquivo pessoal de Ada e de Enio formula interrogações sobre as motivações do processo de produção e acumulação documental, já que o gesto de guardar documentos é atravessado por uma fabricação material e simbólica. É também importante sublinhar quais são as configurações do arquivo pessoal do casal, decorrentes do seu deslocamento para o espaço público. Por que estes objetos foram guardados? Quais as condições e motivações que permearam a doação para o arquivo público? Como se caracteriza essa instituição? Como esses objetos foram dispostos e organizados?

O diário íntimo de Ada Therezinha e o seu conjunto de missivas enviadas a Enio são ego-documentos, portanto de

---

[10] De acordo com Silva (2015), o termo egodocumento foi cunhado em 1958, pelo historiador Jacob Presser, para designar as formas de expressão escrita dos sentimentos e experiências pessoais. O conceito, no âmbito da produção historiográfica, repercutiu nos estudos das cartas, diários, crônicas da família, diário de viagem, entre outros.

proveniência/natureza pessoal e relativos à história de vida da moça, sejam as vivências, sentimentos ou pensamentos. São compreendidos no âmbito dos arquivos pessoais, isto é, os conjuntos de papéis e material audiovisual ou iconográfico reunidos no decurso da vida de uma pessoa (BELLOTO, 2004). Constituir um arquivo pessoal é concernente à sociedade grafocêntrica, com o imperativo da escrita na vida dos sujeitos. As práticas da cultura escrita são sustentadas pelas escolas e a burocracia civil necessita registrar nossa existência com a gestão e guarda de papéis. Belloto explica que um arquivo pessoal é constituído de dois momentos distintos, cujos usos respondem a diferentes motivações. O primeiro momento corresponde ao processo de acumulação documental e sua utilização no cotidiano, como uma forma de comprovar a existência civil do sujeito perante as instituições ou um modo de remeter a seus relacionamentos com pessoas. No segundo momento, o da preservação, o arquivo pessoal extrapola a finalidade jurídica, profissional ou pessoal do seu titular e seu uso é destinado a pesquisa científica, realizada por terceiros.

A análise de Heymann ajuda a pensar as etapas de um arquivo pessoal. A autora acentua a necessidade de investigar as especificidades do processo de acumulação documental, processo este que se caracteriza como uma prática dinâmica operada em diferentes temporalidades e por diferentes motivações e que expressa a relação dos titulares com a guarda dos seus papéis ao longo dos anos. Seus apontamentos sugerem a análise do trajeto percorrido pelos documentos, da acumulação documental operada pelo titular à organização do arquivo pelo profissional:

> Entre os procedimentos que, hoje, me parecem mais importantes, encontram-se o levantamento da história de cada fundo, o contato com as pessoas envolvidas na acumulação, ordenamento e guarda dos papéis – antes e

> depois da morte do titular –, bem como o investimento nas intenções, projeções e expectativas depositadas no arquivo por esse último, tanto no momento em que seleciona documentos para serem guardados como depois, ao vislumbrar a possibilidade de atribuir a seu acúmulo documental um valor histórico ou patrimonial (HEYMANN, 2009, p.55).

Na fase de acumulação documental, o titular arruma a papelada e os objetos, realizando triagens que são guiadas por intenções sucessivas e distintas, conforme as circunstâncias da vida, como um casamento, o momento de abandonar o teto familiar ou a ocasião da morte de algum familiar. "E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós" (ARTIÉRES, 1998, p.10). Após a morte do titular, ocorre a interferência dos familiares, que resulta num rearranjo do acervo e, quando os conjuntos documentais são doados a uma instituição que abrigue acervos históricos, outros atores, como arquivistas e documentalistas, interferem no acervo, organizando-os de um modo que resposta as demandas oriundas da pesquisa histórica (HEYMANN, 1997). Essas interferências permitem refletir sobre a suposta trajetória do sujeito, expressa na configuração dos acervos pessoais em instituições públicas, dado que a prática de guardar e preservar documentos é permeada por sucessivas manipulações e triagens.

Quando rastreado o trajeto do diário íntimo e do conjunto de missivas, percebe-se que, do gesto de guardar à doação a instituição pública, os ego-documentos percorreram as etapas de acumulação, de triagens e de preservação, constituindo um arquivo pessoal. Para além de guardar memórias pessoais na forma de escrita, o conjunto documental é sinônimo de uma memória material de Ada e Enio. É também um conjunto de vestígios materiais que evocam e que contam

outras histórias da moça, como seus momentos amistosos com as colegas do Colégio São José ou o cotidiano depois do matrimônio, como uma esposa e mãe de três filhos.

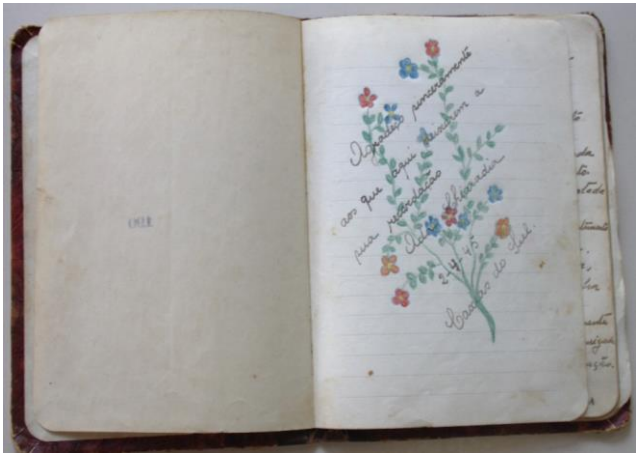
A julgar pela quantidade de documentos que guardou – são mais de 300 documentos que compõem seu arquivo pessoal no AHMJSA –, Ada preocupou-se em eternizar sua memória individual. São vestígios de sua vida pessoal e familiar, que cobrem o período que vai de 1939 a década de 1980. Há lembranças da primeira comunhão, telegramas de formatura do ginásio, recortes de jornais e revistas, título de eleitor e fotografias. É numerosa a quantidade de santinhos guardados e receitas culinárias, sejam os rótulos de Leite Moça ou os livros e encartes da "cozinha Royal" e "Marmicoc – Panelas à Pressão". Nas correspondências, ganham notoriedade as declarações de admiradores secretos no tempo escolar e o conjunto epistolar do amigo do Rio de Janeiro, Haroldo.

O lugar afetivo conferido ao prazer das amizades compartilhadas na juventude e aos anos de estudante é comprovado pela preservação de cartas trocadas com amigas, cadernos escolares, manuscritos de poesias, cadernos de recordação e questionário. Ada expressava e registrava seu afeto pelas amigas em diferentes suportes. A memória de amizades, no intuito de imortalizarem uma época ou registrar uma marca, eram guardadas no caderno de recordações, também chamados de álbuns de poesia e bastante frequentes desde os finais do século XIX até os anos 1960 (CUNHA, 2010). Estes álbuns funcionavam como "mediadores básicos dos afetos que circulava entre os amigos escreventes" (CUNHA, 2010, p.349). Já as cartas eram os meios que Ada e suas amigas usufruíam para comunicarem-se diante da distância e fortalecer os laços de amizade.

O conjunto abundante dessas "autobiografias materiais" (CALLIGARIS, 1998) acumuladas saltam à vista da historiadora e apontam para sua importância como fontes

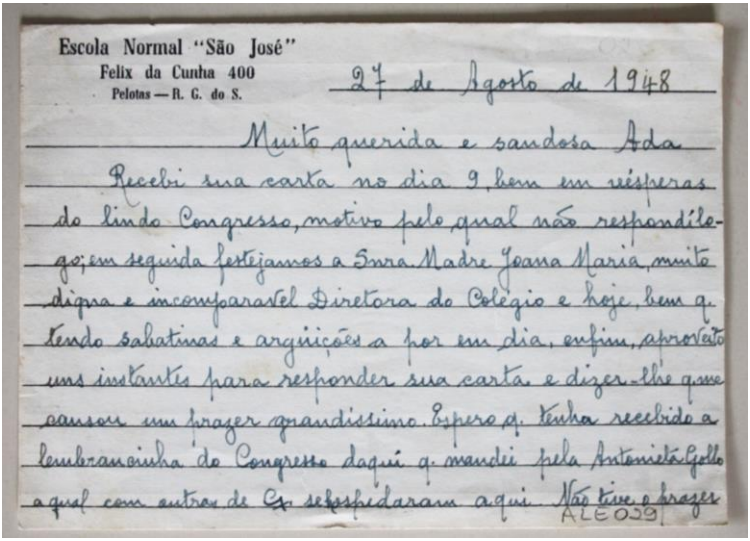
documentais de pesquisa em áreas do saber acadêmico. Sem dúvida, como aponta Arlette Farge, a “descoberta de um arquivo é um maná que se oferece” (2009, p.15), maná este composto por fragmentos de memória viva, que se transformam em objetos-relíquias, dotados do poder de recordar amizades e amores (RANUM, 1992) e objetos biográficos, que envelhecem com suas donas ou donos e que representam aventuras afetivas (BOSI, 2003).

Figura 5: Álbum de poesias e recordações de Ada, 1945 a 1947



Fonte: ALE 481, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 6: Carta de Irmã Luisa Olímpia para Ada, 27 de agosto de 1948



Escola Normal "São José"
Felix da Cunha 400
Pelotas — R. G. do S.

27 de Agosto de 1948

Muito querida e saudosa Ada

Recebi sua carta no dia 9, bem em vésperas do lindo Congresso, motivo pelo qual não respondi logo; em seguida festejamos a Snra. Madre Joana Maria, muito digna e incomparavel Diretora do Colegio e hoje, bem q. tendo sabatinas e arguições a por em dia, enfim, aproveito uns instantes para responder sua carta e dizer-lhe que causou um prazer grandissimo. Espero q. tenha recebido a lembrancinha do Congresso daqui q. mandei pela Antonieta Gollo a qual com outras de Cx. se despedaram aqui. Não tive o prazer

ALE 029

Fonte: ALE 029, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 7: Capa do caderno escolar de música

Fonte: ALE 483, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 8: Livro Instruções e Receitas "Marmicoc" - Panela à pressão

Fonte: ALE 261, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Os papéis guardados por Ada, como marca autobiográfica, expressam as relações entre mulheres e homens no tempo, como as representações do feminino. São modos de registro e de presença das mulheres nos arquivos, relacionados a sua condição e ao seu lugar na família e na sociedade. Para Michelle Perrot (1989), a memória, como um produto da história, é sexuada, pois está submetida as construções históricas femininas e masculinas. Própria de quem, no papel de mulher, assume futuros papéis de dona-de-casa, esposa e

mãe, Ada preenchia um tempo para a atividade de organizar, sistematizar e preservar afetos na forma material. Era preciso, pois, educar as meninas, instruí-las de sensibilidades e valores morais. São memórias do privado, do doméstico, do íntimo. Vestígios de uma jovem apaixonada e mulher que desempenhou o papel de mãe, dona de casa e esposa: do caderno de recordações, cruza-se pelo diário íntimo dedicado ao namorado até as receitas culinárias.

O diário íntimo da moça e as cartas que enviou a Enio não são os únicos vestígios de sua narrativa sentimental. Há documentos relacionados ao casamento, como o convite, o contrato e papéis de felicitações pela ocasião, sejam cartões, fonogramas ou telegramas. E também o caderno elaborado manualmente pela mãe da moça, com recortes de jornais e revistas de assuntos diversos, como moda, culinária, casa e educação das filhas e dos filhos. Ainda que essas fontes não sejam privilegiadas na pesquisa histórica, elas são indicadores importantes do universo de práticas culturais ligadas ao namoro e quando contrastadas com o diário íntimo e as cartas, revelam importantes informações e aspectos da época.

Ao arquivar sua vida, Ada imortalizou uma época e produziu representações e marcas de si mesma. Os objetos autobiográficos que compõem seu arquivo pessoal engendram uma proposta de leitura associada a imagem que ela quis preservar de si mesma. À constituição da memória material há a intenção de perpetuar-se, de “forjar uma glória” (RIBEIRO, 1998, p.35). Artières percebe nesse procedimento a produção de subjetividade:

> Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de

> subjetivação. [...] Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÉRES,1998, p.11).

Ademais, a produção de subjetividade aponta para os significados simbólicos depositados nos ego-documentos de Ada – o diário íntimo e as cartas –, pois dizem respeito a momentos e experiências vividas que foram guardados com afeto. Como objetos semióforos (POMIAN, 1984, 1998), extrapolam as fronteiras visíveis da materialidade e utilidade prática e, investidos de significados por aquelas e aqueles que o manipulam, passam a reportar a ordem do invisível. Para Pomian, diferente dos objetos úteis, que são manipulados e consumidos para uma utilidade prática, os objetos semióforos não apresentam mais valor de uso e são compostos de duas ordens, a material (o suporte) e a significante (os signos).

Na época em que as páginas brancas do diário íntimo foram dedicadas aos escritos do vivido ou que as cartas foram produzidas para um destinatário amoroso, os ego-documentos eram objetos manipulados de acordo com a sua função primária, a utilidade prática. Como artefatos provenientes da relação humana com a cultura material (FUNARI,1993), também exerciam sua função secundária, fixada na ordem do simbólico: eram apropriados e investidos de valores pela moça com as substâncias do seu cotidiano, como os ocorridos e os sentimentos. Por fim, quando arquivados em arquivo pessoal e, posteriormente, doados ao AHMJSA, os objetos foram destituídos de valor de uso e, expostos ao olhar e ao contato dos possuidores ou pesquisadores, adquiriram novos e particulares significados, como os traços evocativos das memórias.

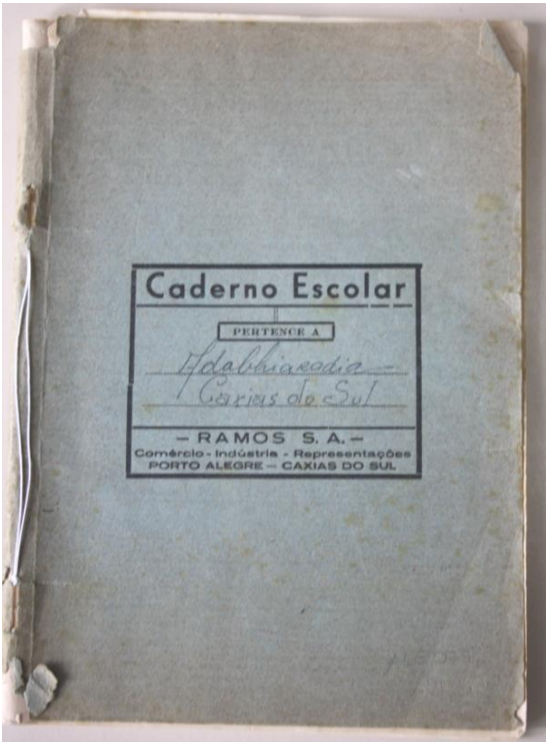
Ao escrever sobre a história da cultura material escolar, a professora Rosa Fátima de Souza, registra que para as historiadoras ou historiadores que trabalham com esta temática, é relevante preocuparem-se tanto com “as representações, os valores, os significados e as apropriações quanto a materialidade, os processos de produção, as tecnologias e a circulação dos objetos” (SOUZA, 2007, p.69). A autora destaca os estudos que tratam do consumo dos artefatos materiais e faz menção ao termo biografia das coisas, noção empregada por Igor Kopytoff (2008), cuja análise privilegia o processo de singularização dos objetos no contato com seus consumidores. E também atenta para a circulação dos bens materiais, como os artefatos que são produzidos para o uso escolar, porém são apropriados fora dos muros das escolas ou aqueles que realizam o movimento inverso; seus usos sociais são diversos e, ao adentram no mundo escolar, adquirem outras finalidades.

Desse modo, os apontamentos de Souza auxiliam na abordagem analítica do conjunto das missivas e do diário íntimo. Procura-se observar os usos e a produção de sentidos que Ada e Enio operaram diante dos artefatos. O suporte do diário íntimo, por exemplo, é um caderno escolar, um objeto do universo da escola, produzido para uma situação precisa, o uso em sala de aula. Cunha (2011), ao estudar dois diários pessoais dos anos 1960, também constata a prática de subtrair do próprio material escolar um suporte para a escrita de si. Ada, ao adquirir o caderno escolar para outra finalidade, acrescenta novos significados simbólicos: de artefato escolar, o caderno transforma-se num objeto impregnado de afeto, um repositório de memórias que atesta a passagem do tempo.

Na figura abaixo, que reproduz a capa do diário íntimo de Ada, constata-se que a parte central oferece um espaço para o possuidor registrar o seu nome e o seu sobrenome. Logo abaixo, as inscrições “RAMOS S.A”, “Comércio – Indústria – Representações” e “PORTO ALEGRE – CAXIAS DO SUL”

apontam que o caderno escolar foi produzido pela indústria regional. São indicativos da materialidade do suporte gráfico que, numa observação inicial, tornam o caderno bastante comum e pouco chamativo, no entanto os sinais do uso do objeto, expresso, por exemplo, na grafia do nome, sobrenome e cidade da dona, sugerem que ela o tornou um artefato singular e único, investido de sentidos.

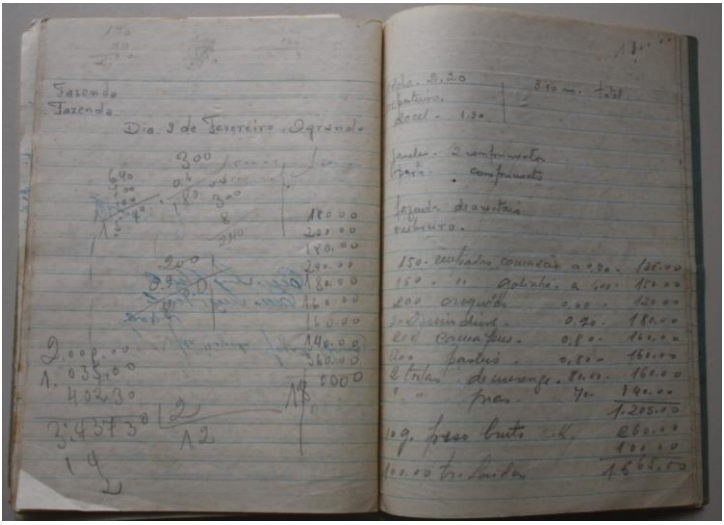
Figura 9: Capa do diário íntimo de Ada



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

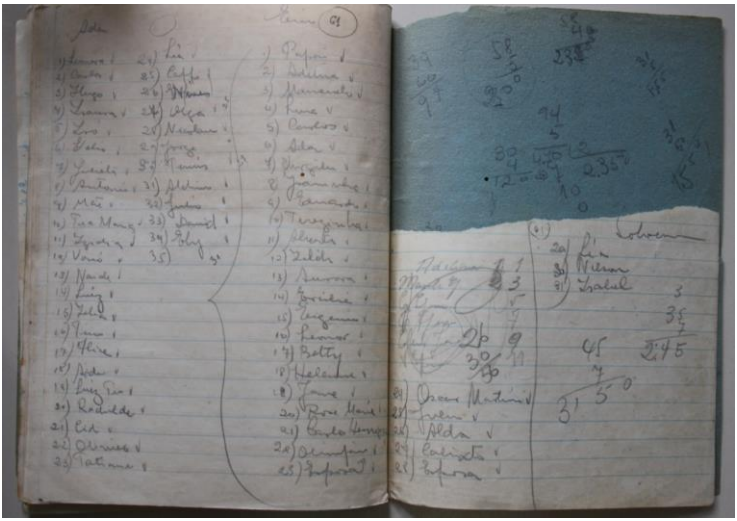
De caderno escolar a diário íntimo. De diário íntimo a caderno de anotações. É o que as últimas páginas do, então, diário íntimo oferecem como constatação: após o último registro, escrito em 16 de agosto de 1951, há rabiscos diversos, que remetem ao casamento, como a lista de pessoas convidadas para o enlace matrimonial, organizadas em colunas e as equações matemáticas referentes a quartos, fogão, chuveiro e armários ou camafeus, empanados de frangos, quindins e tortas de morangos. Embora essas páginas não disponibilizem informações dos dias, meses ou anos, nas quais foram rabiscadas, é possível presumir que os rabiscos foram produzidos próximos da ocasião do casamento, concretizado em nove de fevereiro de 1952. Se, num primeiro momento, o caderno escolar foi consumido como um suporte de escrita de si, desta vez, Ada transforma o diário íntimo em um espaço de anotações ordinárias, cujo verbo de ação deixa de ser registrar ou guardar e passa a ser rabiscar ou rascunhar, produzindo outros sentidos para o suporte.

Figura 10: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 11: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada

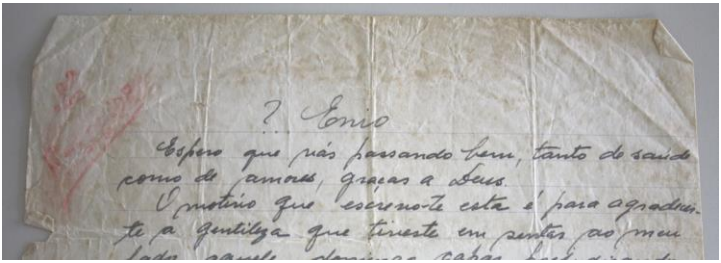


Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Às missivas que Ada trocou com Enio, também são conferidos significados. Remetidas para o objeto de afeto da moça, a preservação ou destruição das correspondências é controlada pelo seu receptor que, neste caso, é Enio. É ele o destinatário, portanto aquele que seleciona, descarta e institui o conjunto de cartas que registrarão no futuro o mundo pretérito de sua juventude. Presumindo sobre as razões pelas quais as cartas foram preservadas, há, no ato de guardar, a intenção de documentar a memória afetiva. O conjunto das 12 missivas diz respeito a sua experiência vivida e tanto corresponde ao período de flerte ou paquera, ocasião em que os dois jovens desfrutavam do contato inicial com bastante expectativa, quanto ao namoro, com suas felicidades e desavenças.

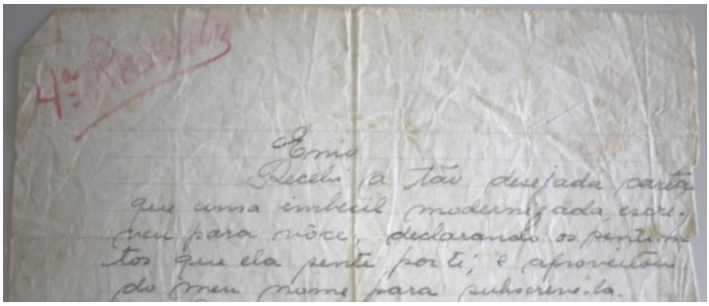
Desse conjunto, sete cartas requerem análise minuciosa, visto que recebem inscrições manuais na cor vermelha: “1ª recebida”, “2ª recebida”, “3ª recebida”, “4ª recebida”, “5ª recebida”, “6ª recebida” e “7ª recebida”. Abaixo, a reprodução parcial da “2ª recebida” e da “4ª recebida”, com as inscrições localizadas no canto superior esquerdo das cartas.

Figura 12: Excerto da carta “2ª recebida” de Ada para Enio



Fonte: ALE 271, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 13: Excerto da carta “4ª recebida” de Ada para Enio



Fonte: ALE 273, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

As inscrições na cor vermelha operam como indícios de uma organização do conjunto de missivas, o que faz elaborar

questionamentos, como de que o próprio Enio poderia ter realizado a tarefa de escrever, dispondo as missivas na ordem em que as recebera e constituindo um arquivo pessoal. Esta configuração é vestígio de uma primeira triagem e anuncia uma possível relação que o titular manteve com os documentos guardados e os sentidos que lhes foram atribuídos. Enio não conservou as missivas de qualquer maneira, pois como aponta Artières, no processo de arquivamento de nossas vidas, "fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens" (1998, p.11).

O conteúdo temático, as expressões de afeto e os protocolos epistolares como a saudação e o fecho indicam que as cartas foram trocadas durante o flerte. Quanto às informações cronológicas, há uma lacuna, pois somente a "4ª recebida" consta data (09 de agosto de 1946). Todavia, é possível apontar que as outras missivas também foram produzidas próximas a esta data, uma vez que responder as cartas recebidas é o cerne do pacto epistolar (GAUSTAUD, 2009). A produção de correspondências era sucessiva, pois ambos respondiam, consolidando a reciprocidade do pacto: Ada comentava o conteúdo da missiva que recebera de Enio na carta e, logo em seguida, enviava a ele.

Como receptor das cartas, portanto titular dessa documentação, Enio conferiu ao ato de guardar um modo de registrar suas experiências vividas. No AHMJSA, o conjunto dessas missivas está agrupado num mesmo maço, junto a outros documentos do titular. Já o diário íntimo de Ada localiza-se num invólucro que concentra o seu arquivo pessoal. O inventário analítico[11] informa que o diário íntimo e as missivas, foram reunidos num mesmo fundo, de Enio, e que a

[11] O Inventário Analítico do Arquivo Particular de Enio foi elaborado pela curadoria de Jovita Galeão Santos Sampaio, do AHMJSA.

instituição aplicou o princípio de proveniência[12], com a preocupação de conservar a integridade do acervo, evitando o seu desmembramento ou a dispersão em fundos de origem diversa.

A organicidade do conjunto documental, como premissa da prática arquivística, atenta para os vínculos que ligam os documentos entre si e os vínculos que unem os documentos com o contexto em que foram produzidos (CAMARGO, 2009). Como já apontado, também é relevante observar as circunstâncias em que os documentos de natureza pessoal foram doados e organizados num fundo, durante o seu deslocamento para uma instituição pública.

O AHMJSA, instituição que abriga o arquivo pessoal de Ada e de Enio, nos quais estão localizados o diário íntimo e o conjunto das missivas, tem como prática arquivística o recolhimento de documentos de caráter pessoal, com o empenho junto às famílias que herdaram os arquivos dos titulares. O interesse em preservar acervos pessoais de pessoas comuns, não ilustres, disponibiliza aos pesquisadores a consulta e o acesso público a essas fontes e contribui para o desenvolvimento de pesquisas de caráter histórico, em especial sobre os sujeitos comuns. A política de salvaguarda adotada pelo arquivo em relação aos documentos pessoais é uma das fendas entre um tempo passado e um tempo presente que, diante do sentimento da aceleração, é obcecado pela memória e pela patrimonialização e arquivamento de tudo (HARTOG, 2013). Da preocupação compulsiva em salvaguardar a memória do esquecimento, Cunha escreve que

---

[12] A proveniência é um princípio da prática arquivística, que consiste em organizar os documentos em um seu fundo de origem, isto é, os documentos de uma mesma pessoa, órgão público, entidade, etc devem permanecer agrupados, não sendo misturados com outros acervos. Ver: DUCROT (1997).

> [...] pode-se dizer que nunca, como hoje, a memória foi um tema tão espetacularmente social. Vivemos uma febre preservacionista que tudo transforma em relíquia onde a tônica é a celebração do passado e mesmo a aceleração do tempo - que parece exigir a dissolução do passado – tem, paradoxalmente, feito nascer novos museus, romances históricos, filmes que revisitam outros tempos, publicações de testemunhos, autobiografias, relatos identitários, um verdadeiro dever de memória está instaurado (CUNHA, 2008, p.111)

O trabalho de triagem e de organização do fundo de Enio foi delegado ao arquivo, por meio do curador e também com a colaboração de Alexandre, um dos três filhos do casal. Através do inventário analítico é possível identificar que as doações foram sucessivas e em distintos momentos (1997 a 1998, 2007 e 2013), o que evidencia a face dinâmica da acumulação documental. O inventário também apresenta uma pequena biografia de Ada e Enio, constatando que a doação de seus arquivos pessoais à instituição pública foi posterior ao falecimento dos titulares, portanto uma decisão da família com consentimento da circulação social e a da disponibilização dos documentos como objetos de pesquisa. Ada faleceu aos 58 anos, em 1989, em Porto Alegre, vítima de um infarto e Enio em 1992.

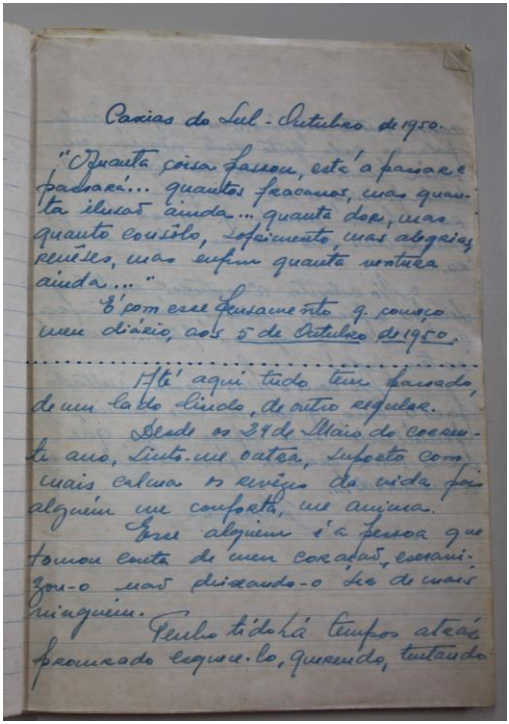
Alexandre cumpriu o papel de "guardião da memória", termo cunhado por Ângela de Castro Gomes para designar o "narrador privilegiado", a pessoa autorizada a falar a história do grupo, pois tanto "ele guarda/possui as 'marcas' do passado sobre o qual se remete, [...] quanto porque é o 'colecionador' dos objetos materiais que encerram aquela memória" (1996, p.7). Em uma conversa informal com Alexandre, na qual chegaram às minhas mãos os álbuns de fotografia de Ada, concernentes a sua juventude, ao casamento e a seus filhos, e

de sua avó, Giselda, mãe de Ada, histórias de vida de sua família foram relatadas. Ele recorda das triagens cometidas após o falecimento dos pais, com a divisão da memória material de Ada e de Enio entre ele e seus dois irmãos, todavia havia lhe sido incumbida a tarefa de doação a uma instituição de guarda. Alexandre conta também que os arquivos familiares doados não se restringiram somente aos conjuntos documentais de seus pais, como também foram concedidos os arquivos pessoais de tias e tios, avós e avôs e bisavôs e bisavôs. Ao guardião da memória, mediador do processo de deslocamento da memória material de sua família ao AHMJSA, os documentos são suportes para as lembranças de sua família, representando laços de descendência e de significações afetivas.

Do gesto subjetivo de guardar documentos pessoais, elucidados na relação que Ada e Enio mantiveram com seus artefatos guardados, é explicito que a acumulação documental foi motivada pela guarda de registros que atestam experiências vividas, neste caso para as lembranças de um relacionamento amoroso. Portanto, há uma produção de sentidos de Ada e Enio no ato de guardar papéis e artefatos. A entrada[13] que inaugura o diário íntimo da moça explicita que os ego-documentos foram investidos de sentidos:

[13] As experiências pessoais expressadas no diário íntimo são organizadas através de entradas, isto é, os escritos que são reunidos sob uma mesma data. Segundo Lejeune, entradas ou registros é “ [...] tudo o que é escrito sob uma mesma data. Essas unidades, separadas uma das outras, têm morfologia própria: cabeçalho, data, um começo, um fim, eventualmente com divisões internas – divisões temáticas, pois uma mesma entrada pode evocar assuntos diferentes, ou retóricas, pois pode ser dividida em parágrafos (2014, p.341).

Figura 14: Primeira página da primeira entrada do diário íntimo de Ada, 05 de outubro de 1950[14]



Caxias do Sul - Outubro de 1950.

"Quanta coisa passou, está a passar e passará... quantos fracassos, mas quanta ilusão ainda... quanta dor, mas quanto consôlo, sofrimento, mas alegrias, revêses, mas enfim quanta ventura ainda..."

É com esse pensamento q. começo meu diário, aos 5 de Outubro de 1950.

.....

Até aqui tudo tem passado, de um lado lindo, de outro regular.

Desde os 24 de Maio do corrente ano, sinto-me outra, suporto com mais calma os revêzes da vida pois alguém me conforta, me anima.

Esse alguém é a pessoa que tomou conta de meu coração, escravizou-o não deixando ser de mais ninguém.

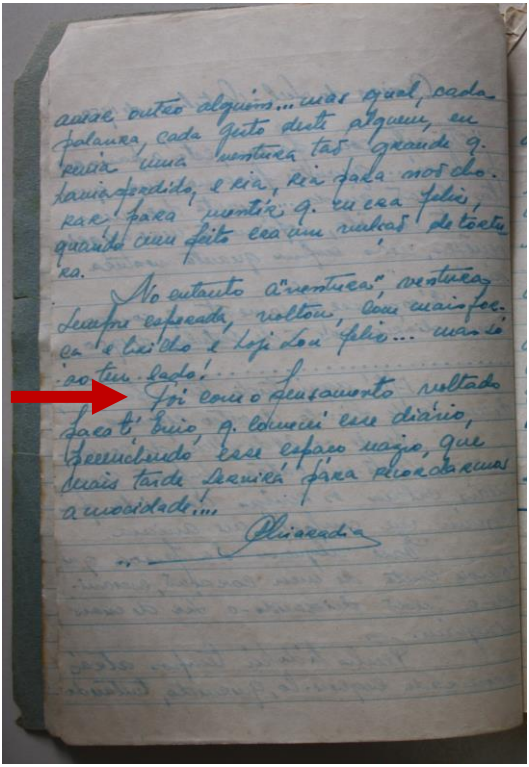
Tenho tido há tempos atráz procurado esquece-lo, querendo, tentado

Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

---

[14] " 'Quanta coisa passou, está a passar e passará... quantos fracassos, mas quanta ilusão ainda... quanta dor, mas quanto consôlo, sofrimento, mas alegrias, revêses, mas enfim quanta ventura ainda...'. É com esse pensamento q. começo meu diário, aos 5 de outubro de 1950. Até aqui tudo tem passado, de um lado lindo, de outro regular. Desde os 24 de Maio do corrente ano, sinto-me outra, suporto com mais calma os revezes da vida pois alguém me conforta, me anima. Esse alguém é a pessoa que tomou conta de meu coração, escravizou-o não deixando ser de mais ninguém. Tenho tido há tempos atráz procurado esquece-lo, querendo, tentado" (*Ada*, 05/10/1950).

Figura 15: Segunda página da primeira entrada do diário íntimo de Ada, 05 de outubro de 1950[15]



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

[15] "amar outro alguém... mas qual, cada palavra, cada gesto deste alguém, eu revia uma ventura tão grande q. havia perdido, e ria, ria para não chorar para sentir q. eu era feliz, quando meu peito era um vulcão de tortura. No entanto a "ventura", ventura sempre esperada voltou com mais força e brilho e hoje sou feliz...mas só ao teu lado! Foi com o pensamento voltado para ti, Enio, q. comecei esse diário, preenchendo esse espaço vazio, que mais tarde servirá para recordarmos a mocidade... (*Ada*, 05/10/1950).

As palavras de Ada, na segunda página da entrada e indicadas pela flecha vermelha, expressam que o rapaz foi sua inspiração para o registro no diário íntimo: “Foi com o pensamento voltado para ti, Enio, q. comecei esse diário, preenchendo esse espaço vazio, que mais tarde servirá para recordarmos a mocidade...” (*Ada*, 05/10/1950). Ada quer escrever pois seu desejo, sua intenção é conservar a memória, guardá-la com afeto para, num futuro próximo, recordar o tempo vivido. Enio é seu fio de existência (LEJEUNE, 2014), sua inspiração para os escritos. De existência efêmera, o diário íntimo foi uma tentativa de apreensão de um tempo pretérito que insiste em ser conservado. Preservá-lo, “preenchendo esse espaço vazio que mais tarde servirá para recordarmos a mocidade”, é uma ação que tanto remete ao passado, para uma experiência vivida com afeto, como também uma prática que projeta para o futuro, com intencionalidade autobiográfica e construção de subjetividade.

2.2 PRÁTICA DA ESCRITA DE SI

Ao analisar a correspondência de Jenny, Laura e Eleanor, filhas de Karl Marx, Michelle Perrot escreve: “eu gosto das correspondências, de seu tom de confidência, de suas singularidades, de seu gosto pelo detalhe fútil, daquele insignificante – tão repleto de sentido – que tece o cotidiano” (2005, p.45). À esta máxima, acrescentar-se-ia ao lado das correspondências o diário íntimo, uma vez que também é uma prática ordinária, com “fragmentos de vida” e “disputas em retalhos expostas ali desordenamente” (FARGE, 2009, p.80).

Isso é aparente nos ego-documentos de Ada. A linguagem escrita foi o recurso que a moça elegeu para expressar seus sentimentos. Nas cartas e no diário íntimo sua memória e seus desejos se misturavam para compor a trama do seu cotidiano, permitindo o vislumbramento das cenas

minúsculas e dos gestos furtivos, quase imperceptíveis, do seu dia a dia. Ao "captar essas explosões de vida, intensas e contraditórias, violentas e sempre complexas" (FARGE, 2009, p.80), extrai-se o máximo de sentidos com a finalidade de perceber a confluência de uma memória individual com a memória coletiva. Os acontecimentos, as falas ou as práticas descritas nos ego-documentos, posto que insignificantes, ecoam realidades a sua volta e são elementos de distinção, que identificam o tempo pretérito do qual vieram. O cotidiano pessoal de Ada expõe fendas de uma memória coletiva: "[...] por mais banal e ordinário que seja, é positivado pelas ninharias que o compõem e deslindam variados ritos das manifestações civilizatórias que abrangem o íntimo, o privado e o público, mas também o político, o cultural, a cor e as vicissitudes de uma época" (CUNHA, 2007, p.48).

Numa leitura inicial, trata-se de escritas de si (GOMES, 2004), de escritas ordinárias[16], de suportes da cultura escrita nos quais os sujeitos normais, a *gente miúda*, registram histórias banais e corriqueiras. São escritas íntimas, produzidas no âmbito privado e secreto, sem a intenção de serem publicadas. São também narrativas do gênero autobiográfico, que contém a vivência imediata, cujas folhas de papel fixam o presente e preservam uma memória pessoal tecida de experiências vividas, emoções e afetos humanos, diferentemente de uma autobiografia ou de um memorial, que são escritos em retrospectiva. Cada relato do diário íntimo ou expressão das cartas captam a memória viva e remontam ao instante da escritura, à "autenticidade do momento" (LEJEUNE, 2014, p.300). É um tempo pretérito fresquinho, com a "transcrição quase simultânea dos sentimentos

[16] O termo designa as escritas sem qualidades produzidas pelas pessoas comuns e opõem-se as obras literárias, elaboradas para serem prestigiadas pelo público. Ver CUNHA (2011).

experimentados, com o frescor do cotidiano" (ARFUCH, 2010, p.47) e com fios de memórias que delatam Ada, o seu "eu", naquele momento em que escrevera.

As escritas de si, consideradas como uma produção autobiográfica, isto é, um produto da experiência subjetiva e pessoal, emergem na confluência do século XVIII com o XIX. Anterior a esta configuração familiar ao tempo presente, elas assumiram diferentes formas e funções, conforme os diferentes contextos históricos. Foucault (1992) localiza as escritas de si ainda na cultura greco-romana nos dois primeiros séculos do império, observando que elas eram orientadas pela ética do cuidado de si, num processo de conhecimento e formação pessoal. Lima (2014) destaca que outra particularidade das escritas de si no mundo antigo era o seu caráter público e pondera que somente no Renascimento, especificamente na modernidade, configuram-se como uma escritura íntima e confessional. Ao buscar os principais fatores que propiciaram a emergência dessa forma de escrita, a autora conclui que as escritas de si, como autobiográficas, só é possível com a concepção moderna do indivíduo, que "toma a si mesmo como objeto de reflexão problematizando e tematizando sua interioridade" (LIMA, 2014, p.46). Os estudos de Arfuch (2010) e Ariés;Chartier (1992) convergem com a assertiva de que as escritas de si são um produto da modernidade e que criam uma inédita consciência de si mesmo e dos outros, progredindo de modo diretamente proporcional ao "triunfo do individualismo ocidental" (CALLIGARIS, 1998, p.47).

Da mesma forma, Lejeune (2014) aponta que o diário – até então de domínio coletivo e público – adentra na esfera privada e na mais secreta intimidade mediante a emergência de um foro íntimo, com a passagem de uma jurisdição externa e social a um tribunal da consciência, de controle interior e individual. Sua proposição, ao destacar as esferas do privado e do íntimo em narrativas de si, reporta as práticas de

subjetivação das sociedades de corte durante a consolidação do Estado Moderno na Europa (ELIAS, 2001). As exigências de civilidade no cotidiano desta sociedade obrigava os sujeitos a um controle de si, instituindo um "modo inédito de ser em sociedade, caracterizado pelo controle mais severo as pulsões, pelo domínio mais seguro das emoções, pelo senso mais elevado do pudor (CASTAN; LEBRUN; CHARTIER,1992) e, por conseguinte, a expansão da introspecção.

É importante sublinhar os apontamentos de Leonor Arfuch (2010), de que as escritas de si, como expressão de interioridade, são indissociáveis da consolidação do capitalismo e do mundo burguês, que separa as esferas da vida pública e privada. Com a ascensão de uma sensibilidade burguesa, os ritos da vida privada burguesa ganham significados sentimentais, incidindo sobre diários íntimos e cartas, cuja prática de escrita cresce significamente no século XIX e XX e configura-se como um gesto confessional, íntimo e comum entre as moças (LIMA 2014). Arfuch, em relação a esta informação, assim se expressa:

> Esboçava-se, desse modo, a sensibilidade própria do mundo burguês, a vivência de um "eu" submetido à cisão dualista (público/privado, sentimento/razão, corpo/espírito, homem/mulher), que precisava definir os novos tons da afetividade, o decoro, os limites do permitido e do proibido e as incumbências dos sexos, que, no século XIX, se consolidariam sob o signo da desigualdade, com a simbolização do feminino com consubstancial ao reino doméstico (ARFUCH, 2010, p.36).

A escrita de si torna-se uma prática individual do âmbito do privado, com a interiorização de normas para um controle de si e adequa-se aos novos ambientes privados do

mundo burguês: os espaços solitários, como o quarto, que favorecem a sensibilidade para a introspecção, para o desejo de narrar-se. Para inúmeras mulheres, o quarto foi o espaço por excelência para os prazeres secretos da leitura e da escrita, frequentemente praticados à noite, quase clandestinamente e à luz de uma vela (PERROT, 2011). A religião, a ordem doméstica, a moral e o pudor destinaram a mulher para o interior, para o privado e o quarto representa uma forma de clausura:

> Elas viveram nesses quartos, trabalharam, leram suas cartas de amor, devoraram livros, sonharam. Fechar a porta foi a marca de sua liberdade. [...] É por isso sem dúvida que as mulheres, mais do que os homens, têm a memória, silenciosa, dos quartos que ritmaram as idades de sua vida, sua passagem do tempo (PERROT, 2011, p.131).

A crescente associação dos diários íntimos e cartas como expressão feminina insere-se nesse contexto histórico, que pouco permitia que as mulheres publicassem suas ideias, já que o público era o espaço exclusivamente masculino (LIMA 2014). Escrever cartas ou diários, torna-se assim, um espaço ambivalente de liberdade, de criação e de expressão pessoal, ainda que praticado nos recônditos, às escondidas. Ao gênero epistolar, que não escapa da divisão sexual dos papéis (PERROT, 2005), sucede-se uma apropriação feminina, que se utiliza da sua especificidade – a comunicação – para enriquecer as relações amistosas (VINCENT-BUFFAULT, 1996) e uma apropriação escolar, que concebe a correspondência como uma habilidade a ser apreendida e fomentada na e pela escola (GAUSTAD, 2009). Na mesma clave, o diário íntimo consolida-se como uma escrita fundamentalmente adolescente e feminina (PERROT, 2008), como um rito de iniciação e uma

cultura de grupo, por demais estimulados pelas educadoras, desde o século XIX (LEJEUNE, 2014). Ao analisar dois conjuntos de diários escritos por duas mulheres de Florianópolis, entre os anos de 1964 a 1974, Cunha observa:

> Confidente fiel, companheiro das horas de intimidade, a escrita de diário se converteu, para determinadas mulheres, em um instrumento eficaz de apropriação da palavra e criação de um discurso, constituindo-se, ao mesmo tempo, em modos de conhecer e de se fazer conhecer; eles são práticas sociais que partilham, também, da construção da história de indivíduos que se inventam pelas práticas de escrita de si, ou seja, partilham da constituição de um regime de sensibilidades (CUNHA, 2005, p.2)

Portanto, pode-se afirmar que a educação escolarizada, como espaço de alfabetização, estimulava as moças a escreverem diários íntimos e cartas, num projeto de educação dos sentimentos e de controle das emoções, colaborando para que a prática fosse frequente à juventude feminina, como um ritual de passagem para a vida adulta. O arquivo pessoal de Ada corrobora com essa premissa. O álbum de recordações e poesias da moça ou o seu caderno de perguntas/questionário são práticas da cultura escrita, produzidas e vividas no ambiente escolar. Suas próprias cartas enviadas a Enio, como objetos representativos da sociedade grafocêntrica, podem ser compreendidas como um desdobramento da escritura escolar, uma vez que foram elaboradas no decorrer do Ginásio Feminino. Ademais, a conservação da memória, seja através do diário íntimo ou do arquivamento de documentos pessoais, também pode ser pensada como uma prática da educação escolarizada, uma vez que as culturas juvenis são caracterizadas pelo imediatismo.

Essas constatações são primordiais para o trabalho analítico, dado que informam dos contextos em que se elaboraram as escritas. O quadro que segue insere a produção das cartas e do diário íntimo num tempo e espaço, ordenando-as em conformidade com os dados biográficos de Ada e Enio, coletados dos seus respectivos arquivos pessoais. Das 12 cartas elaboradas pela moça, apenas duas não estão inseridas no quadro, uma vez que não contém datação.

Quadro 2: Cronologia do diário íntimo e das cartas em relação aos dados biográficos de Ada Therezinha e Enio.

Produção das cartas	Dados biográficos de Enio · Nascimento 10/11/1928	Dados biográficos de Ada: Nascimento 02/04/1931	
	Admissão na Metalúrgica Abramo Eberle & Cia em 13 de abril e conclusão do curso de datilografia na Escola Remington		**1943**
			1944
		· 1ª série no Ginásio Feminino São José	**1945**
Sete cartas do período do flerte (somente uma tem data, 9/ 08).		· 2ª série no Ginásio Feminino São José	**1946**
		· 2ª série no Ginásio Feminino São José	**1947**
		· 3ª série no Ginásio Feminino São José	**1948**
		· 4ª série no Ginásio Feminino São José	**1949**
· 1 carta de 31 de maio · 2 cartas de 10 de novembro			**1950**
	· Noivado em 24 de março		**1951**
	· Casamento religioso em 09 de fevereiro, na Catedral Diocesana. Ada tinha 20 anos e Enio 23 anos.		**1952**

Produção do diário íntimo								Primeira Entrada: 5 de outubro.	Última entrada: 16 de agosto	

Fonte: Produção da autora

O quadro auxilia na análise das trajetórias do casal, contrastando seus percursos escolares e a posição de suas famílias na estrutura social. Ada, que nasceu numa família com capital econômico e social elevado[17], frequentou instituições escolares privadas e de boa qualidade: cursou o primário em regime de internato no Colégio Nossa Senhora de Pompéia, mantido pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria e estabelecido na localidade de Ana Rech (uma das zonas rurais do município) e o ginásio no Colégio São José, também instituição religiosa. Na posse de prestígio econômico e social, sua vida escolar viabilizou o acúmulo de capital cultural. Por sua vez, a origem sociofamiliar de Enio era distinta: seu pai era trabalhador da Metalúrgica Abramo Eberle & Cia, a principal metalúrgica do município de Caxias do Sul na primeira metade do século XX. A passagem escolar do rapaz foi no ensino público, através do Grupo Escolar Emílio Meyer e, ao cursar datilografia e trabalhar aos 14 anos como aprendiz na mesma

[17] Os termos capital econômico, capital social e capital cultural referem-se aos conceitos elaborados por Pierre Bourdieu (2003a; 2003b) para analisar as trajetórias de agentes ou grupos sociais. O capital econômico foi pensado para o conjunto de bens, ao passo que o conjunto das relações sociais, como amizades, laços de parentesco ou contatos profissionais formam o capital social. Por fim, o capital cultural refere-se ao acesso a bens culturais e as trajetórias escolares.

empresa que seu pai, verifica-se a que sua inserção profissional iniciou quando ainda era menor de idade.

São diferenças sociais, econômicas e culturais que atravessavam as relações sociais, como os relacionamentos amorosos, que indicam os valores e as representações partilhados na época e que insidiam na produção textual. Logo, são elementos que informam sobre o contexto de produção e recepção que sustentam os escritos, neste caso o relacionamento amoroso. Ao lado destes elementos, a análise do diário íntimo e das cartas de Ada também demanda observar os usos, as maneiras de escrever, bem como "os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem" (CUNHA, 2002, p.1). A materialidade do suporte é primordial pois determina os sentidos elaborados (CASTILLO GÓMEZ, 2003), isto é, condiciona formas de escrita e, tendo em consideração o destinatário das cartas, conforma modos de leitura, ao "induzir tal ou qual compreensão, insinuar o indescritível, expor determinadas impressões e sentidos" (GAUSTAD, 2009, p.40). Cabe a historiadora, "identificar os efeitos de sentido produzidos pelas formas" a fim de "compreender em sua historicidade, e em suas diferenças, os usos e as apropriações dos quais os textos, literários ou não, foram objeto" (CHARTIER, 2003, p.271).

Visto que a materialidade do suporte influi nos atos de escrever e ler, os efeitos de sentidos produzidos por um diário íntimo são diferentes daqueles engendrados por uma carta. Embora esses ego-documentos configurem-se como práticas da cultura escrita, as formas de ambos são distintas e atravessam suas finalidades práticas. Os preceitos à escrita epistolar sugerem um interlocutor ou uma interlocutora, ao passo que a escrita do diário íntimo volta-se para a própria autora ou autor. Quando há um desentendimento entre o jovem casal de namorados, por exemplo, as palavras arquitetadas por Ada para

dirigir-se a Enio e descrever seus sentimentos é dessemelhante ao modo como expressa sua experiência vivida no diário. Se nas missivas, por conta dos protocolos epistolares, sua postura sugere uma Ada ciente e prudente ante à possibilidade de um rompimento amoroso, no diário a desavença pede passagem às lagrimas, às noites tristes e aos dias penosos.

Mediante a análise comparativa entre esses dois suportes que Ada usufruiu para expressar-se, as imagens e as vozes que a moça elabora para auto representar-se, bem como o fabrico de desvios e golpes em relação aos normas, ganham relevo e sublinham o drama dos sujeitos de reinventar-se na linguagem. As escritas de si, como uma linguagem concretizada no texto escrito, são o instrumento manipulados por Ada, em que se auto-referencia e não cessa de inventar-se, produzindo reflexões sobre si mesma e, por conseguinte, novas subjetividades. Comparar os ego-documentos nos seus usos, materialidade dos suportes e modos de escrita supõem também observar o desenvolvimento da relação amorosa, e distinguir suas etapas (flerte, namoro, noivado e casamento).

Como Vincent-Buffault (p.44) ressalta, cartas e diários íntimos são duas práticas que se correspondem, pois em ambos a escrita íntima configura-se como uma escrita do cotidiano, que não é uma construção retrospectiva, ao contrário das memórias ou autobiografias. A autora pergunta-se se não há uma contaminação entre as duas práticas, a julgar pelo movimento de exploração de si mesmo que a carta permite ao dialogar com seu interlocutor e que repercute na intimidade do diário íntimo, que também tem uma destinação, ainda que enigmática. São escritas que participam das palpitações do código íntimo, que traduzem as disposições de espírito e dos sentimentos e que acolhem a crônica da vida privada, sejam os impulsos das crises, os retornos de si mesmo e a confidência.

2.3 DIÁRIO ÍNTIMO

Guardado. Trancado. Zelado. O cerimonial da confissão preservado em uma gaveta escondida ou protegido com chave. O ritual da escrita discreta e sigilosa, mantida longe do olhar da família e de outras pessoas. O repositório de lembranças e o território da intimidade. Acontecimentos corriqueiros ou excepcionais, sentimentos contidos, expectativas e desejos secretos. Tudo que tece o cotidiano é passível de ser acolhido pelas folhas em branco do diário íntimo. Ao fixar a "experiência vivida na folha do papel", captura-se "para sempre a memória do vivido" e "salvaguardá-la da morte pelo esquecimento" (VIANA, 1995, p.55). Assim fez Ada Therezinha em relação as suas vivências: elegeu este objeto da cultura escrita como o espaço privilegiado para narrar seu namoro com Enio. A intenção de contar sua própria vida estende-se no ato de guardar seu diário, eternizando assim as lembranças da história que viveu com seu futuro esposo.

Mantido durante uma viagem ou uma fase da vida, o diário íntimo é uma prática da cultura escrita passageira, inspirada num tema, num episódio, num fio de existência (LEJEUNE, 2014) e, encerrada esta circunstância, é esquecido ou, por vezes, destruído. Dado esta informação, cada diarista e diário são únicos, uma vez que diferentes são os sujeitos e diversos são os ritmos, os suportes e as funções desse egodocumento (ALBERCA, 2000). Peculiar é o diário íntimo de Ada Therezinha, pois singular é a sua experiência pessoal, materializada no escrito. Os conteúdos abordados associam-se ao fio de existência que inspirou a decisão da moça em escrever: seu namoro com Enio, motivo explícito na primeira entrada do diário. Concretizada sua história de amor através do casamento, não há mais sentimentos e fatos para registrar, findando a escrita no diário.

Ao fio de existência associam-se as utilidades da escrita diarística. Se a correspondência se constitui de um diálogo entre os interlocutores, o diário íntimo é o espaço da solidão, do encontro consigo mesmo, dos apelos e das lembranças evocadas para recordar os momentos excepcionais do cotidiano. Conservar a memória, sobreviver, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir, pensar e escrever são situações que sustentam a finalidade de um diário (LEJEUNE, 2014). Ao folhear e ler as páginas do diário íntimo de Ada, identificam-se seus propósitos. Ela escreve para fixar suas experiências vividas e conservar a memória, transformando o egodocumento em um arquivo, uma memória viva guardada e protegida que, mesmo secreto, ambiciona a leitura posterior. A moça dedica seu tempo aos registros, pois quer desabafar seus conflitos vivenciados no namoro e na família e refugiar-se num espaço que acolha suas preocupações e seus desejos transgressores. Ao lado dos fatos narrados, seu diário íntimo dá passagem a construção de sentidos, favorecendo a prática de pensar e de conhecer-se. O egodocumento torna-se um "laboratório de introspecção" (LEJEUNE, 2014, p.304), lugar em que Ada se distancia de si mesma e, por meio de processos de criação exteriorizado na linguagem escrita livre e espontânea, passa a questionar-se e analisar-se. Ao conferir significados ao mundo exterior e a si mesma no ato da escrita, reinventa-se.

Como um vestígio do passado, o diário íntimo é um vestígio do instante. Embora o modo de narração seja na primeira pessoa, característica comum das escritas autobiográficas, a particularidade do diário íntimo é seu tecido que compõem o tempo pretérito: é uma escrita no tempo presente, cujas entradas, dispostas em datas, expressam o momento em que se está vivendo e se aproximam da profundidade do eu. Ada não recorda de seus anos anteriores, tal como uma autobiografia, escrita em retrospectiva. Os fatos que não caem no esquecimento, são privilegiados no diário

íntimo, registrando o vivido de modo imediato. É uma memória fresca, um tempo pretérito capturado em flagrante, que testemunha seu tempo e seu lugar. Por conseguinte, esse egodocumento apreende a moça na ocasião em que escreve, delatando os modos como ela observa, participa e produz sentidos referente ao seu cotidiano. Ada é uma jovem mulher. Seus conflitos com a ordem moral da época e os problemas existenciais, próprios da juventude e recordados pelo gênero feminino, atravessam as páginas do seu diário. A moça inventa suas ações e produz sentidos, ora de coesão, ora de rupturas com as representações vigentes, concomitantemente às situações em que vive. Cria-se assim, uma escrita íntima fundamentalmente juvenil, aberta a improvisação e sujeita apenas ao ritmo da cronologia, proporcionando a "qualidade reflexiva do viver" (ARFUCH, 2010, p.145).

Ada, ao expressar-se na linguagem escrita, endereça-se a um outro, ainda que o outro seja ela própria. Se nas missivas o interlocutor – aquele sujeito para quem se escreve, neste caso Enio – é definido, no diário íntimo, a princípio, a diarista é sua interlocutora.

> Ao se dirigir ao seu "querido diário", o sujeito de dirige a um outro imaginário, a quem confere o poder de escuta, de julgamento e de absolvição. O diário é um outro para o sujeito que escreve, um outro capaz de acompanhar e atestar suas transformações subjetivas, capaz de acolher as mais íntimas confissões e desejos, respeitando-os e guardando-os para si, um outro espetacular, matriz de projeção dos ideais narcísicos de seu autor (LIMA, 2014, p. 40).

Nas páginas, dentre os rabiscos do vivido, representações de si mesma são projetadas e encenadas, transformando a escrita diarística um "lugar de expressão do

desejo de que um outro si mesmo exista". Ao dirigirem-se a um amigo preciso, as diaristas "encenam as facetas do eu e do outro, inventando um duplo para si mesmo" (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.54). Ada Therezinha tece um texto que deixa escapar o desejo de um outro narcísico e que fabrica múltiplas imagens de si, as quais são explícitas quando defrontadas com as *Adas* nas cartas enviadas a Enio. E ainda que não tinha o intuito de publicar seu diário, Ada encena suas representações reconhecendo que leituras posteriores eram possíveis, presumindo ser lida por outras pessoas. Um desejo clandestino e sigiloso de Ada?

> [...] por favor se alguem ver esse diário não vá rir de mim... é que eu tinha um sapato com um "saltito" de uns 8cm mais ou menos, e que canseira meu Deus... quando todos "se quedaram", eu mais do que depressa corria trocar de calçado, senão pobre das minhas pernas... (Ada. 37/03/1951)

Se Ada anseia pela possibilidade de um terceiro leitor, guardar seu diário íntimo, ainda que para desfrutar do deleite de recordar sua *mocidade*, é um gesto que explicita com mais nitidez seu secreto desejo. Por mais íntima que a escrita diarística seja, ela é também ambíguia pois constante é a tensão entre o público e o privado, "entre o desejo de seu autor de revelar-se e esconder-se" (LIMA, 2014, p.40). O ato de conservar seu diário propiciou que sobrevivesse ao tempo e que chegasse a um novo leitor, quando doado a um arquivo público. Ao ler o diário íntimo pela primeira vez, na fase do projeto de pesquisa, as palavras de Ada, transcritas acima, causaram-me surpresa e espanto, como se a moça sussurrasse em meu ouvido e confessasse seu desejo. Palavras que se misturaram com a voz literária de Ana Cristina Cesar, na sua poesia franca: "Blinder diz que o diário é um artifício, que não sou sincera porque desejo secretamente que o leiam" (CESAR,

2013, p.39). Ciente das prescrições da investigação científica, manifesto o sentimento que se irrompeu ao ler suas palavras: eu imaginei que meus olhos foram os primeiros que acolheram esse registro, convertendo-me numa nova interlocutora de Ada.

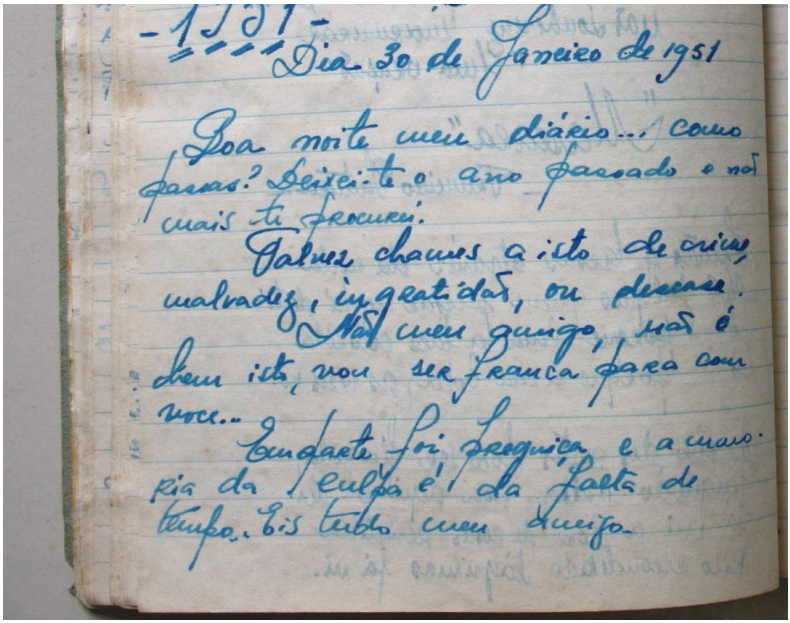
Por vezes, seu diário, escrito para si mesma, é considerado um amigo íntimo, um confidente a quem se pode contar segredos, manter o sigilo dos desejos e ser compreendido. A moça não hesita em se dirigir a ele como amigo, ainda que seja sem rosto e sem nome:

> "[...]fiel amigo, meu diário, meu amigo confidencial é silencioso, amparo em minhas lutas, meus sofrimentos, minhas alegrias e o q. é mais apesar dos pesares, sempre meu amigo" (*Ada*, 27/06/1951).

> [...] agora volto ao meu único e sincero amigo, das horas certas e incertas a contar tudo, tudo aquilo que me tortura o coração... Sim, diário meu, somente a ti digo este segredo de minha alma. " Eu o amo sim, e muito, mas ele me despresa, me atormenta, joga-me ao lado, quando algo de mais passa-lhe a frente. E egoísta...Sim sei q. também sou, mas com direito porque eu o amo. " (*Ada*, 16/08/1951).

O diário íntimo exerce a função de um amigo, que escuta seus desabafos, ampara-a e compreende suas falas, estabelecendo um diálogo de confiança, como uma amizade íntima, em que as confidências e a familiaridade lhes são característicos. A moça "recusa-se a considerar o diário como algo insensível" e, ao tomá-lo como um amigo, confere a ele "[...] uma vida, uma inteligência, uma alma a quem empresta virtudes de compaixão, de paciência, de simpatia pura e inalterável, de amor de caridade" (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.49). Em 30 de janeiro de 1951 escreve:

Figura 16: Entrada do diário íntimo de Ada. 30 de janeiro de 1951[18]


-1951-
Dia 30 de Janeiro de 1951

Boa noite meu diário... como passas? Deixei-te o ano passado e não mais te procurei.
Talvez chames a isto de crime, malvadez, ingratidão, ou descaso.
Não meu amigo, não é bem isto, vou ser franca para com voce...
Em parte foi preguiça e a maioria da culpa é da falta de tempo. Eis tudo meu amigo.

Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Aos dias perdidos e esquecidos, em que contar as histórias ao “fiel amigo” não é mais um exercício prioritário, Ada justifica sua ausência, num gesto de amizade para com aquele que é “silencioso”, que ampara suas “lutas”, seus “sofrimentos” e suas “alegrias”. Ademais de ensaiar um pedido

[18] “Boa noite meu diário...como passou? Deixei-te o ano passado e não mais te procurei. Talvez chames a isto de crime, malvadez, ingratidão ou descaso. Não meu amigo, não é bem isto, vou ser franca para com voce... Em parte foi preguiça e a maioria a da culpa é da falta de tempo. Eis tudo meu amigo”. (*Ada*, 30/01/1951).

de perdão ao diário, o ato também demonstra o desconforto gerado pelo ritmo assíduo que o diário coage sua autora, orientando-a a relembrar os acontecimentos extraviados e que, ainda assim, são importantes de serem registrados. Este ritmo refere-se ao traço principal que sustenta a configuração de um diário, distinguindo de outras práticas autobiográficas: a datação, regulada pela medida do calendário. O primeiro gesto de Ada é anotar a data com precisão e, mesmo que seus registros não sejam regulares, assinalá-la é capital para que ela não se converta em um caderno qualquer. A escrita do dia 12 de outubro de 1950, por exemplo, pressupõe que uma nova escrita será necessária ao tempo vivido do dia seguinte, 13 de outubro; esta, por sua vez, convocará uma nova entrada e assim sucessivamente.

Segundo Lejeune, que define o diário íntimo como uma "uma escrita quotidiana: uma série de vestígios datados" (2014, p.299), o caráter repetitivo e, por vezes, metódico do diário, está associado à continuidade de seu suporte, o caderno, cujas entradas são dispostas numa ordem do tempo. No entanto, a continuidade do suporte divergirá com a fragmentação, expresso na descontinuidade da escrita. O diarista faz um trabalho de triagem: de um dia, seleciona apenas os aspectos que julga notáveis e relevantes para sua vida, produzindo sentidos e imagens do real. Irregulares e fragmentárias também são as entradas, com os dias perdidos durante o tempo em que se mantém o diário e com a indefinição do seu fim, já que nunca se sabe quando será o último registro.

> Cada entrada é, portando, um micro-organismo que faz parte de um conjunto descontínuo: entre duas entradas, um espaço vazio. Elas se seguem na ordem do calendário e do relógio, *continuum* que serve para avaliar suas descontinuidades e irregularidades. [...] As entradas se dispõem, portanto, na ordem do tempo e têm a intenção,

> através do encadeamento, de apreender ou evocar, sua continuidade. (LEJEUNE, 2014, p.341)

Da fusão de ambos os movimentos – continuidade e descontinuidade –, se dita o ritmo da escrita, isto é, a regularidade das entradas no diário. No caso de Ada, seus textos, cujas entradas são irregulares e, por vezes, espaçosas, são organizados na continuidade do caderno, que organiza os fragmentos selecionados de sua memória vivida no dia a dia. Seus registros são tramados numa ordem do tempo cronológica e, apesar das raras entradas que não dispõem de datação, segue um encadeamento lógico e linear. O diário íntimo de Ada Therezinha, que teve início em 5 de outubro de 1950 e a última escrita redigida em 16 de agosto de 1951 – poucos meses antes do casamento da moça com Enio –, não possui uma regularidade de escrita: no total são descritos 45 dias, dentre os quais, 38 entradas são ininterruptas e relatam episódios entre 5 de outubro a 11 de novembro de 1950, configurando-se como o período mais denso da produção diarística. Logo após, as entradas perdem seu caráter regular e tornam-se esporádicas, com um espaço de tempo cada vez mais amplo entre uma e outra. Posterior ao registro de 17 de novembro de 1950, Ada retorna sua escrita no ano subsequente, em 30 de janeiro de 1951 e em seguida, em 4 de fevereiro, também faz anotações. No decorrer deste ano, escreverá ainda em 27 de março, 13 de abril, 27 de junho e em 16 de agosto, último registro que desconhece o fim do diário.

Quadro 3: Frequência das entradas no diário íntimo de Ada Therezinha

Ano/mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1950										27	12	
1951	1	1	1	1		1		1				

Fonte: Produção da autora.

Não cumprindo uma narração temporal regular, o diário, em suas entradas de 1951, apresenta relatos intensos e expressos em muitas linhas, como se, aos dias perdidos, a escrita manifestasse um resumo dos sentimentos e situações mais relevantes. O noivado, por exemplo, é minuciosamente relatado na entrada de março, não deixando escapar nenhum detalhe. Quanto aos vestígios do primeiro ano, com entradas precisas e sucessivas, as escritas costumam ser sucintas e descritivas, como se a liberdade de criação na linguagem escrita encerrasse na incumbência repetitiva de encontrar assuntos para registrar.

Apesar do diário ser dedicado a Enio, outros conteúdos são retratados, como as amizades, as atividades rotineiras, os lazeres, as relações familiares, a vida escolar e os rituais católicos. Qualquer tema orienta uma escrita, "da insignificância cotidiana à iluminação filosófica, da reflexão sentimental à paixão desatada" (ARFUCH, 2010, p.143). A fim de acessar esta janela do cotidiano que se vislumbra nas páginas rabiscadas, as entradas foram dispostas em conteúdos temáticos, como exercício metodológico de identificação das representações e práticas culturais que emergem do diário. O que se escreve a mais? O que se fala de diferente? O que não se permite falar? Namoro. Cinema. Conflitos. Noivado.

Casamentos. Em todas os registros as linhas produzidas expõem as nuances da jovem mulher Ada, sujeito feminino, em relação a sua história amorosa, possibilitando ver de perto um universo orquestrado pelas representações do amor romântico e a produção de subjetividade da moça. A análise das entradas do diário, em especial aquelas que dizem respeito a relação amorosa, serão contempladas nos próximos capítulos.

2.4 CARTAS AMOROSAS

> Mas, para o enamorado, a carta não tem valor tático: ela é puramente expressiva – para ser exato elogiosa (mas o elogio aqui é desinteressado: é apenas a fala da devoção); o que estabeleço com o outro, é uma relação, não uma correspondência: a relação liga duas imagens. Você está em toda a parte, sua imagem é total, é o que escreve Werther à Charlotte de diferentes maneiras (BARTHES, 1994, p.33)

Presença e ausência. Relação ambígua que funda o ato de escrever cartas (CASTILLO GÓMEZ, 2002). Ao amor, que se deleita deste artifício, o amado ausente encena imagens de si e inventa sua existência nas linhas do papel. Ada Therezinha recorre às cartas, quer tecer uma relação com Enio. Suas palavras, tão expressivas, foram grafadas em 12 cartas que remeteu ao rapaz e carregam as vontades e os desejos que nascem do seu corpo. Quando os olhos de Enio percorrem- as, as imagens de Ada irrompem em todas as partes, sejam nos fechos, na caligrafia ou nos próprios signos escritos que deixam aí os rastros da amada. Ao escrever, a moça finda sua presença no texto e torna as cartas o lugar de um código sentimental, o amor.

A história dessa prática da cultura escrita é tão antiga como a da própria escrita. Emerge na Antiguidade e se converte como o meio de comunicação por excelência com a chegada do século XVIII, sejam para os aristocratas ou para as classes populares. Seu uso massivo nos séculos seguintes (XIX e XX) se generaliza com o processo de alfabetização na Europa Ocidental (CASTILLO GÓMEZ & SIERRA BLAS, 2014). Se o diário, como sinônimo de escrita íntima, é praticado com a ascensão da burguesia, no século XIX, tal peculiaridade é observada nas cartas, que também são consumidas como repositórios da vida introspectiva (GAY, 1999). E transforma-se em um gênero adequado às mulheres, por seu caráter privado, constituindo-se uma "forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada, e mesmo recomendada, ou tolerada" (PERROT, 2008, p.29).

Quando acessadas como fontes históricas, documentam a pesquisadora sobre o cotidiano e incitam sempre a contar histórias, sejam dos acontecimentos que evocam ou da história dos que escreveram (DAUPHIN & POUBLAN, 2002). São janelas para acessar o dinamismo da vida que tece os relacionamentos, as familiaridades e as sociabilidades. O conjunto das 12 cartas de Ada dedicadas a Enio e existentes no arquivo pessoal do destinatário rememoram a história do relacionamento amoroso do casal, portanto são cartas de amor. Elas se distribuem desigualmente entre os anos de 1946 e 1950 e, quando confrontadas com as informações provenientes do diário íntimo, indicam do flerte e do namoro. Das cartas que não contém informações cronológicas, é possível apontar prováveis datas pelo seu encadeamento lógico e linear. São sete cartas produzidas no desenrolar do flerte e cinco correspondentes a etapa do namoro.

Pondera-se que esse conjunto de documentos epistolares é constituído somente pelas cartas elaboradas pela moça, não oferecendo à historiadora as cartas que Ada recebeu

de Enio e, por conseguinte, retira a possibilidade de colher informações dos dois correspondentes e montá-las numa espécie de engrenagem. Os motivos da ausência destas cartas e o fim que tomaram, apesar da especulação de um dos filhos do casal, Alexandre, talvez seja um mistério impossível de ser resolvido.[19] Respostas não há também aos anos de 1947, 1948 e 1949, pois inexistentes são os documentos deste período. Logo, a história de Ada e Enio apresentada sob a forma de arquivos pessoais, apresenta-se tão viva quanto lacunar: por um lado, os documentos oferecerem explicações para a leitura do passado no emanharado de relações e conexões estabelecidas, por outro, as tramas articuladas a partir desses documentos são incompletas e fragmentárias.

Assim, torna-se impossível analisar o diálogo entre os dois interlocutores, exceto pelos indícios das cartas anteriores de Enio presentes nas respostas de Ada, dado que esta prática de escrita "fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos [...]" (CUNHA, 2002, p.184). Da relação entre os dois interlocutores – o autor/narrador e o receptor/leitor – nasce o pacto epistolar, que é a característica dialógica das missivas (GAUSTAUD, 2009). Em cena, o tom da escrita: Ada escreve tendo em mãos a carta que recebeu de Enio e condiciona o texto que ele irá desenvolver a ela; o diálogo é sucedido pelas respostas e a conversa flui, assim como o relacionamento entre eles. A resposta representa a presença do amado e não suscita dúvidas de sua intenção de envolvimento afetivo. No caso das cartas de

---

[19] Alexandre, em conversa informal no AHMJSA, conta que desconhece a localização das cartas produzidas pelo seu pai, Enio, porém especula sobre dois possíveis fins: Ada poderia tê-las destruídos durante uma briga que abalou o namoro do casal ou sua avó, mãe da moça, interceptou-as, uma vez que acompanhava de forma atenta a educação de suas filhas e não aprovava totalmente o relacionamento amoroso.

amor, a reciprocidade e a prontidão da resposta constituem condição essencial para o relacionamento prosseguir.

> Uma carta sem resposta é uma descortesia. Mais do que isso, pode parecer uma traição ao pacto que se firma entre correspondentes. Escrever ao ausente dá início ao pacto epistolar, responder a carta recebida o consolida, assim como deixar de fazê-lo constitui uma ruptura. Qualquer atraso nas respostas deveria ser justificado minuciosamente, e na falta de uma boa explicação, sempre se poderia culpar o correio. (GAUSTAUD, 2009, p.111)

Os dois correspondentes consolidam o pacto epistolar, ao não se absterem de enviar as respostas e o diálogo sucede-se de forma pontual, sem atrasos. À satisfação das cartas que chegam, Ada declara:

> Foi com alegria que recebi tua pequena carta [...]
> (*Ada*, s/data, ALE 270)

> Recebi a tão desejada carta [...]A carta eu fico, sabes senhor Enio, agradeço-te por teres mandado.
> (*Ada*, 9/08/1946 s/data, ALE 273)

A moça num gesto gentil, agradece pela resposta obtida. O pacto não foi rompido. Manifesta sua ânsia em prosseguir o diálogo, sobretudo porque são as primeiras cartas trocadas. Sua resposta materializa a experiência pessoal do flerte e carrega as representações que cria de si mesma, conformando a ambiguidade da carta, baseada na ausência da pessoa amada e na presença, que se mostra através do signo escrito (CASTILLO GÓMEZ, 2002). O modo como suas palavras são

orquestradas na carta e que incidem sobre as imagens que projetou, configuram-se como protocolos epistolares, isto é, um conjunto de normas destinar a ensinar a forma correta de escrever cartas, “conforme a qualidade, o gênero, a idade, a função e a posição do destinatário e do remetente” (GAUSTAUD, 2009, p.43) ou a finalidade da escrita (amorosa, familiar, comercial, científica, intelectual ou social). Essas normas que prescreviam sobre os gestos e a linguagem das cartas ganharam significativo sucesso no século XIX e eram difundidas pelos manuais de escrita epistolar que, somados aos manuais de civilidade, contribuíam para o estabelecimento de uma civilidade cortesã (CASTILLO GÓMEZ, 2002).

Os atributos indispensáveis da missiva eram estes: o lugar de origem, a data e o destinatário, as saudações (vocativo), a distribuição dos parágrafos e as despedidas (fecho) (GAUSTAUD, 2009). Um papel de boa qualidade também era um conselho básico e expressava civilidade. O emprego de expressões de afeto ou a frequência das cartas eram protocolos específicos, estabelecidos pela finalidade da produção epistolar. São aspectos da materialidade das cartas, que junto ao papel, envelope, caneta/pena, locais da escrita, distribuição do escrito na página e os artefatos anexados – como fotografais ou objetos – que produzem efeitos na leitura do destinatário e expressam a posição social de quem as escreveu. Conforme a mesma autora, o conjunto de normas epistolares supõem competências gráficas da cultura escrita que são associadas a escolaridade. Logo, escrever bem, conforme as normas e utilizando os materiais adequados é um marcador de distinção social.

A protagonista da história estudava no Colégio São José, conceituada instituição escolar do município de Caxias do Sul, portanto tinha um capital cultural, social e econômico. Verifica-se, através da sua linguagem e grafia, que a moça possuía competências gráficas, no entanto não operava com

todas as normas epistolares, a julgar pela ausência de data e lugar de origem na maior parte das cartas. Observa-se também que as condições de circulação e as formas como Ada dirige-se a Enio, expressas principalmente nos vocativos e fechos, variam conforme as diferentes etapas do relacionamento amoroso. Analisar esses aspectos pressupõem articulá-los ao universo que sustenta o ato epistolar do casal, as práticas culturais relacionadas ao flerte e ao namoro.

3 **“AMOR, AMOR! SEMPRE O AMOR”:** O FLERTE E O NAMORO ENTRE AS NORMAS E O VIVIDO

Caxias do Sul, 9 de agosto de 1946. O silêncio daquela noite modelava as horas que antecipavam o descanso. Por dentro do corpo da jovem mulher, que no quarto encontrava-se, ruídos e rumores atravessavam cada extensão dos seus músculos. Ada Therezinha, com sua caneta tinteiro, ensaiava escritos na folha branca. Aos 15 anos, a paixão a consumia. Suas inquietações e seus desassossegos embaraçavam-se entre vírgulas e pontos e, aos poucos, teciam textos. Um suspiro profundo. Palavras, finalmente, postas na carta. Expressar com espontaneidade seu desejo, em linguagem codificada.

> Enio. Recebi a tão desejada carta que uma imbecil modernizada, escreveu para você, declarando os sentimentos que ela sente por ti, e aproveitou do meu nome para subscreve-la. Creio que tudo o que ela expoz na carta é ela que sente. E eu conclui que como ela não pôde dizer-te pessoalmente escreveu, o que é muito mais fácil. (*Ada*, 09/08/1946).

Com o coração pulsando em saltos, Ada guardou a folha num envelope e com as pálpebras cerradas, pôs-se a adormecer. No outro dia, num ato furtivo, encarregou Wannyr Schumacher, sua colega do Ginásio Feminino São José, a incumbência de ser a portadora da carta, entregando-a a Enio Luiz, de 17 anos, com rapidez e discrição. O tempo da resposta da carta ainda preencheria as noites de Ada Therezinha, corroendo-a de expectativas e projeções, típico da etapa do flerte, quando as incertezas oscilam os corações.

3.1 PRÁTICAS DE FLERTE

A carta de Ada Therezinha, redigida em 9 de agosto de 1946 e endereçada ao, então flerte, Enio Luiz, é um fragmento que retrata o tempo inicial de sua relação amorosa com o rapaz. Esta carta, assim como as demais e o diário íntimo, carregam as expressões de afeto da moça. Como documentos analíticos da presente pesquisa histórica, o propósito não é a produção de um retrato psicológico da moça, perguntando se seu sentimento de amor por Enio era legítimo. A pesquisa, ao fazer uso dos ego-documentos, quer interrogar sobre um processo macroscópico, o amor romântico com vistas para o casamento e a experiência amorosa das jovens mulheres na metade do século XX, dispondo-os historicamente.

Ada, ao escrever sobre um sentimento, fala de um lugar social. Sua experiência amorosa é atravessada pela intersecção de gênero, classe social, cor e etnia. Tratam-se de elementos, de "princípios de diferenciação" (CHARTIER, 2002, p.69), que permeiam a constituição de relacionamentos amorosos e anunciam o meio social em que os sujeitos amorosos vivem. Ao historicizar o amor, colocá-lo na ordem do tempo, questiona-se o credo dominante na sociedade, que sustenta que é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas, que independe da razão e é imprescindível para a busca da felicidade (COSTA, 1998). A crença na espontaneidade do sentimento torna-se mais discursiva do que prática recorrente, pois no cotidiano a racionalidade é incorporada no ideal amoroso. A pessoa eleita como objeto de amor é selecionada dentro do universo de objetos e valores partilhados em cada época. Sobre as noções de amor, Costa considera que é uma produção histórico-cultural:

> O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza (COSTA, 1998, p.12)

Norbert Elias, na mesma perspectiva, explica que, diferentemente da crença predominante de que o amor é um fenômeno universal e natural, o amor é uma construção culturalmente estabelecida em uma sociedade:

> O uso que fazemos da palavra "amor" hoje nos faz esquecer com frequência, que no caso do ideal amoroso, considerado na tradição europeia sempre como modelo de todos os relacionamentos amorosos reais, trata-se de uma forma de vínculo afetivo entre o homem e a mulher determinado em grande medida por normas sociais e pessoais. (ELIAS, 2001, p.257).

Ao longo da história, as noções de amor foram atravessadas por transformações, uma vez que os modos de falar sobre o amor são distintos e variam conforme o contexto sociocultural, anulando a crença corriqueira de que o amor é um sentimento universal e natural. Na obra platônica *O Banquete*, o amor, denominado de *eros*, é apresentado como um desejo, não necessariamente o carnal, mas o desejo decorrente da falta do objeto amado, que é sinônimo de intenso sofrimento (BORGES, 2004). Na Idade Medieval, há o amor místico cristão ou *caritas*, caracterizado pela contemplação a

Deus e a noção de amor cortês, que convertia nos sujeitos a crença de que o amor era um valor existencial e enfatizava o sofrimento dos cavaleiros na conquista da mulher, na figura da senhora. Com a consolidação do Estado Moderno, as práticas de subjetivação das sociedades de corte serão decisivas na constituição de um sentimento romântico, pois as exigências de civilidade no cotidiano da corte obrigaram os sujeitos a um controle de si (ELIAS, 2001). Por fim, no século XIX, quando a industrialização e a modernização desenvolvem-se, o amor romântico é idealizado pela burguesia e a família tornou-se a sede por excelência do privado, hierarquizando as relações entre marido e mulher e concentrando os afetos ao oferecer uma segurança psicológica bem distinta do local de trabalho (GIDDENS, 1993).

A história amorosa de Ada Therezinha com Enio desenrola-se numa época em que o amor romântico com vistas para o casamento era imperativo (PINSKY, 2014). As palavras da moça, orquestradas no seu diário íntimo e nas cartas enviadas ao sujeito por quem é apaixonada, imprimem as marcas do seu próprio tempo. Ao analisá-las, verifica-se que a representação de amor romântico incide na experiência amorosa feminina de Ada, com a produção de práticas culturais sustentadas por esse modo de relacionar-se afetivamente. Os próprios ego-documentos são práticas inscritas na circunstância de um relacionamento amoroso e, como suportes da cultura escrita com esta especificidade, distinguem-se de outras cartas e diários íntimos, cujas motivações foram outras. Abordar o amor romântico por meio do conceito de representações, permite explorá-lo como um orientador na produção de subjetividades, bem como um mobilizador de comportamentos emocionais e sociais principalmente aqueles relacionados com a idealização do casamento. Os ego-documentos, uma vez que se constituem como uma produção pessoal, oferecem como leitura analítica os desvios que são construídos no interior das

normas ou as continuidades que legitimam as representações vigentes.

As cartas, em especial aquelas que receberam inscrições na cor vermelha – de "1ª recebida" a "7ª recebida" – registram a etapa do flerte do casal, quando o namoro não havia se concretizado. Acompanha-se o desenrolar do tempo em que se aproximaram, em agosto de 1946[20]. Ada vivia seus 15 anos quando iniciou o diálogo epistolar com Enio, de 17 anos. Como jovens, experienciavam um tempo de transformações, de atribuições e de responsabilidades, cujas incertezas, amores e amizades delineavam outros olhares e laços sociais. As cartas não sugerem quando e como se conheceram, todavia é possível apontar indícios partindo das informações procedentes do arquivo pessoal do casal. O rapaz trabalhava desde 1943 na Metalúrgica Abramo Eberle & Cia, fábrica na qual a arquivista do escritório era Giselda[21], mãe de Ada e a diretoria era constituída pelo tio da moça, Hugo Argenta. O indício evidencia que o capital econômico da família da moça era superior ao da família de Enio, cujo pai já era trabalhador "chão de fábrica" da metalúrgica.

O flerte era caracterizado como a etapa que antecedia o namoro; era um jogo de conquista amorosa, o tempo das trocas de olhares e das primeiras conversas, que tanto poderia ser um divertimento sem compromisso, quanto um contato inicial para

---

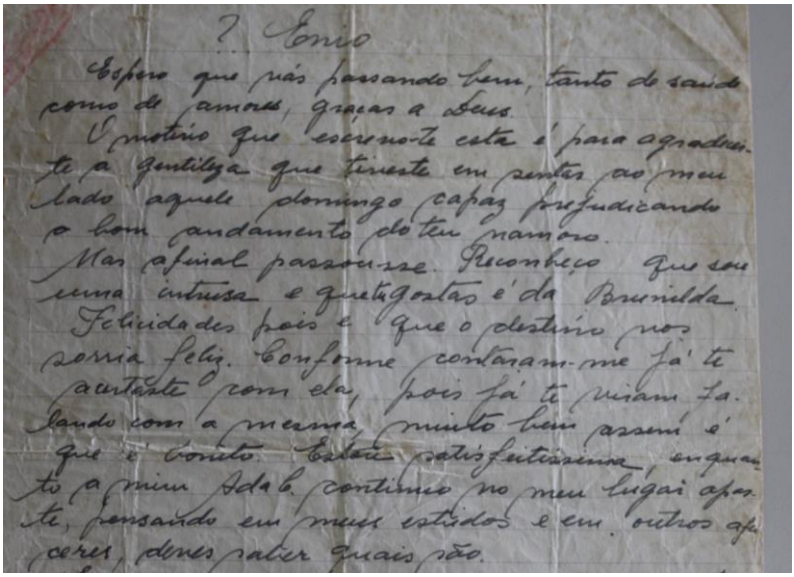
[20] Como já registrado no capítulo 1, das missivas correspondeste ao tempo do flerte, somente uma contém informações cronológicas (09/08/1946). As demais, embora não contém data, possivelmente foram produzidas próximas a esta data, uma vez que que apresentam um encadeamento lógico e linear. Ada enviava cartas sucessivamente, portando Enio respondia, cumprindo o pacto epistolar.

[21] Giselda trabalhou na Eberle de 1941 a 1949. Anos anteriores, em 1934, ela havia regressado de Porto Alegre com suas duas filhas para se instalar em Caxias do Sul, no casarão de seus pais, em função do falecimento precoce de seu esposo, Duccio Ulderico.

motivar um namoro (AZEVEDO, 1980). Numa etapa incerta do relacionamento amoroso, a prática da escrita de cartas, ao oferecer o pacto epistolar, elucida as expectativas e assegura uma proximidade entre o casal, produzindo maneiras de sentir e de agir nos círculos de intimidade em que se travavam os namoros. Ada e Enio estabelecem uma comunicação intensa, que se traduz por uma retórica da sensibilidade e da invenção de um código íntimo. Os pormenores da etapa inicial do relacionamento são colocados no papel e, apesar das lacunas evidenciadas, observa-se o desdobrar do flerte.

A primeira carta da moça é uma resposta à carta recebida de Enio ("Foi com alegria que recebi tua pequena carta"), sugerindo que ele tomou a iniciativa de aproximação. Ada, expressa o quão agradável foi receber uma carta e, agindo com espontaneidade e tática, escreve seu desejo em relação a ele: "Seremos bons amiguinhos, e a hora que quizeres terás em mim a mesma de outrora (se as cousas não mudarem) " (*Ada*, s/data, ALE 270). Como se observa nas demais cartas, operar com astúcia e sutilidade é um traço preciso de Ada. Ela se revela uma grande missivista pois, ao dominar um estilo de escrito numa etapa tão indefinida do relacionamento, dispõem também da arte da transgressão. Se adequa a situação e as possíveis reações que provocará no seu destinatário, dosa adequadamente as expressões de afeto e se apropria em modelos táticos de escrita para dizer aquilo que sente de um modo que não fique tão explícito. Na segunda carta, por exemplo, produz ao destinatário a representação de si mesma desejada: não obstante Enio manter um namoro no tempo que flertava, Ada revela-se segura e não recua na conquista amorosa.

Figura 17: Excerto da carta “2ª recebida” de Ada para Enio[22]



? Enio

Espero que vás passando bem, tanto de saúde como de amores, graças a deus.
O motivo que escrevo-te esta é para agradecer-te a gentileza que tiveste em sentar ao meu lado aquele domingo capaz prejudicando o bom andamento do teu namoro.
Mas afinal passou-se. Reconheço que sou uma intrusa e que tu gostas é da Brunilda.
Felicidades pois e que o destino nos sorria feliz. Conforme contaram-me já te acertaste com ela, pois já te viam falando com a mesma, muito bem assim é que é bonito. Estou satisfeitissima, enquanto a mim Ada C. continuo no meu lugar aparte, pensando em meus estudos e em outros afazeres, deves saber quais são.

Fonte: ALE 271, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Sem tardar, despede-se de Enio, sugerindo que escreva “umas poucas linhas” sobre os sentimentos a respeito da namorada – “se é verdade o que acima referi da Brunilda – mas, somente “se o quiseres, se não não escrevas” (*Ada*, s/data, ALE 271). Observa-se que Enio, sustentando o comportamento

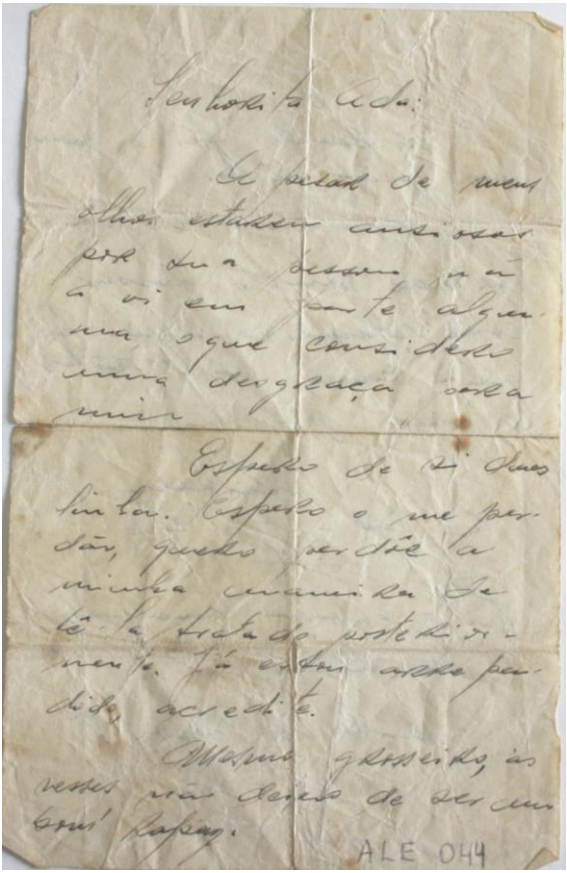
[22] “Enio. Espero que vás passando bem, tanto de saúde como de amores, graças a Deus. O motivo que escrevo-te esta é para agradecer-te a gentileza que tiveste em sentar ao meu lado naquele domingo capaz prejudicando o bom andamento do teu namoro. Mas afinal passousse. Reconheço que sou uma intrusa, e que tu gostas é da Brunilda. Felicidades pois e que o destino nos sorria feliz. Conforme contaram-me já te acertaste com ela, pois já te viam falando com a mesma, muito bem assim é que é bonito. Estou satisfeitissima, enquanto a mim Ada C. continuo no meu lugar aparte pensando em meus estudos e em outros afazeres, deves saber quais são”. (*Ada*, s/data, ALE 271).

masculino prescrito na sociedade, mantém simultaneamente um namoro com Brunilda e um flerte com Ada. Esta atitude em relação as conquistas amorosas não prejudicava sua reputação, pois, como explica Pinsky,

> [...] para um rapaz, receber o rótulo de "namorador" não é tão grave e nem provoca a reprovação social como ocorre no caso da jovem "namoradeira" ou daquela que se deixou levar por sua lábia e lhe permitiu desenvolver "intimidades reprováveis". Esse rapaz não é excluído do grupo social, pois se acredita que simplesmente atende à sua "natureza" de homem, sendo inclusive, algumas vezes, admirado e invejado por seus companheiros. (PINSKY, 2014, p.83).

Na sua tentativa de conquista, Ada, porém, age com artifícios que transgridem os limites definidos a uma "moça de família". Na terceira carta remetente ao objeto de seu afeto, em que comenta as respostas do rapaz em relação a um questionário que enviou anteriormente, escreve que está "satisfeitissima das respostas e agora o questionário vai para o Rubem que está aqui a uns dias". Ao explicitar que também tece sociabilidades com outros rapazes, age com astúcia e de um modo que tem consciência de conduzir as palavras com mistério, provocação e, ainda, resguardando sua imagem. Maneja com agilidade a invenção de si mesma na escrita e, nas entrelinhas manifesta sutilmente o desejo de conhecer afetivamente Enio. A propósito, identifica-se Rubem como um admirador, pois no arquivo pessoal da moça há uma carta que o rapaz redigiu em 20 de maio de 1946.

Figura 18: Carta de Rubem para Ada, 20 de maio de 1946.[23]


Senhorita Ada:

Apesar de meus olhos estarem ansiosos por sua pessoa, não a vi em parte alguma o que considero uma desgraça para mim.

Espero de ti sua [?]. Espero o meu perdão, quero perdão a minha maneira de lê-la tratado posteriormente. Já estou arrependido, acredite.

Mesmo grosseiro, às vezes não deixo de ser um bom rapaz.

ALE 044

Fonte: ALE 044, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

[23] "Senhorita Ada. Apesar dos meus olhos estarem ansiosos por sua pessoa, não a vi em parte alguma, o que considero uma desgraça para mim. Espero de ti sua [?]. Espero o seu perdão, quero perdão a minha maneira de lê-la tratado posteriormente. Já estou arrependido, acredite. Mesmo grosseiro, as vezes, não deixo de ser um bom rapaz".

Sobre as cartas pessoais, em especial aquelas sustentadas nas situações de amor, Lyons sublinha que elas se apoiam em objetivos e fórmulas táticas, bem como apresentam espontaneidade e uma aparente "desarrumação planejada" (1999, p.60), já que o/a enamorado/a que escreve é ciente da recepção do/a leitor/a. Escrever cartas de amor é uma prática de escrita um tanto difícil, porque deve "transmitir uma certa imagem de quem escreve – que se empenha em obter um resultado específico", quanto fácil, pois "podem ser 'espontâneas', desorganizadas, trazendo em si a desordem que o amor provoca no apaixonado" (GAUSTAUD, 2009, p.207). As cartas de Ada são desarrumadas e espontâneas e é possível de verificar esses traços nos protocolos epistolares habituais, como os vocativos ou apelativos e os fechos. Estes configuram-se como normas prescritas nos manuais epistolares, com o emprego de palavras cortesãs, que se adequam à intimidade dos correspondentes, à idade e à posição social de quem recebe a carta (GAUSTAUD, 2009). As cartas de amor iniciam com formas de tratamento um tanto carinhosas, "capazes de despertar sentimentos doces, ternos e sinceros" (GAUSTAUD, 2009, p.207). O quadro que segue mostra o emprego das saudações iniciais e finais nas cartas analisadas.

Quadro 4: Cartas de Ada a Enio na etapa do flerte: vocativos e fechos

Documento	Vocativo	Fecho
1ª recebida: s/data ALE 270	Enio	E então Enio termino enviando-te meus parabéns pelo teu brioso "ato" e desejando-te as principais bases da vida: "amor, saúde e dinheiro", e até mais vez. De tua amiga Ada
2ª recebida: s/data ALE 271	? .. Enio	Sem mais, Enio, termino desejando-te saúde, amor e felicidade. De? Ada Quanta interrogação, não? E ahora?
3ª recebida: s/data ALE 272	Amiguinho do Contra" (Sal de Frutas Enio)	Desculpe a caligrafia pois estou com pressa pois tenho que responder as muitas folhas de uma carta do acima mencionado De? Ada
4ª recebida: 09/08/1946 ALE 273	Enio	E então felicidades, e sorte e até mais ver. Aguarde uma surpresa; E ALORA? De Ada 9 -8-1946 O,R: He can't Keep a secret. * Entendeu? **Tradução da autora: "Ele não pode manter um segredo".*

5ª recebida: s/data ALE 274	? Enio	E sem mais de Ada N B) a portadora é a senhorita Wannys Schumacher.
6ª recebida: s/data ALE 275	? ... Enio	Até mais um dia -; ÷ X % + Entendeu? Ada
7ª recebida: s/data ALE 276	"Enio"	De Ada

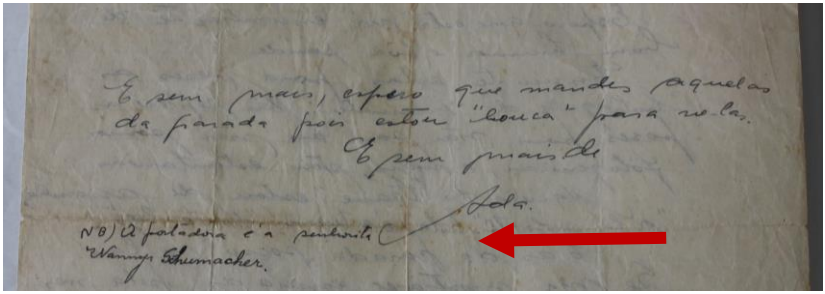
Fonte: Produção da autora.

A gramática epistolar empregada por Ada revela sua formação e competência gráfica: as normas encontravam expressão nas suas cartas, com o uso regular dos vocativos e dos fechos. A construção de uma frase em língua inglesa autentifica o capital cultural da moça e indica que a sociedade já era mediada pela cultura norte-americana. A linguagem cortesã é alterada por expressões juvenis. Se Ada dirigia-se a Enio de um único modo – exceto quando o tratamento utilizado é o provocador "Amiguinho do Contra" (Sal de Frutas Enio)" –, os fechos são impregnados pela sua marca irreverente, codificada e espontânea, um jogo de palavras tal como o próprio jogo da conquista amorosa. Despede-se sem beijos e sem abraços, no entanto escreve sobre indagações de um modo proposital com uma finalidade planejada, a de levantar suspeitas na leitura de seu destinatário. O adeus de Ada é um "até logo".

Dos protocolos epistolares habituais, a moça escrevia em folhas de papel pautado, cujo tamanho é próximo ao A4 atual, e também em folha de papel provenientes de caderno escolar pequeno. Os parágrafos, escritos com caneta tinteiro na cor azul ou preta, eram distribuídos de um modo adequado, com margens e em boa caligrafia. Quanto as irregularidades, escrever a data e o local nas cartas não eram uma norma epistolar observada pela moça; como já observado, somente a "4ª recebida" apresenta datação.

No âmbito das normas, Ada rompia-as, operando com pequenas ações furtivas. O quadro, por exemplo, informa que o par de enamorados desconsiderava o correio como meio de circulação de suas cartas. A espera pela carta era atravessada por uma tática sigilosa: designavam um mensageiro para assegurar a chegada das correspondências ao seu destino, tarefa esta que exigia rapidez e discrição. A ação burlava a vigilância da mãe, que como responsável, controlava de perto o comportamento das filhas (o que inclui suas saídas e horários), zelando pela reputação. Na "5ª recebida" Ada despede-se de Enio e, em seguida, informa que "a portadora é a senhorita Wannyr Schumacher".

Figura 19: Excerto da carta "5ª recebida" de Ada para Enio


E sem mais, espero que mandes aquelas da parada pois estou "louca" para vê-las.
E sem mais de
Ada.
NB) A portadora é a senhorita Wannyr Schumacher.

Fonte: ALE 274, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Manipular o poder que instituía a ordem era prática que compunha o cotidiano da moça. Na "7ª recebida", com ousadia, Ada toma a iniciativa de aproximação e de declaração amorosa, ao convidar Enio para uma conversa urgente, que poderia "perturbar o bom andamento" dos seus amores:

> "Enio". Presciso falar detalhadamente contigo, para um melhor entendimento nosso. Vê, arranja um lugar ou um dia que te é mais propicio, para assim não te traires e a mim também. Ando com uma "pulga na orelha" modo de dizer houve muitos revezes desde que estou externa (entre colegas). Mas não posso esperar até domingo para dizer-te isso. Se é capaz, este nosso encontro venha a perturbar o bom andamentos de teus "amores", fica por isso mêsmo, até que tudo acabar entre nós; como parece "que está com vontade". Pode ser um mal entendido meu, mas fico na expectativa. De Ada (*Ada*, s/data, ALE 276).[24]

O gesto não era encarado com simpatia. Numa época em que a sexualidade feminina era normatizada e controlada e que, portanto, estava sob a mira de olhares vigilantes, o flerte feminino era uma prática condenável. À jovem cabia evitar a todo custo ser taxada de 'leviana', "mantendo-se dentro dos limites reservados às 'moças de família', ou seja, aquelas que os homens procuram para esposa, fiéis, recatadas e puras" (PINSKY, 2014, p.58). Em última análise, o flerte feminino ameaçava o controle masculino exercido sobre as mulheres, como o da iniciativa na conquista amorosa. Entre as normas e o vivido, a atitude de Ada sugere que a passividade feminina poderia ser apenas aparente: ela era uma moça tida como "de família", que arriscava a vigilância de sua mãe e o controle da

[24] O termo " (entre colegas) " é empregado na carta pela própria Ada.

sociedade, comportando-se muitas vezes de um modo que não que não correspondia aos padrões impostos. À representação de mulher prescrita pela sociedade, que gera determinadas condutas, a apropriação de moça não era desprovida de neutralidade. Seus gestos oram manifestavam coesão com as representações, ora provocavam rupturas.

Essas práticas cotidianas de Ada burlavam, na medida do possível, o controle social. Eram golpes que compunham o universo juvenil e que eram executados nos espaços de poder instituído. Todavia, é primordial distinguir esses pequenos atos de transgressão daquelas ações coletivas e planejadas, dirigidas contra instituições de poder e que objetivam a transformação social (CAMACHO, 2005). A moça, "sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõem uma lei", instaura aí "pluralidade e criatividade" (CERTEAU, 2007, p.93) por intermédio de práticas sutis, individuais e fragmentadas que, embora poderiam representar uma ameaça às normas estabelecidas, não rompiam com a ordem dominante. São ações, portanto, restritas e praticadas contra os poderes localizados, como a vigilância dos pais, a disciplina dentro dos colégios ou as representações normalizadoras. A experiência amorosa de Ada é tecida de bricolagens: da leitura do cotidiano, a moça opera com criatividade, produzindo sentidos a sua trajetória.

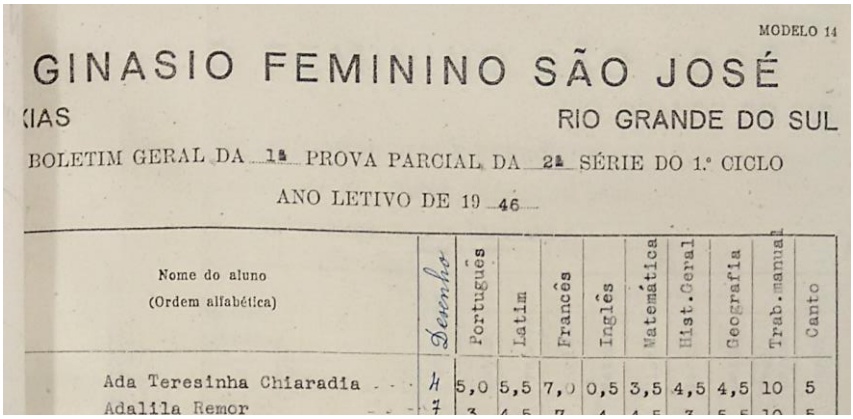
As cartas produzidas por Ada a Enio, durante a etapa do flerte, ainda fazem referência a outros papéis, como um caderno de questionário e fotografias, enviados junto com as cartas.[25] O primeiro – típica produção do universo escolar que, com perguntas, especificava os gostos e os detalhes da vida juvenil –, é mencionado na carta "2ª recebida": "Enio sei que serás meu amigo pois isso aproveito a oportunidade para pedir-

[25] Os documentos mencionados nas cartas não se encontram no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

te que te dignes aceitar um simples questionário que pretendo mandar-te" (*Ada*, s/data, ALE 271). Posteriormente, na terceira carta, identifica-se algumas perguntas presentes no questionário, por meio dos comentários de Ada relativos as respostas de Enio, como "O que achas de mim? ". A moça descreve que as "notáveis" respostas do rapaz causaram "satisfação" e uma "explosão de gargalhadas gostosas" (*Ada*, s/data, ALE 272). Algumas passagens dos comentários apresentam limitações analíticas, uma vez que são constituídas de alusões enigmáticas, referências estas que somente a pessoa que redigiu as cartas tem acesso a elas.

Por fim, do mesmo modo que a moça faz menção ao caderno questionário, a quinta e a sexta carta reportam a troca de fotografias entre o par, o que era motivo de felicidade para ambos. Os indícios sugerem que Ada enviou uma imagem que retratava seu tempo escolar, na 2ª série no Ginásio Feminino, e nomeia sua rede de amigas, a "turma", de "as tagarelas", cuja "nota mais alta de comportamento" foi 7 "e mais baixa 5" (*Ada*, s/data, ALE 275). Se confrontadas essas informações com os boletins avaliativos do Colégio São José, a moça, de fato, foi franca. É o que o boletim geral da 1ª prova parcial indica:

Figura 20: Excerto do Boletim Geral da 1ª Prova Parcial da 2ª Série, 1946



MODELO 14

GINASIO FEMININO SÃO JOSÉ

(IAS RIO GRANDE DO SUL

BOLETIM GERAL DA 1ª PROVA PARCIAL DA 2ª SÉRIE DO 1.º CICLO

ANO LETIVO DE 19 46

Nome do aluno (Ordem alfabética)	Desenho	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Hist. Geral	Geografia	Trab. manual	Canto
Ada Teresinha Chiaradia	4	5,0	5,5	7,0	0,5	3,5	4,5	4,5	10	5
Adalila Remor	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]

Fonte: Acervo do Colégio São José

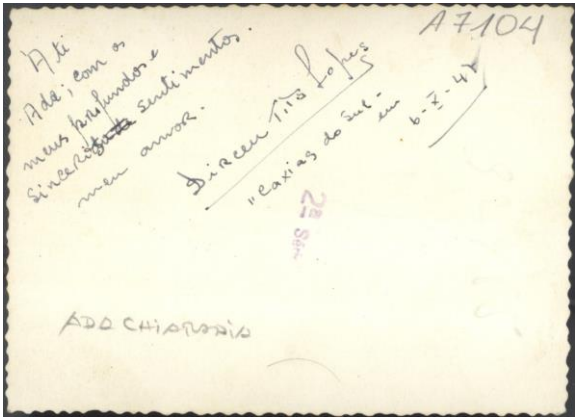
3.2 PRÁTICAS DO NAMORO

Das lacunas dos ego-documentos que limitam o trabalho analítico, identifica-se um intervalo de aproximadamente três anos – 1947, 1948 e 1949. Se um conjunto de sete cartas registram a maturação do vínculo amoroso na etapa do flerte, o arquivo pessoal de Ada não oferece como leitura documentos que informam sobre o momento em que o relacionamento se torna mais íntimo, com a consolidação do namoro. O que teria acontecido com os dois protagonistas nesse espaço de tempo? Quando iniciaram o namoro? Respostas para estas interrogações não há, todavia, o mesmo arquivo disponibiliza vestígios que problematizam a experiência amorosa feminina. Uma fotografia datada de 1949 delata um suposto namoro de Ada com um rapaz:

Figura 21: Ada com o namorado Dirceu Tito Lopes[26]

Fonte: A7104, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 22: Ada com o namorado Dirceu Tito Lopes (verso)



Fonte: A7104, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

[26] O título da imagem fotográfica faz alusão ao inventário analítico do Arquivo Histórico João Spadari Adami.

No verso da imagem fotográfica, Dirceu escreve: “À Ada; com meus profundos e sinceros sentimentos. meu amor. Dirceu Tito Lopes ‘Caxias do Sul’ em 6-X-47”. O documento sugere que, em 1949, a moça namorava com ele; uma inferência que, do mesmo modo que oferece um novo dado a pesquisa histórica, suscita outras perguntas e não é passível de decifrar o impasse no tocante ao primórdio do namoro entre Ada e Enio. Posterior a datação da imagem, há uma carta produzida por Ada em 31 de maio de 1950, correspondente ao período do namoro, e também a entrada que inaugura seu diário íntimo, em 5 de outubro de 1950, onde relata que “desde os 24 de Maio do corrente ano”, Enio escravizou seu coração, não o “deixando ser de mais ninguém” (*Ada*, 05/10/1950, ALE 77). O 24 de maio também ganha notoriedade em outra entrada: “Esse dia marcou 5 meses q. o Enio e eu fizemos as pazes. Graças ao dia 24...Sou hoje Feliz” (*Ada*, 24/10/1950, ALE 77). A ênfase na data 24 de maio de 1950 presume uma factível volta do casal, após um conflito, e, quando confrontada com a informação temporal da foto acima reproduzida, verifica-se um curto período de tempo entre o vínculo amoroso com Dirceu e Enio.

Tratam-se de vestígios que provocam novamente a discussão entre as normas, na ordem das representações, e as experiências vividas, por sua vez, na ordem das práticas cotidianas. A produção de sentidos é suscetível à “passividade que tradicionalmente lhe é atribuída” e permite a “reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência” (CHARTIER, 2002a, p.60 e 61). Ao flertar de modo sucessivo ou quase simultâneo com mais de um rapaz, Ada afrontava as normas de comportamento ditadas “às moças de família” e suas decorrentes estigmatizações, apontando para os limites e a eficácia das representações de mulheres que circulavam à época.

Anterior à escrita do diário íntimo, o arquivo pessoal da moça disponibiliza um conjunto de 19 cartas, produzidas por um amigo residente no Rio de Janeiro, Haroldo Valle Ribeiro, de 23 de agosto de 1948 a 4 de fevereiro de 1950.[27] As cartas, de troca intensa e regular, configuram-se como amistosas, no qual a comunicação intensa e os conteúdos temáticos manifestam uma retórica de afeição simpática e respeitosa: "Sempre encontrei-me em você uma amiga e confidente [..]". (*Haroldo*, 16/04/1949, ALE 17) e "Tenho-lhe, confesso, uma grande admiração, porém nunca pensei em você interessadamente" (*Haroldo*, 07/06/1949, ALE 19). No entanto, o exercício de amizade entre mulheres e homens era observado com desconfiança, visto que o sentimento amistoso entre sexos diferentes tenderia ao amor (VINCENT-BUFFAULT, 1996). Para esta norma, Ada transgredia e aplicava um golpe, com a adoção de um pseudônimo, Louise – assinatura que também está presente em uma das últimas entradas no diário íntimo e em duas cartas que trocou com um estudante argentino e uma jovem chilena. O pseudônimo empregado por Ada poderia ser uma referência a sua amiga, Irmã Louise, que pertencia a congregação que mantinha o Colégio São José. Ao adotar tal artifício, protegia sua identidade de uma passível delação. A tática era uma prática comum das jovens leitoras e leitores das revistas que

[27] Presumindo a circunstância da troca de cartas com Haroldo, uma prática comum da cultura juvenil era a troca de correspondências com entre moças e rapazes de distintos lugares. Algumas revistas que circulavam em território nacional, como a Grande Hotel, ofereciam a seus leitores e leitoras uma seção de correspondências, na qual a revista servia, inicialmente, de intermediadora entre os missivistas. "Será o amor com que tanto sonhei? ", "Com quem sonha você?", "Dos leitores aos leitores", por exemplo, eram as seções que traziam cartas de mulheres e homens que buscavam alguém com quem se corresponder (MELO, 2013).

circulavam, que preferiam utilizar pseudônimos junto com os excertos das cartas (MELO, 2013).

O arquivo pessoal da moça guarda quatro cartas enviadas a Enio, concernentes ao período do namoro, sendo um dos papéis um simples e direto cartão. São ego-documentos concomitantes à escrita do diário íntimo, o qual faculta o contraste dos dados e a interferência da materialidade dos suportes no ato de escrever. Identifica-se as experiências vividas de moça no desenrolar do namoro, seja as idealizações, os conflitos ou as intimidades do casal. Particularmente o diário íntimo se constitui como o espaço de escrita cotidiano dessa etapa do relacionamento amoroso, com o registro de 45 entradas. Dos relatos ininterruptos e que iniciam com a entrada inaugural do diário, chamam atenção a expressividade de Ada ao referir-se a Enio:

> Pensei muito no Enio, aliás, creio mesmo se tornar hábito. (*Ada*, 6/10/1950)
>
> Não sei mesmo, mas cada vez gosto mais de Enio...não estou exagerando mas... (*Ada*, 7/10/1950)
>
> Pensei no Enio durante todo o dia, também como deixarei de pensar nêle? (*Ada*, 9/10/1950)
>
> O Enio veio buscar-me e teve de esperar um bocado; acompanhou-me até em casa e falamos de várias cousas. Ele é um sonho... (*Ada*, 12/10/1950)
>
> A tarde fui ao (denli) dentista, o Enio já estava me esperando, não canso de dizer q. ele é, meu Sonho, meu amor. Eu o amo, adoro... bem chega, senão encho o caderno. [...] Hoje é um dos dias q. o Enio não sai do pensamento... Bem, é só por hoje. (*Ada*, 19/10/1950)

> Tudo como sempre... Nada de novidades, somente penso sempre e cada vez mais no Enio. (*Ada*, 20/10/1950)
>
> Enio, escreveria horas a fio, mas tenho de terminar pois já é hora. (*Ada*, 23/10/1950)
>
> Quando nos despedimos já estava com saudades dele... Por hoje é só![28] (*Ada*, 25/10/1950)

Pensar, sonhar, gostar, amar. Verbos que explicitam os sentimentos e as emoções intensas que a moça vivencia pelo rapaz. São projeções idealizadas, movidas pela paixão. A imagem de Enio adentra nos seus pensamentos, quebra sua rotina e esquecê-la durante o dia é impossível. Ada absorve a pessoa amada e a idealiza, preenchendo um vazio que carregava dentro de si mesma. Própria de quem produz sentidos à sua experiência feminina em consonância com as representações que circulavam a época, como o amor romântico. Costa, em conformidade com a literatura que o abordam, destaca que uma das injunções do amor romântico é a idealização do sentimento pessoal, que é "apresentado como pleno, mágico, extático e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência emocional do indivíduo" (1998, p.73).

A fase do namoro, quando o vínculo amoroso passa a ser conhecido por ambas famílias do casal, funcionava como um tempo de adaptação e de avaliação das perspectivas de

---

[28] Cunha (2002), ao pesquisar um conjunto de 171 cartas trocadas entre duas amigas, de 1967 e 1968, observa que "Por hoje é só" é uma expressão recorrente nas missivas, como forma de finalizá-las com palavras saudosas. A constatação possibilita afirmar que a expressão era usual na época.

convivência, e requeria do casal o planejamento, quase obrigatório, do noivado e casamento (PINSKY, 2014). Como observa a autora, as normas e as práticas aceitáveis eram constantemente ensinadas e reproduzidas pela sociedade por intermédio, por exemplo, de periódicos e revistas. “Todo um dispositivo de controle se colocava então, em funcionamento a fim de preservar a reputação e a honra da moça, representada pela virgindade, bem supremo de troca no matrimonio burguês (DEL PRIORE, 2013, p.279). O rapaz era incumbido de conter seus impulsos e, ao mostrar suas verdadeiras intenções, respeitar e honrar sua namorada. À mulher caberia o papel de freios aos desejos dos corpos, preservando sua virgindade até o casamento e garantindo a imagem de “moça de família” (PINSKY, 2014).

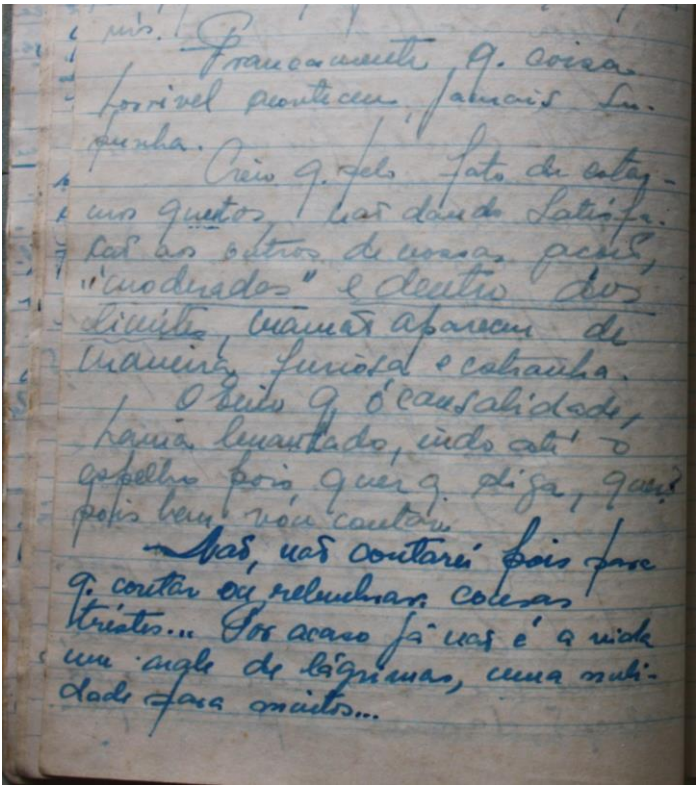
A conduta dos namorados também encontrava responsabilidade no acompanhamento dos pais, sobretudo as mães controlavam o namoro de suas filhas. Giselda, mãe de Ada, vigiava de perto o comportamento de sua filha, zelando pela sua reputação.

> [...] Francamente q coisa horrível aconteceu, jamais suponha. Creio q. pelo fato de estarmos quietos, não dando satisfação aos outros de nossas ações, “moderadas” e dentro dos limites, mamãe apareceu de maneira furiosa e estranha. O Enio q, ó causalidade, havia levantado, indo até o espelho pois, quer q. diga, quer? pois bem vou contar. Não, não contarei pois para q. contar ou relembrar cousas tristes... (*Ada*, 02/11/1950, ALE 77)

O trecho faz referência a um evento em que Giselda exerce o papel de controle sobre a conduta de sua filha e sugere um flagrante: o casal trocava carícias quando, inesperadamente, a mãe da moça os surpreendeu? Ada enfatiza

que a incursão no terreno da intimidade era “moderada” e “dentro dos limites”, sublinhando estas palavras. Abaixo, a reprodução deste trecho:

Figura 23: Excerto do diário íntimo de Ada, 02 de novembro de 1950


mis. Francamente q. coisa
horrivel aconteceu jamais fu-
gunha.
Creio q. pelo fato de estar-
mos quietos, não dando satisfa-
ção aos outros de nossos gestos,
"moderados" e dentro dos
limites, mamãe aparecem de
maneira furiosa e catanha.
O fato q. é causalidade,
havia levantado, indo até o
espelho pois, quer q. diga, quer
pois bem, vou contar.
— Não, não contarei pois para
q. contar ou relembrar coisas
tristes... Por acaso já não é a vida
um angle de lágrimas, uma sulidade para muitos...

Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

A entrada de 11 de novembro de 1950 é um relato raro, pois é inexistente as referências à intimidade conjugal. Também não há palavras proferidas sobre ao ciclo menstrual

da moça. O silêncio de textos alusivos a qualquer nuance de sexualidade ou do corpo faz um convite analítico, de indagar também sobre essas lacunas e o controle dos desejos femininos. Talvez Ada desejasse tecer relatos, no entanto, as indagações são silenciadas na sua escrita, uma vez que o corpo feminino era controlado, disciplinado e vigiado. As "intimidades silenciosas" ou "familiaridades excessivas", isto é, as experiências sexuais, eram terminantemente proibidas às jovens que pretendiam se casar (PINSKY, 2014). As famílias agiam com severo controle sobre os movimentos das suas filhas, pois temiam uma gravidez. Caso engravidassem, as sanções e humilhações eram comuns não apenas as moças, mas também as suas famílias (FAVARO, 2002).

O silêncio frente às transformações da fisiologia feminina expõe as fendas, os rasgos entre o dizível e o indivisível, aquilo que é passível de confissão e aquilo que permanece na ordem da mudez. O diário íntimo, como espaço pessoal para revelações de segredo, é sujeito a leituras externas e esconde também um poder vigilante e coercitivo, que age na instância da consciência moral (LIMA, 2014). As zonas dos não-ditos de Ada não são estanques, ao contrário, deslocam-se (POLLACK, 1989) e, quando historicizadas, apontam para os *estratos do tempo*, isto é, à processos de acumulação de experiência que se justapõem às histórias pessoais. No caso da Região Colonial Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul, a sexualidade era tratada de modo discreto, como um tabu e devia-se, em grande parte, à construção da cultura regional, caracterizada, sobretudo, pela presença da Igreja Católica e sua rígida moral sexual (MATTÉ, 2008).

Favaro (2002), utilizando o recuso da história oral, entrevistou mulheres nascidas nas primeiras décadas do século XX, em território italiano ou na própria RCI e também identificou que as lembranças dessas mulheres são vinculadas às suas experiências de gênero. Diante de temas como

menstruação, relações sexuais ou gravidez, as barreiras dos não-ditos eram difíceis de serem quebradas. À falta de conhecimento sobre estes assuntos, favorecido pelo silêncio da mãe em não as alertar, as mulheres contam que descobriam os mistérios por intermédio de histórias passadas de boca em boca ou a própria experiência pessoal, após o casamento, tratava de ensiná-las sobre a intimidade. Sobre as carícias afetivas com o namorado, duas depoentes relatam que

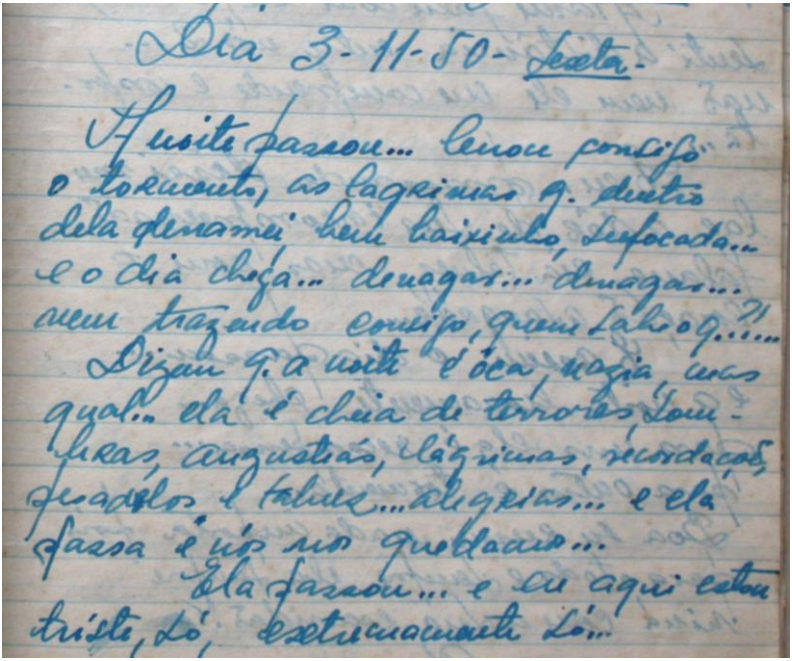
> "De acordo com as normas, nunca; mas, quando se podia e escondido, qualquer beijinho a gente se dava, e que coisa linda, tanto mais bela porque era proibido!" (IFZ). " A gente sofria muito, sabe... Então, a gente dava um jeitinho, quando a gente estava na sala sozinhos. Mas sempre tinha alguém por perto. Mas, quando ele se afastavam, a gente se 'desabafava'. A gente se agradava, se beijava...sempre escondido. Tinha uma vez, a minha irmã, ela se beijou, ela e o namorado. Meu irmão viu, mas ela quase apanhou! Porque a gente podia se beijar, mas tudo era escondido" (JPV) (FAVARO, 2002, p. 201 e 202).

Seriam beijos furtivos o motivo que deixou Giselda "furiosa" e "estranha"? Após o acontecimento "horrível", o diário íntimo transforma-se em território de lágrimas: os relatos, embora não sejam explícitos, sugerem que Ada e Enio desentenderam-se. Em 3 de novembro, dia seguinte ao flagrante, a moça relata que havia falado com Enio, porém "senti uma distância entre nós 2...não nem ele me compreende e conforta. E eu...procurando dissimular a dôr de sua incompreensão, falava, ria talvez, mas com o coração a sangrar..." (*Ada*, 03/11/1950, ALE 77). O conflito entre o casal a deixa triste e alterada: "Não sei o q. devo pensar, ando

confusa, tanto, saturada de mais não sei q...Acho melhor acabar pois tenho medo, medo de escrever mentiras" (*Ada*, 07/11/1950, ALE 77).

As entradas que descrevem a rotina cotidiana da moça, quando envolta de mágoas e "vazios", são caracterizadas pela introspecção profunda e intensa. O sofrimento decorrente do amor tem suas raízes remotas na literatura da Idade Média, com a difusão do amor cortês. Para o cavaleiro, representado pela figura do trovador, sofrer era sinônimo de um tormento sem fim, de doença e, às vezes, de morte, diante do inacessível objeto de amor, a Dama (PEREIRA; JARDIM, 2015).

Figura 24: Excerto do diário íntimo de Ada, 03 de novembro de 1950 [29]


Dia 3-11-50- Sexta-

A noite passou... levou consigo o tormento, as lagrimas q. dentro dela derramei bem baixinho, sufocada... e o dia chega... devagar... devagar... vem trazendo consigo, quem sabe o q.?!...
Dizem q. a noite é oca, vazia, mas qual... ela é cheia de terrores, sombras, angustias, lágrimas, recordações, pesadelos e talvez... alegrias... e ela passa e nós nos quedamos...
Ela passou... e eu aqui estou triste, só, extremamente só...

Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

A noite chegava; "para uns ela é recompensa...para outros é tormenta" (*Ada*, 03/11/1950, ALE 77). Por dentro do silêncio noturno, vozes gritavam do âmago de Ada e procuravam páginas em branco para desabafarem sobre as

[29] "A noite passou... levou consigo o tormento, as lagrimas q. dentro dela derramei bem baixinho, sufocada... e o dia chega...devagar...devagar...vem trazendo consigo, quem sabe o q.?!... Dizem q. a noite é oca, vazia, mas qual....ela é cheia de terrores, sombras, angustias, lágrimas, recordações, pesadelos e talvez...alegrias...e ela passa e nós nos quedamos...Ela passou...e eu aqui estou Triste, só extremamente só..." (*Ada*, 03/11/1950, ALE 77).

horas amargas. A noite, espaço de refúgio e solidão, oferecia consolo e introspeção. Inquieta e inspirada, a moça ali viajava no pensamento e transcrevia no papel os sentimentos que lhe escorrem do seu interior. O gosto pela escrita noturna é nítido não apenas nos momentos tristes; observa-se que a moça, antes de repousar seu corpo sobre a cama, dedicava minutos ou horas à escrita do diário íntimo. Cada entrada no egodocumento é um breve fragmento de suas noites.

> Nova folha q. se enche neste pobre diário de uma pobre vida... que dizer? As mesmas ocorrências de uma vida sem razão de ser... "E quando a noite vem/E eu espero alguém[...] Meus Deus, como é triste é ver a realidade, compreende-la, senti-la...não sei porque compreendo as cousas reais tão bem?!...não devida ser assim, talvez vivesse mais feliz... - Por acaso tu não vives feliz? Não ris? Não é faceira?... - Mas isso não é a felicidade, isso não quer dizer q. eu não seja humana...q. não tenha direito de enfeitar uma vida q. já é murcha... Incompreensão nada mais... Se minha vida já é uma nulidade para q. fracassa-la mais?!...Bom para não mais recordar ingratidões e tristezas aqui fico por hoje (Ada, 04/11/1950, ALE 77).

O sofrimento de Ada, consequente do desentendimento entre o casal, é ainda assunto de outras entradas. Uma amiga repara: "como estás pálida, q. tens não te sentes bem? " (*Ada*, 10/11/1950). A realidade é "amarga": "Dizem q. o 'amor' morre' pelos aborrecimentos e o esquecimento o enterra', é isso uma realidade q. temo sofre-la" (*Ada*, 08/11/1950, ALE 77). Semelhante às escritas expressivas e sensíveis, que idealizavam a imagem do objeto amado, os relatos que nascem de sua falta são demasiados e acentuam a dor. A discórdia entre

o casal abala o coração da moça, que toma a decisão de escrever uma carta a Enio. E a redige no dia 10 de novembro, aniversário do rapaz. Neste dia, a entrada no diário íntimo indica que o visitou na sua casa e comeu um pedaço de torta. Uma justificativa dá início à “massante" carta, como a própria Ada a adjetiva:

> O q. quero dizer-te não é uma declaração de amor, não costumo bem o sabes, é apenas falar, talvez sem néseo, dizer coisas soltas, ou melhor, quem sabe se falo desta vida terrível q. me assola...Queres que conte? Ou já a adivinhaste... Conheces por acaso aquele soneto, conheces sim, eu o disse uma vez, começa assim: “Se já não te é mais nada o meu carinho não fiques. Para que? Vês?! Não te prendo”. Relembras? Pois é sobre isso q. quero falar. Nada mais pavoroso q. um inútil entre úteis, q. sobras onde há abundância...entendes... Pois eu temo ser a cólera e a inútil... se assim for para q. continuar a ser?! (*Ada*, 10/11/1950, ALE 279).

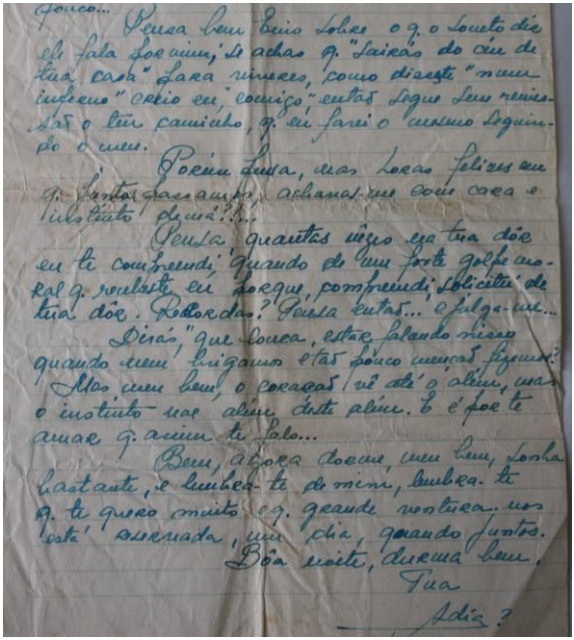
O modo como dirige-se a Enio sugere que está ciente ante à possibilidade de um rompimento no namoro; uma postura dessemelhante ao relato no seu diário íntimo, no qual encontra-se triste, atormentada e desiludida. Ao expressar um mesmo acontecimento – desentendimento entre o casal – e os sentimentos por ele provocados em suportes de escrita distintos, as diferenças são previsíveis, uma vez que a materialidade influi na produção dos efeitos de sentidos. A finalidade prática de um diário íntimo é diferente de uma correspondência. Logo, a escrita é arquitetada com um discurso que projeta a representação de si mesmo desejada. Mais uma vez, a moça age com objetivos táticos: elabora o texto

pensando nos efeitos de sentido que provocará em Enio. A torrente de lágrimas do diário íntimo adaptasse ao destinatário das cartas: “Se tenho tantas maneiras de chorar, é porque, talvez, quando choro, me dirijo sempre a alguém, e o destinatário das minhas lágrimas não é sempre o mesmo” (BARTHES, 1994). A imagem do texto epistolar sugere uma Ada lúcida e corajosa, e que no fecho da carta não teme em pôr um ponto de interrogação ao despedir-se – “Tua Adia? ”.

> Nossos caminhos estão abertos e livres, porque se algo nos atrapalha seguirmos ambos o mesmo caminho, porque, cada um não segue o seu?! Sei que tenho em mim o poder de fazer alguém feliz, sinto-o, pois conhece-me... Se não o faço agora é porque estou presa, subjugada por algo maior q. minha vontade....no entanto aguardo e sonho ansiosa. Com o instante feliz... Enio estás me ouvindo? Não quero ser demais em “nossas” vidas...no entanto se me faltares não procurarei substituir-te ou talvez o faça, mas creia-me, o tempo não apagará tua lembrança. (*Ada*, 10/11/1950, ALE 279).

Cansado leitora (o)? É a mesma pergunta que a moça faz a Enio: “Cansado meu bem?”. Ao receptor da carta e às leitoras (os) aqui presentes, ela própria recomenda. “Mas só mais um pouco...” (Ada, 10/11/1950, ALE 279). Abaixo, o excerto da última das três páginas da carta. A leitura das inestimáveis escritas de Ada não encerram por aqui. Há mais fragmentos amorosos, cujo palco são as ruas do espaço urbano.

Figura 25: Excerto da carta de Ada enviada a Enio, 10 de novembro de 1950 [30]



Fonte: ALE 279, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

---

[30] Pensa bem Enio sobre o q. o soneto diz ele fala por mim, se achas q. “sairás do céu de tua casa” para viveres, como dizeste “num inferno”, creio eu, “comigo”, então segue em revisão o teu caminho, q. eu farei o mesmo seguindo o meu. Porém pensa, nas horas felizes em q. juntos passamos, achavas-me com cara e instinto de má?!... Pensa, quantas vêzes na tua dôr eu te compreendi, quando de um forte golpe moral q. recebeste eu porque, compreendi, solicitei de tua dôr. Recordas? Pensa então...e julga-me...Dirás, “que louca, estar falando nosso quando nem brigamos e tão pouco menção fizemos? Mas, meu, bem, o coração vê até o além, mas o instinto mal além deste além. E é por te amar q. assim te falo...Bem, agora dorme, meu bem, sonha bastante, e lembra-te de mim, lembra-te q. te quero muito e q. grande ventura nos está reservada, um dia, quando juntos. Bôa noite, durma bem. Tua Adia? (*Ada*, 10/11/1950, ALE 279).

3.3 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DA CIDADE MODERNIZADA

Domingo, tarde de 15 de outubro de 1950, Praça Rui Barbosa. Burburinhos e aglomeração de moças e rapazes. Os ingressos para a matinée do Cinema Guarany esgotaram-se. Ada Therezinha e Enio Luiz o deixam para trás e somam-se à fila do Cine Theatro Central. Com o ingresso nas mãos, passam a roleta e acomodam-se nas poltronas confortáveis e estofadas da sala de cinema. As luzes apagam-se. A cortina em veludo bordô abra-se. Diante dos olhares inquietos do público, imagens audíveis e em movimento moldam-se sobre a tela. Ali, dentro da sala escura, a sensibilidade da narrativa cinematográfica preencherá Ada de emoções, desejos e sensações. A história que desenrolar-se-á na tela será da própria moça.

A cena descrita é uma experiência vivida de Ada durante o namoro, que se repetiu em outras circunstâncias. É também um acontecimento urbano típico da modernidade emergente. Novas formas de viver e de pensar marcaram a passagem do século XIX para o XX e adentraram nas décadas seguintes. A república no Brasil era acompanhada pela construção de um projeto de modernização e higienização da sociedade. As mudanças apregoadas foram visíveis nos principais centros urbanos brasileiros por meio das reformas urbanísticas e a criação de novos espaços de sociabilidade, onde se cruzavam, “para o bem ou para o mal, homens ou mulheres” (DEL PRIORE, 2013. p.233). Cafés, praças e bares são os novos locais de lazer para as moradoras e os moradores das cidades usufruírem no seu tempo livre, favorecendo a aproximação de moças e rapazes e, consequentemente, a formação de pares conjugais.

Outro espaço de entretenimento que nasce junto com essas profundas mudanças da modernidade e que atravessará a

vida das pessoas é o cinema. A partir dos anos 20, a distribuição e exibição de filmes de Hollywood crescerá rapidamente, tornando o cinema uma prática cultural mais forte que a dança, a música e o esporte (SEVCENKO, 1998). Mais do que contar uma história romântica, cômica ou de terror, o cinema será o principal veículo que traduzirá a modernidade e uma realidade urbana (KUSTER; PECHMANN, 2014). Aos olhos dos expectadores, novas mundos e olhares são passíveis de se experimentar. "Nesse sentido, podemos afirmar [...] sobre o cinema e o espaço urbano: a vida moderna os fez, e estes fizeram a vida moderna" (KUSTER; PECHMANN, 2014, p.110).

O diário íntimo de Ada Therezinha, ao permitir vislumbrar o espaço urbano, versa sobre o cotidiano citadino e a rede de relações na qual sua vida está inserida. A moça circula pelos espaços urbanos e, de afetos e vivências, é inundada. Cenas, ritmos, fluxos e rotinas da tessitura urbana são apresentados nas páginas do diário. Os momentos de encontro com Enio são vivenciados nos espaços de lazer e de sociabilidades que o espaço urbano de Caxias do Sul oferecia.

Como indícios, o diário íntimo indica que a moça era frequentadora assídua das salas de cinema da cidade. A partir da transcrição de seus escritos, é possível mapear os filmes que assistia e que eram oferecidos pelas casas de cinema de Caxias do Sul, identificando os gêneros cinematográficos predominantes na época, como o estilo melodramático/amor romântico. São informações precisas sobre as sessões, que permitem pensar o cinema como uma forma de sociabilidade e um espaço recorrente no cotidiano do núcleo urbano da cidade.

> A noite fui a dama e o filme não foi tão abacaxi. O Enio veio junto, ainda bem... (*Ada*,10/10/1950, ALE 77).

> A tarde o Enio veio buscar-me as 1 ½ horas e fomos a matiné. O Guarani já estava superlotado e então fomos para o Central. (*Ada*, 15/10/1950, ALE 77).
>
> Fomos ao cinema de noite com a mamãe e foi no Real. Passou o filme Margie e não é tão ruim, alias bem bomzinho. Rimos a valer pois o filme era também cômico, a artista era Jeanne Crain. (*Ada*, 27/10/1950, ALE 77).
>
> Pela manhã fomos ao Circulo Operário assistir o filme "A canção de Bernardete", alias, já havia visto. (*Ada*, 08/11/1950, ALE 77).

Cinema Guarany, Cine Theatro Central, Cine Teatro Real e Cine Imperial – ligado ao Círculo Operário Caxiense – eram as casas de cinema de Caxias do Sul frequentadas pela moça. Ada era espectadora das sessões especiais, como a matinée, que eram realizadas no Guarany nas tardes de domingo, e o "Dia da Dama", quando senhoras e moças entravam gratuitamente (POZENATO; GIRON, 2007). Por intermédio do cinema, Ada tinha acesso a diferentes culturas, sobretudo a norte-americana, o que permite constatar que a região de imigração italiana do Rio Grande do Sul não ficou isenta do processo de modernização, ao contrário, também consumiu produtos culturais que apresentavam outros comportamentos e valores.

Nas páginas dos periódicos que circulavam na região, observa-se as sessões que os cinemas ofereciam à comunidade caxiense, como a edição do dia 3 de junho de 1951, do Diário do Nordeste:

Figura 26: Excerto da página 7, Diário do Nordeste, 03 de junho de 1951.

DIÁRIO DO NORDESTE — Caxias do Sul — Domingo — 3 de Junho de 1951 — Página 7

CINEMA
CARTAZES DA CIDADE

APOLO — Vesperal, programa duplo. 1.o filme «MULHER TIGRE,» continuação seriado, 2.o filme, «INTREPIDO,» com Ted Donalsdon.

CENTRAL — Vesperal, programa duplo. 1.o filme «MACARIO CONTRA OS BANDIDOS» 2.o filme «ATÉ O CEU TEM LIMITES,» com Alan Ladd.
A noite, «AS 4 PENAS BRANCAS,» duas sessões, às 19 e 21 hrs.

GUARANY — Fechado para reformas.

IMPERIAL — Vesperal, programa duplo 1.o filme «VIUVA GAITEIRA,» com Abbot e Costelo. 2.o filme «DELICIOSA MENTIRA,» com Deana Durbin.
A noite «MARIA MAGDALENA,» com Medea Novara, Luiz Alcoriza e Tito Junco.

REAL — Vesperal, programa duplo 1.o filme «DELICIOSA MENTIRA,» com Deana Durbin. 2.o filme «VIUVA GAITEIRA,» com Abbot e Costelo. A noite, «ALGO FLUTUA SOBRE A AGUA,» com Arturo de Cordova e Elza Aguirre.

«ALGO FLUTUA SOBRE A AGUA,» com Arturo de Cordova e Elza Aguirre, será a grande apresentação de hoje a noite no Cinema Real.
Reunido duas figuras máximas do cinema Mexicano, esta película está fadada a grande sucesso. Elza Aguirre a estrela extremamente linda e de temperamento profundamente artístico tem um desempenho extraordinário ao lado de Arturo de Cordova, o galã das Américas.
Dois astros conquistando mais um grande triunfo para sua carreira artística.
«ALGO FLUTUA SOBRE A AGUA» é a sensacional apresentação pela indumentária, pela música, por tudo, enfim, já que a Paramount se esmerou nos mínimos detalhes para que «TARDE DEMAIS» resultasse num filme perfeito em todos os seus ângulos artísticos.
Como premio a essa conjugação de esforços, a Academia de Artes e Ciências do Cinema, de Hollywood, concedeu a essa produção de William Wyrler, quatro merecidos «Oscars».
«TARDE DEMAIS» será apresentado no Cinema Central ainda esta semana.
«TARDE DEMAIS», com Olivia de Havilland, Montgomery Clif e Ralph Richardson.

Central

Em excepcional Avant-Première
DIA 9
Sábado
às
21,30 HORAS

Atenção: Este filme só voltará ao cartaz do Cinema Central dentro de 10 dias.

O FILME QUE RECEBEU QUATRO "OSCARS"
Olivia de Havilland
Montgomery Clift
Ralph Richardson
"Tarde Demais"
"The Heiress"
com MIRIAM HOPKINS

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Rosenstone observa que um filme pode “fazer-nos ‘ver’ e ‘sentir’ qualquer situação ou personagem histórico” (1997, p.5), ou seja, além de deleitar e emocionar o público com suas imagens, oferece a ele modos de ver, de sentir e de agir no cotidiano. O diário íntimo de Ada, por meio do mapeamento dos títulos de filmes, constitui uma fonte privilegiada para analisar o imaginário social da época. Quais eram as representações de amor romântico presentes nessas produções cinematográficas? Quais os sentidos produzidos pela moça ao contemplar as produções e que incidiram na elaboração de sua subjetividade? Ao incitar construções mentais, as histórias dramatizadas nos filmes – especialmente do gênero melodramático –, podem tornar-se referências para as pessoas e estimular a busca das mesmas experiências. Túlio Cunha Rossi aponta que

> A impressão de verossimilhança que o cinema promove, quando empregada em narrativas que tem por tema central a conquista e/ou estabelecimento de uma relação amorosa, confere grande expressividade ao código do amor – enquanto conjunto de prescrições e idealizações de estados emotivos – ao tornar visíveis elementos a princípio abstratos e idealizados. Diferentemente da literatura, o cinema propicia imagens do amor "realizado", convertendo o abstrato em fenômeno visível. Essas visões de amor impactarão na vida de muitos expectadores, servindo de referência – e às vezes até de estímulo – para a busca particular dessa experiência, que deixa de ser simplesmente idealizada como anseio íntimo para se tornar algo visivelmente possível e acessível a todos. (ROSSI, 2013, p. 51-52).

O efeito de verossimilhança que o cinema provoca também é obervado por Rosenstone:

> O filme personaliza, dramatiza e imprime emoção ao passado. [...] Todas as capacidades especiais da mídia – cor e movimento, música e efeitos sonoros, closes do rosto humano, justaposição de imagens – são utilizadas para criar a sensação de que não estamos assistindo aos acontecimentos, mas vivenciando-os. (ROSENSTONE, 2010. p.76)

A sensação de experimentar os acontecimentos que se desenrolam na narrativa cinematográfica traduz as expectativas daquelas e daqueles que moram na cidade, como se as histórias contadas pertencessem as próprias pessoas e a suas realidades. Imagina-se Ada dentro de uma sala de cidade, deleitando-se

pelos filmes hollywoodianos que exibem os enamorados entre beijos e abraços. Ao interpretar seus sentimentos, a narrativa cinematográfica a faz experienciar as mesmas sensações e vivências das personagens: Ada poderia projetar sua imagem nas próprias moças, que estão nos braços dos seus amantes. Enio, ao acompanhá-la diversas vezes no cinema, é o amante que irá afagá-la e transbordá-la de suspiros e felicidade.

A representação de amor romântico nas produções cinematográficas cumpre sua função: a mobilização de condutas e práticas sociais sobre as pessoas e suas vidas. Por isso, a assertiva de Sevcenko (1998, p.608), de que o cinema é, afinal de contas, uma "máquina de simbolização e difusão do amor" e, em relação aos efeitos da tela sobre o par romântico, a moça é a portadora das fantasias.

Outro local do espaço urbano possível de ser vislumbrado nas páginas do diário íntimo é a Praça Dante Alighieri. Ali, Ada e Enio marcaram encontros, como o descrito em 08 de novembro de 1950. A praça, na época chamada de Rui Barbosa, é um dos espaços de sociabilidade que emergem no processo de industrialização e urbanização da cidade (MACHADO, 2001). A imagem abaixo destaca-a e ilustra a face de uma cidade que alterava sua paisagem com a emergência da modernidade.

Figura 27: Praça Rui Barbosa Alighieri, 1945

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

A Praça Rui Barbosa, coração do núcleo urbano de Caxias do Sul, torna-se um espaço para a prática do *footing*, "que é o passeio, a caminhada a pé sem destino, o vai-e-vem [...] pelas praças das cidades que se modernizam" (AZEVEDO, 1980, p.123). Moças e rapazes trocavam olhares e flertavam enquanto passeavam de um lado a outro, em direções opostas. (POZENATO; GIRON, 2007). Depoentes[31] descrevem que, quando jovens, após participarem da missa das 10h na Catedral Diocesana de Caxias do Sul – localizada em frente à praça –, praticavam o footing dominical. O passeio a pé propiciava paqueras e era motivo de divertimento.

A Praça Rui Barbosa, assim como os cinemas de Caxias do Sul são cenários urbanos nos quais a experiência amorosa de Ada foi tramada. Tratam-se de espaços praticados

[31] Entrevistas orais do Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, de Ulysses Geremia, Ady Rossarolla Schumacher, Níveis Fellipe Sirena e Lilia Dal Corso Girardi.

(CERTEAU, 2007), isto é, espaços vivenciados pelas pessoas. Embora os espaços sejam produzidos pelos projetos urbanísticos, são os movimentos dos sujeitos que os transformam em espaços praticados. Portanto, as vivências de flerte e de namoro do jovem casal experienciadas na cidade fabricam lugares praticados e são um recorte das cenas urbanas que a modernidade propiciava.

3.4 AMOR ROMÂNTICO E NARRATIVA SENTIMENTAL

Dos ego-documentos soterrados de memórias de Ada Therezinha e Enio, há aqueles que permanecem na posse de seus três filhos. Alexandre – o "guardião da memória" da família –, na ocasião de uma conversa informal no AHMJSA, apresentou-me alguns desses documentos, cujo vínculo afetivo elimina a possibilidade, imediata, de doá-los ao arquivo histórico. Tratam-se de cinco álbuns de fotografias, concernentes a vida de seus pais: dois pertenciam a Ada e remetem a sua infância e a juventude; há também um álbum de Enio, com esta mesma temática; o quarto álbum é de 1952 e dá destaque ao enlace matrimonial do casal; e, por fim, resta o álbum de infância de Alexandre, com fotografias que evocam os primeiros anos do casamento de seus pais.

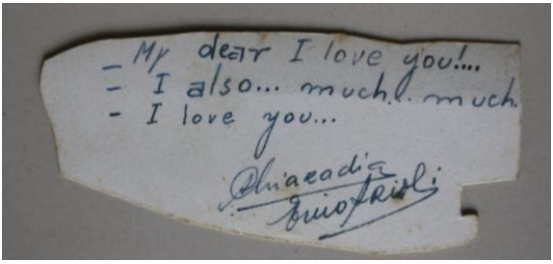
Se, na etapa inicial da investigação história, eram das palavras do diário íntimo e das cartas da moça que revolvia as camadas de temporalidades, desta vez, a memória imagética de Ada atingiu-me na forma de uma ressonância, cujos rumores geraram novas conexões com o passado, até então, escavado. Ao mirar cada fotografia, deparei-me com o poder intrínseco deste tipo de documentação, o de garimpar emoções e suscitar sentimentos de nostalgia pelas personagens ali retratadas. Eram instantes da trajetória de Ada, congelados pelo registro fotográfico, e ordenados numa narrativa que articulava imagens e textos. Cabe destacar um

destes retratos, disposto no álbum de sua juventude de um modo irreverente e criativo, e, que, informa sobre os sentimentos da moça pelo seu namorado:

Figura 28: Fotografia de Enio Luiz, sem data

Fonte: Acervo pessoal de Alexandre

Figura 29: Verso da fotografia de Enio Luiz, sem data



Fonte: Acervo pessoal de Alexandre

No verso da fotografia há inscrições, em inglês, que indicam um possível diálogo entre o casal: “– Meu querido eu

te amo!.... – Eu também...muito...muito – Eu te amo...”. São palavras que palpitam sentimentos de completude e aspiram a eternização do amor. Sob o prisma da sociedade, que define o amor como um sentimento natural, universal e que atravessa o tempo e o espaço (COSTA, 1998), essas palavras são indícios do sentimento amoroso, aquele que vence todas as dificuldades e que pode acontecer com qualquer sujeito. Todavia, ao observar o amor como um objeto científico, no campo da história, questiona-se a crença na universalidade e naturalidade do sentimento romântico. O amor, através da fala de Ada, é capturado como um fenômeno histórico, um produto cultural, ligado às especificidades de cada temporalidade.

À pesquisa, interessa-nos aprofundar o amor romântico, aquele idealizado pela burguesia e fortemente institucionalizado ao casamento e à família. Quando analisado através do conceito de representação, é possível explorar sua capacidade de produzir subjetividades e mobilizar comportamentos emocionais e sociais, principalmente aqueles relacionados com a idealização do matrimônio. Ao escavar, isto é, historicizar o sentimento amoroso da moça, há camadas de tempos que se justapõem ou se modificam e dizem respeito a fatores sociais, econômicos, políticos e de gênero.

O amor romântico se faz presente na Europa desde o final do século XVIII (GIDDENS, 1993), ainda que suas raízes sejam mais remotas, dentro da tradição dos valores do amor cortês (MACFARLANE, 1900). As mudanças sociais nas esferas econômicas, sociais, culturais e religiosas, especialmente na Inglaterra, começaram a influir nos sujeitos e na ordem familiar. No século XVIII, a emergência do Romantismo – um movimento, cujo modo de sentir sobrepõe a imaginação e a sensibilidade romântica sobre a razão (CUNHA, 1999) – incide sobre a ascensão do amor romântico,

quando seus romances literários apontam a ideia de que uma vida individual poderia ser projetada em uma narrativa (CAMPBELL, 2001). O caráter narrativo será caracterizado por

> [...] um intenso exercício de imaginação na tentativa de atribuir sentidos aos eventos e interpretá-los, visando seu encadeamento lógico em prol de uma conclusão que, na prática, é desconhecida, embora na projeção mental seja designada como meta. Com isso, confirmam-se, entre os valores românticos, o imaginário e o ideal, não como simples distinção da "realidade", mas como referenciais de interpretação e ação frente a ela, definindo práticas e condutas (ROSSI, 2013).

A narrativa é elaborada numa estrutura que insere as trajetórias dos amantes numa história individualizada, com acontecimentos que orientam para o desenvolvimento de um futuro onde estariam eternamente juntos. Na visão literária, o casal idealizado uma vez unido seria uma única pessoa e nutrindo amor dedicado exclusivamente de um para o outro. Giddens (1993) com relação à visão narrativa, destaca que embora a retórica do amor pressuponha sentimentos espontâneos, suas práticas e condutas o conduzem para um planejamento comum. O fim previsível desta narrativa é a formação de uma família por meio do casamento.

O código do amor também se adaptava ao individualismo moderno, que se desenvolvia na sociedade anglo-saxônica, e ao puritanismo. A concepção puritana de casamento dava ênfase na necessidade da harmonia espiritual entre os cônjuges e na natureza pecaminosa das atividades sexuais fora do casamento, conduta moral que remonta a elementos cristãos paulinos e agostinianos (WATT, 2010).

O individualismo moderno, por sua vez, fez emergir um novo modelo de família, a conjugal, também chamada de moderna e burguesa, pois a família patriarcal/extensa constituía, economicamente, um empecilho para a ascensão da sociedade capitalista. A família burguesa, baseada num modelo nuclear formado por pai, mãe e filhos, torna-se uma unidade econômica e social autônoma e o amor não poderia ser considerado um sentimento legítimo fora do casamento, visto que era necessária uma solidez no matrimônio (KOLLONTAI, 2002). O núcleo familiar seria um ambiente bem distinto do local de trabalho, onde os sujeitos poderiam desfrutar de um apoio emocional. Ligado a este modelo de família, o amor romântico estabelece a regra da monogamia para toda a vida, especialmente para as mulheres e, como norma moral, a heterossexualidade. Para D'Incão (1989) e Giddens (1993), fortaleceu no imaginário os valores como a maternidade e a intimidade, o que redefiniu o papel da mulher, reservado para o interior do espaço doméstico, com dedicação exclusiva aos filhos e ao marido. A burguesia aderiu a esta moral porque

> [...] ela correspondia perfeitamente ao ideal dominante de domesticidade da classe média. O homem se situa no mundo feio e impiedoso dos negócios e da política; para ele, gratificar suas ambições e procurar o lucro são coisas tão imperativas quanto satisfazer a paixão afetuosa. A mulher, por sua vez, guardiã do lar e da pureza familiar, tem o tempo e o dever, nada menos que a missão sagrada de pôr o amor em primeiro lugar. (GAY, 2000, p.55)

No Brasil, com a modernização no contexto republicano, o modelo de amor romântico foi apregoado pela elite empresarial e que, a exemplo dos estudos de D'Incão (1989), a mentalidade burguesa remodelou as relações

familiares e domésticas, assim como a sensibilidade e o modo de pensar o amor. Se o casamento era de conveniência, isto é, era arranjado e com a finalidade de estabelecer alianças políticas e econômicas entre as famílias patriarcais, nas primeiras décadas do século XX há uma mudança na sensibilidade amorosa nas terras brasileiras. O amor romântico é a base para o matrimônio e este, por sua vez, a condição para a felicidade. O casamento passa a ser a união entre uma mulher e um homem e nasce da livre escolha dos sujeitos envolvidos.

Construídos a partir da perspectiva do amor romântico, os relacionamentos amorosos apresentavam uma narrativa sentimental, com a sucessão de etapas e um fim. Iniciavam no flerte, correspondente ao período de aproximação entre os apaixonados e constituía o primeiro passo para a consolidação de um namoro. Para sua continuidade, dependiam do aval dos pais e eram cercados por regras. O casal cumpria o ritual do noivado, considerado um compromisso formal com o matrimônio e após os preparativos efetivos para a vida em comum, se casavam (DEL PRIORE, 2006).

A representação desse ideal de amor era apregoada pelos artefatos culturais da época e alimentavam o imaginário das jovens brasileiras, especialmente das camadas médias urbanas. A circulação das produções cinematográficas de Hollywood, que centravam suas histórias sobre o mito do par amoroso (SEVCENKO, 1998), assim como, a leitura de romances e revistas colaboraram para que a representação chegasse até as moças e criasse expectativas de um romance sentimental em suas vidas reais.

As revistas designadas ao público feminino e que circulavam nas décadas de 1930 a 1950 tratavam do amor romântico domesticado e prescrito por um conjunto de regras, diferente de um amor movido a paixão, que é irracional e perturba a moral e a ordem (PINSKY, 2014). O amor romântico, modelo dominante de felicidade preconizado para a

mulher, garantia a estabilidade social e era aceitável somente com vistas ao casamento. Os romances de M.Delly, da coleção Biblioteca das moças, eram distrubuídos para venda em todo o país e foram muito populares junto a jovens de classe média (CUNHA, 1999). Seus enredos, bebendo do romances literários do século XVIII, tendiam a difundir nas leituras padrões de comportamento, ao apresentarem estruturas bem definidas:

> O tom geral da estórias era de uma moral conservadora: mulher abnegada, fiel, voltada ao lar e e considerando o amor como sentimento sagrado. O homem continuava a preencher o esteriótipo clássico: bonito, rico, mais velho, às vezes distante..Mas ao final seria terno, dedicado, doce e amaria a heroína até que a morte. O final feliz das estórias de M. Delly parece ter sido um dos atrativos que as leitoras encontravam nesses romances. A maior parte delas confessou buscar refúgio no sonho do amor romântico onde se poderia "ser feliz para sempre, como as heroínas de M.Delly [...] (CUNHA, 1999, p.38).

Portanto, a elaboração de sentidos de Ada sobre o vivido é mediada pela representação de amor romântico. A apropriação que a moça produz ao consumir esta representação, seja a passividade, a reapropriação ou o desvio, são constatados nas entradas do seu diário íntimo. As palavras contém traços de excessiva emotividade, que apresentam o amor como um sentimento pleno, vigoroso e mágico, em intensidade e prazer. Por vezes, o grau de êxtase das emoções pessoais, em especial da saudade, beiram a demasia, próprio da sensibilidade romântica.

> [...] Tomei banho, fui até a tia Leonora, e esperei meu boy. Estava louca de Saudades dele... quando após a horas de intensa alegria,

ele se foi, eu meia aqui na Terra e meia na lua fui dormir e creiam-me, sonhei toda a noite com ele...Bem, grandes coisas, teria a contar, porém, por hoje é só!... (*Ada*, 14/10/1950, ALE 77).

Ele saiu eram 10 e 40. Creio mesmo não ter-me enganado quando o chamei de "sonho" (*Ada*, 15/10/1950, ALE 77).

A noite esperei pelo Enio...esperei mesmo e ele chegou "10 minutos" atrazado, fiquei danada, fracamente dá-me até me-do ve-lo chegar atrazado. Mas não foi nada, pois ele veio. Falamos de tudo um pouco e as 10 ½ ele foi. Falo francamente, gostaria q. ele nunca fôsse embora, mas q. fazer... (*Ada*, 18/10/1950, ALE 77).

A noite o Enio veio e estava um amor. Amo-o mil vezes... (*Ada*, 21/10/1950, ALE 77).

O Enio por sua vez, sempre, cada vez mais querido e por mim mais amado. Ficou comigo até as 20 para as 11, quando partiu, meu coração quase desfaleceu pois só o fato de ele estar ao meu lado, me dá animo e coragem. Mas ele voltará, graças a Deus (*Ada*, 22/10/1950, ALE 77).

Ele foi embora as 10 1/2 ...e eu fiquei com saudade dele. (*Ada*, 28/10/1950, ALE 77).

A noite fui dormir e pensei no Enio, muito, muito... É só... (*Ada*, 30/10/1950, ALE 77).

Ele foi e eu fiquei... (*Ada*, 31/10/1950, ALE 77).

> A noite veio cá em casa e só saiu as 10 ½ . Ele é um sonho! (*Ada*, 01/11/1950, ALE 77).

Na ocasião em que Giselda, mãe da moça, flagra o casal trocando carícias e sua reação imediata é a reprovação deste comportamento, Ada descreverá o ocorrido e lamentará em seu diário íntimo: "Por acaso já não é a vida um vale de lágrimas, uma nulidade para muitos... Essa vida já não é para muitos um vácuo sem fim, sem fundo, longo, escuro e assustador? " (*Ada*, 02/11/1950, ALE 77). Esta passagem acentua outro traço da sensibilidade romântica, a imaginação, que faz criar um ambiente melancólico e comovente. Ada emprega as expressões "vale de lágrimas" e "vácuo" como um meio de evocar seu sentimento de tristeza, preenchendo com imagens figurativas a lembrança de um fato lastimável.

A moça comporta-se como uma apaixonada: há uma impetuosa alegria quando está com a pessoa amada, todavia, na separação, seja decorrente da saudade ou dos desentendimentos entre o casal, seus dias tornam-se opacos e melancólicos. Sua imaginação desdobra-se também na faculdade da idealização do sentimento. Quando a moça escreve, mais de uma vez, que Enio é "um sonho" ou que é feliz, mas "só ao teu lado" (*Ada*, 05/10/1950, ALE 77), verifica-se a idealização do objeto amado e a crença de há somente uma pessoa no mundo que a completa infinitamente. E quando abatida pela separação, suas noites são "vazias" e com "o coração a sangrar", pois o curso de seu romance sentimental é passível de fracasso. Suas atitudes são aquelas previsíveis pela sociedade pois, no plano das representações, a realização amorosa era apresentado às mulheres como a base da felicidade. Conquistar este esteio da vida passa a ser um objetivo primordial, uma "obsessão dominante" (SEVCENKO, 1998). Ora, se Ada era consumidora dos artefatos culturais, o amor dos romances

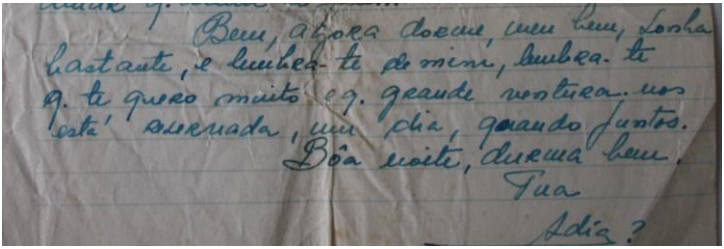
literários e cinematográficos está estreitamente ligado ao amor da vida real.

Ada torna sua vida semelhante a um romance sentimental, com um amor disciplinado e dentro do quadro conjugal. É implícito o desejo da moça de fundir sua trajetória com a de Enio, isto é, projetar sua vida numa narrativa que findará com o matrimônio. No dia 24 de outubro de 1950, expressa a sua ansiedade enquanto aguarda o desfecho que a estrutura narrativa do amor romântico reserva aos enamorados:

> [...] o Enio veio até cá em casa e ficou mais um tempinho inconscientemente disse-lhe: "Enio não sei mais esperar, parece-me q amanhã nunca chega..." Sorrindo, respondeu "Vais ver q. o dia, chegará". Sim, penso eu ele chegará, mas embora curto o tempo, quanta espera ainda... (*Ada*, registro de terça-feira, 24 de outubro de 1950)

A idealização e as expectativas do matrimônio são narradas em outros trechos do diário íntimo. Quando assiste o enlace matrimonial de Marisa Ungaretti escreve que "Meu dia também chegará e então, meu diário, escreverei aqui algo sobre ele" (*Ada*, 04/02/1951, ALE 277). E na ocasião em que Enio queixa-se de dor de estômago e cabeça, o desejo por uma vida conjugal é reiterado: "Quando ele me disse que não andava bem, só lastimei não ser sua esposa" (*Ada*, 23/10/1950, ALE 277). Se dúvidas houvesse quanto a este querer, bastaria reproduzir um trecho da página que inaugura o diário íntimo, dado que o fio de existência dos escritos é a conservação do tempo pretérito, para que, mais tarde o casal possa recordar sua "mocidade". Por fim, a projeção de uma vida a dois também é eternizada em uma das correspondências:

Figura 30: Excerto da carta de Ada enviada a Enio, 10 de novembro de 1950[32]


Bem, agora dorme, meu bem, sonha
bastante, e lembra-te de mim, lembra-te
q. te quero muito e q. grande ventura nos
está reservada, um dia, quando juntos.
Bôa noite, durma bem.
Tua
Adia?

Fonte: ALE 279, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Como um romance do gênero literário ou cinematográfico, a estrutura narrativa da experiência amorosa de Ada e Enio findará com o casamento e é disposta e ordenada na escrita de um diário íntimo. Lima (2014) observa que há similitudes na estrutura narrativa do diário íntimo com o romance literário: são fenômenos culturais que emergem juntos.

> O que me parece relevante destacar é que o diário, assim como o romance, é uma herança burguesa. Um dos principais fatores que contribuíram para o crescimento do individualismo foi o amor romântico, quando começou a construção da subjetividade burguesa, com uma intimidade que era intermediada pela escrita. O crescente interesse da classe burguesa pela arte de ouvir música e poesia levou a um aumento considerável da produção escrita, e as ideias românticas sobre o

[32] Bem, agora dorme, meu bem, sonha bastante, e lembra-te de mim, lembra-te q. te quero muito e q. grande ventura nos está reservada, um dia, quando juntos. Bôa noite, durma bem. Tua Adia? (*Ada*, 10/11/1950, ALE 279).

> amor tinham um público numeroso (LIMA, 2014, p.105).

É possível aproximar o texto do diário íntimo com o romance literário. Lima (2014) argumenta que o sujeito que escreve se constitui subjetivamente com a escrita de sua própria história pois, ao narrar suas experiências vividas, impregna-as de sentidos. A ordem sucessiva e temporal dos acontecimentos, pensamentos e lembranças narrados compõem uma trama, similar a estrutura narrativa do romance.

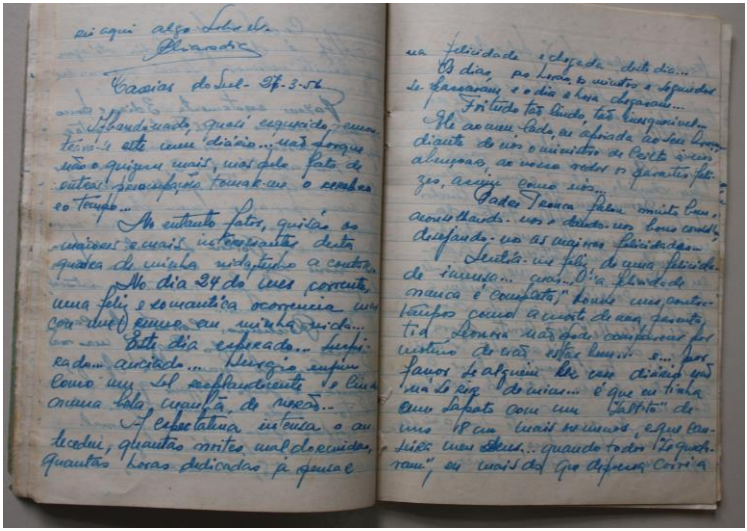
À semelhança de um romance literário ou de um filme melodramático, Ada reconhece a si mesma como a principal personagem da história. É a protagonista da trama amorosa. Situa sua vida como uma narrativa individual e sentimental. Historiciza seu namoro, noivado e matrimônio no suporte de escrita íntima que disponibiliza a construção temporal dos ocorridos. Ao ordená-los na escrita, a moça se constitui subjetivamente e produz sentidos na sua experiência amorosa. O desfecho deste romance *ordinário* extrapolará o matrimônio, uma vez que a narrativa sentimental é guardada para sobreviver ao tempo e, posteriormente, doada ao no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

4 “AGORA ÉS NOIVA, DEVES MAIS DO QUE NUNCA SABER COMO VAI AGIR”: NOIVADO E CASAMENTO

4.1 MULHER DÓCIL, DEDICADA E AMOROSA

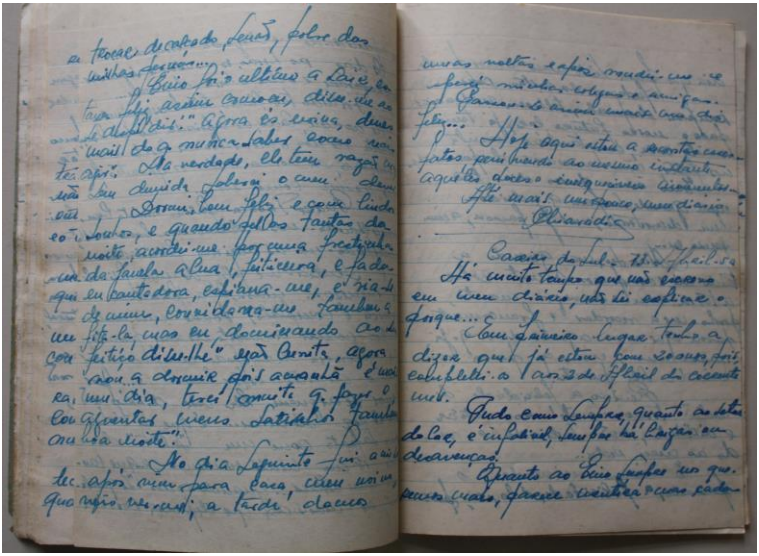
Caxias do Sul, 27 de março de 1951. Ada Therezinha, aos 19 anos, com uma caneta tinteiro, regressa aos escritos. Quase dois meses completaram-se, após a última entrada no diário íntimo. Em quatro longas páginas, o noivado será o pretexto para estruturar sua experiência vivida:

Figura 31: Entrada do diário íntimo de Ada, 27 de março de 1951.



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 32: Entrada do diário íntimo de Ada, 27 de março de 1951.



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Com pormenores, Ada escreve:

> Abandonado, quase esquecido, encontrava-se este meu diário...não porque não o quizesse mais, mas pelo fato de outras preocupações tomar-me o cérebro e o tempo. No entanto fatos, quisás os maiores e mais interessantes desta quadra de minha vida, tenho a contar. No dia 24 do mes corrente, uma feliz e romântica ocorrencia marcou um rumo em minha vida...Este dia esperado... Suspirado...anciado...Surgio enfim como um sol resplandecente e lindo numa bela manhã de

> verão... A espectativa intensa o antecedeu, quantas noites mal dormidas, quantas horas dedicadas a pensar na felicidade e chegada deste dia... Os dias, as horas, os minutos e seguidos se passaram e o dia e hora chegaram... Foi tudo tão lindo, tão inesquecível...Ele ao meu lado, eu apoiada a seu braço diante de nós o ministro de Cristo a nos abençoar, ao nosso redor os parentes felizes, assim como nós... Padre Tronca falou muito bem, aconselhando-nos e dando-nos bons conselhos, desejando-nos as maiores felicidades... Sentia-me feliz, de uma felicidade imensa... [...] Enio foi o último a sair, estava feliz, assim como eu, disse-me ao se despedir: "agora es noiva, deves mais do q. nunca saber como vai agir". Na verdade, ele tem razão mas sem duvida saberei o meu dever. Dormi bem feliz e com lindos sonhos, e quando pelas tantas da noite acordei-me por uma frestinha da janela, a lua, feiticeira, e fada, eu cantadora, espiava-me, e ria-se de mim, convidava-me também a fitá-la, mas eu dormindo ao seu feitiço disse-lhe "não lunita, agora vou a dormir, pois amanhã é mais um dia terei muito q. fazer e agüentar meus saltinhos também, boa noite". No dia seguinte fui a missa após vim para casa, meu noivo veio ver-me; a tarde damos umas voltas e após mudei-me e esperei minhas colegas e amigas. Passou-se assim mais um dia feliz... Hoje aqui estou a recontar esses fatos, revivendo ao mesmo instante aqueles doces e inesquecíveis momentos... Até mais um pouco, meu diário. (*Ada*, 27/03/1951, ALE 077)

Do flerte ao namoro. Do namoro ao noivado. A trajetória amorosa de Ada e Enio segue à risca as etapas da narrativa sentimental. Se as expectativas tomavam conta do corpo de Ada, o "suspirado" dia 24 de março de 1951 nasceu para ela como uma magnífica manhã de verão. Sob as bençães

da Igreja Católica, representada na figura de Padre Tronca, o casal selara um compromisso formal com o futuro matrimônio. À noite, Ada experimentou a nostalgia deste dia, impregnando-o de sentidos sob o feitiço da lua. Imaginação e emotividade, em intensidade e prazer, próprios da sensibilidade romântica.

Os compromissos que antecederam o noivado tomaram o tempo da moça. O enxoval será um tema recorrente e que justifica o quase abandono do diário íntimo. Ocupada, escreve ela nos meses que antecedem o noivado: "Comecei a fazer o enxoval ando q. nem me lembro dum palmo a minha frente" (*Ada*, 30/01/1951, ALE 077). Depois deste dia, a próxima entrada no diário íntimo será no início de fevereiro, quando também se dedica a essa ocupação: "Ando apurado preparando as coisas para o meu enxoval" (*Ada*, 04/02/1951, ALE 077). Os itens que compunham o enxoval da jovem de classe média não se reduziam aos lençóis e toalhas. Citados no diário, panelas, talheres e vidraçaria, eram artigos da lista. Como atividade preparatória ao enlace matrimonial e designada à mulher, o enxoval

> [...] é 'uma longa história entre mãe e filha'. A confecção do enxoval é um legado de saberes e de segredos, do corpo e do coração, longamente destilados. [...] A espessura dos lençóis, a delicadeza das toalhas de mesa, os monogramas nos guardanapos, a qualidade dos panos de limpeza ganham sentido numa cadeia de gestos repetidos e engrinaldados (PERROT, 1989, p.14).

Ada, com suprema alegria, dedica-se a essa prática cultural que perpassa historicamente os corpos das mulheres. O enxoval se inscreve num mundo em que o amor conjugal, é o lugar de felicidade para ela. Quais são as razões dela adotar estas práticas da narrativa sentimental? Por que satisfaz seus

sentimentos com intensidade e idealização? Por que crê que a felicidade e a completude de sua vida só serão possíveis com Enio? Embora o amor seja apresentado como um fenômeno natural, universal e exaltado na reciprocidade dos sentimentos entre o casal, o significado que mulheres e homens atribuíram a ele não foi o mesmo. Com a palavra, Simone de Beauvoir, contemporânea de Ada: " A palavra 'amor' não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. [...] O amor é apenas uma ocupação na vida do homem, ao passo que é a própria vida da mulher" (BEAUVOIR, 2009, p.835). E acrescenta que "é a diferença de sua condição que se reflete na concepção que o homem e a mulher têm do amor" (p.836).

Ada deposita seu corpo e seu coração no sentimento amoroso. Investe seus sonhos e aspira sua felicidade no amor conjugal. O lugar de sua fala, da qual emerge sua narrativa sentimental, é atravessada por *estratos do tempo*, por urdiduras de temporalidades que enredam sua experiência vivida com as experiências históricas das mulheres, e estas, por sua vez, enredadas nas condições históricas da hegemonia patriarcal (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011). Há uma assimetria de significação do amor, uma "distribuição desigual de informação e formação, vivência e expressão amorosa: qualidade, quantidade, intensidade, profundidade, aderência, permanência, risco, tontura, medo, prazer e dor" (CARDOSO PEREIRA, 2003, p.49). O amor, como um produto histórico, será construído a partir das desigualdades estruturais entre mulheres e homens, desigualdades que instituem, produzem e regulamentam subjetividades, funções e espaços específicos para ambos.

Da distribuição desigual do amor, o conceito de dispositivo amoroso, elaborado por Swain, problematiza tanto a experiência amorosa feminina, quanto a representação referencial da mulher. Sob o signo do amor romântico e a afeição materna, a mulher é caracterizada pela pré-disposição

para constituir-se como um ser amoroso. A construção da subjetividade feminina é atravessada pela interferência desse aparato de estratégicas que as tornam dóceis, dedicadas e, sobretudo, amorosas.

> O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem (SWAIN, 2008, p.290).

O dispositivo amoroso gerencia e controla os corpos das mulheres e opera nos seus modos de ser e de viver, ao passo que o dispositivo da sexualidade interage, agindo sobre o controle de sua virgindade e na sua capacidade reprodutora (SWAIN,2008). Por amor, elas dedicam-se plenamente ao namorado, ao marido, aos filhos e a família. Buscam, investem e querem gozar de um amor ideal, carregado de emoções e cumplicidade. O amor não é somente uma experiência possível, é a experiência que define as mulheres: elas são construídas por uma cultura que o colocam no centro de sua existência, como um dever e não uma vontade (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2010). Mulheres, “seres del amor, seres para el amor” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2010, p.12).

Segundo Swain, a educação formal, a pedagogia sexual, a disciplina dos corpos e a domesticação dos sentidos e dos desejos são práticas discursivas nas quais o dispositivo amoroso se consolida e cria a representação ideal do feminino. As mulheres não nascem amando, elas aprendem a amar (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2010). No processo de subjetivação, a construção de si é incessante e age sobre o dispositivo, seja mediante a interação, o assujeitamento ou a rejeição:

> O dispositivo amoroso e a sexualidade formam a trama onde se tece e se produz o feminino – a objetivação indissociável do processo de subjetivação, a produção do sujeito de um saber e a produção do saber sobre um sujeito por meio de práticas discursivas e não discursivas diversas. As tecnologias do gênero tem assim uma dupla face, externa e interna a si mesma, que trabalha na produção do sujeito feminino em quadros de valores para os quais é e cria referência. A ação sobre si utiliza técnicas de adaptação, de recusa, de assujeitamento aos códigos, aos limites, às normas de gênero e de sexualidade, constituindo o que chamamos de "processo de subjetivação" (SWAIN, 2008, p.290).

Este processo de subjetivação almeja uma mulher devota, amorosa, dócil e dedicada a outrem, sacrificando a si mesma para destinar sua vida ao homem. É uma renúncia de si mesma para realizar-se no outro, se constituindo na relação de subordinação ao homem. (BEAUVOIR, 2009) e dependente dele, incapaz de chegar à plena soberania de si (LYPOVETSKY, 2000). O aparato do amor constrói uma realidade constituída de representações que ditam as qualidades e os deveres das mulheres e que incidem sobre o seu devir, ou seja, torna-se um orientador da subjetividade feminina.

As mediações pelas quais o dispositivo amoroso age nos corpos das mulheres são muitas. De modo especial, a educação feminina contribuiu para afirmar o amor como vocação das mulheres. Apreciada como um ser sensível e vocacionado a ele, há uma demarcação do espaço da mulher na ordem social, com o seu confinamento na esfera privada (LYPOVETSKY, 2000). A historiografia tem observado que a demarcação das condutas femininas era sinônimo de proteção da família e exigência do projeto de sociedade moderna e

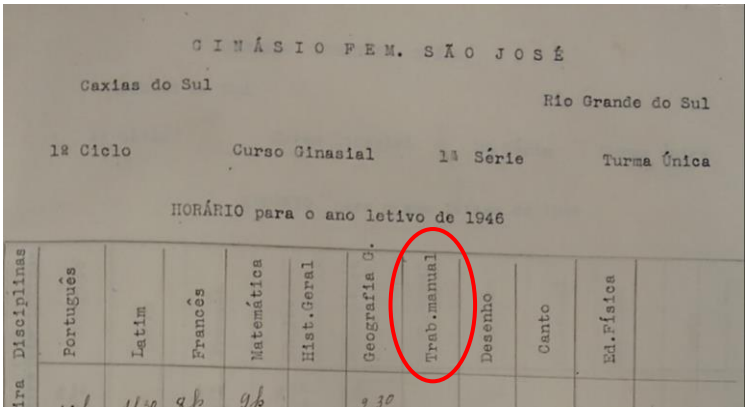
higiênica, prevalecendo a representação da mulher ideal, caracterizada como obediente, submissa ao homem, recatada e dedicada ao lar (PINSKY, 2014).

As “moças de família” eram educadas sob o olhar vigilante dos pais e das escolas confessionais, para posteriormente ocuparem suas funções “naturais”, reservadas a elas, como a vocação para a família. Abaixo, na primeira imagem, observa-se Ada, numa cena típica de infância, com brinquedos que remetem ao trabalho doméstico e ao lar. A seguir, documentos do Colégio São José, referente a composição curricular do Ginásio Feminino, com destaque, em círculo vermelho, para as disciplinas de Trabalho Manual, na 1ª série, e Economia (Doméstica), na 4ª série.

Figura 33: Ada Therezinha (direita), sem data

Fonte: Acervo pessoal de Alexandre

Figura 34: Horário para o ano letivo de 1946 (1ª Série)


GINÁSIO FEM. SÃO JOSÉ

Caxias do Sul — Rio Grande do Sul

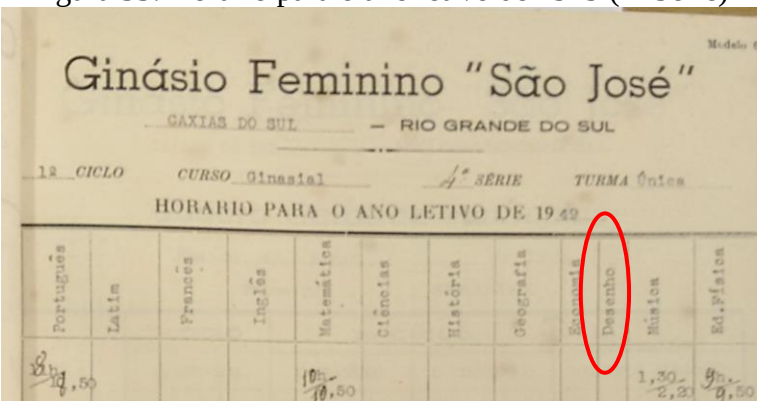
1º Ciclo — Curso Ginasial — 1ª Série — Turma Única

HORÁRIO para o ano letivo de 1946

Disciplinas	Português	Latim	Francês	Matemática	Hist.Geral	Geografia G.	Trab.manual	Desenho	Canto	Ed.Física

Fonte: Acervo do Colégio São José

Figura 35: Horário para o ano letivo de 1949 (4ª Série)


Ginásio Feminino "São José"

CAXIAS DO SUL — RIO GRANDE DO SUL

1º CICLO — CURSO Ginasial — 4ª SÉRIE — TURMA Única

HORARIO PARA O ANO LETIVO DE 1949

Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Ciências	História	Geografia	Desenho	Música	Ed.Física

Fonte: Acervo do Colégio São José

É notável que as alunas desenvolviam atividades que treinavam seus sentidos para o recato e a delicadeza, bem como as preparavam para as funções que a sociedade esperava delas: a vida doméstica, como esposas e mães. Os romances

açucarados, como a Coleção “Biblioteca das Moças”, muito comum entre as normalistas[33] (CUNHA, 1999), eram um tipo de leitura que também colaboravam para o processo de construção de subjetividade das moças e para a educação de bons modos. A educação escolarizada, através de seu currículo e das práticas de leitura e escrita, contribuía para a normatização da vida de Ada e procurava internalizar “normas e preceitos de controle social tanto pela gestão de corpos e almas, como por um conjunto de regras, como portar-se com dignidade, cortesia e elegância, próprias de uma existência civilizada. (CUNHA, 2006, p.350).

Para VASCONCELOS & LEAL (2014), as escolas confessionais femininas promoveram a educação concebida na religião católica, como de decoro, obediência, disciplina e fizeram do corpo um protagonista no processo educacional. Os corpos que ali se educavam e se disciplinavam sob um ideal de religiosidade e eram impregnados de padrões de comportamentos, disseminados por meio de gestos e vestimentas. As autoras observam que, embora as escolas católicas preparassem as mulheres para servirem a seus lares, também lhes deu conhecimento e visibilidade, proporcionando oportunidades para a melhoria da condição feminina em sociedade. O Colégio São José, que educou o corpo de Ada com gestos, atitudes, crenças e sentimentos, também foi a mesma instituição que contribuiu para o processo de apropriação de um capital cultural pela moça, como a prática da escrita.

As representações do corpo feminino apresentadas pela religião católica instauraram um modelo dicotômico, que distinguia a pecadora Eva da redentora e pura Virgem Maria (VASCONCELOS & LEAL, 2014). Estes modelos femininos

---

[33] Ada, depois do enlace matrimonial, prosseguiu seus estudos como normalista, no Colégio São José, em Caxias do Sul.

referenciais exerciam influência nos modos de ser e de agir das "moças de família", que ao contrário da imagem da "mulher da vida" ou das moças "levianas", cultivavam as boas maneiras e davam-se o respeito ao manterem a virgindade intacta (PINSKY, 2012). E, o "bom rapaz", o "bom partido" para as jovens mulheres, era o tipo masculino trabalhador, inteligente, atencioso, que prezava pelo bom caráter e pelo respeito. Se passasse dos limites da decência, estava perdoado, afinal sua "natureza" masculina falando mais alto (DEL PRIORE, 2013). Também ganhava pontos o rapaz que tinha condições econômicas suficientes para manter a mulher e os filhos

Enio, cumprindo seu papel – de um homem responsável, protetor e de bom caráter – estará atento ao agir de sua noiva. Ada escreve que durante o noivado, ele foi o último a sair e feliz, disse a ela ao se despedir "agora es noiva, deves mais do q. nunca saber como vai agir". A moça, ciente de seu comportamento, não discorda do rapaz: "Na verdade, ele tem razão mas sem duvida saberei o meu dever" (*Ada*, 27/03/1951, ALE 077). Observa-se que Enio, a fim de preservar a reputação e honra de sua futura esposa, exerce controle sobre ela, orientando-a a cultivar as boas maneiras e a manter a virgindade intacta.

Com as alianças na mão direita e com as visitas cada vez mais constantes do rapaz na casa de Ada – "[...] ele vem todos os dias, desde o dia em q. noivamos" (*Ada*, 27/06/1951, ALE 077) – ao casal que pretendia construir uma família, era moralmente proibido as relações sexuais anteriores ao matrimônio. Os juristas, literários, médicos e religiosos, em seus discursos sobre o amor e a família, decretaram que era no lar que as relações sexuais eram legítimas e decentes. E, à moça – aconselhavam as revistas femininas–, caberia a principal responsabilidade pela contenção sexual (PINSKY, 2014). Afinal, esses gestos de abdicação do desejo, eram provas de amor.

“Saber como vai agir” é também uma prescrição passível de fazer referência aos deveres que caiam sobre os ombros das mulheres. A fim de manter o tão desejado casamento, concessões, docilidade e compreensão eram deveres a serem empreendidos por elas (PINSKY, 2014). No entanto, a prática da renúncia e da dedicação virão acompanhadas de gratificações: “ [...] toda a fadiga tem sua recompensa quando levada ao fim, e essa recompensa para mim é....ele (*Ada*, 13/04/1951, ALE 077). Investir na harmonia de sua relação é uma labuta que desaguará na felicidade conjugal, que tanto deseja. O amor, identifica Lagarde y de los Ríos, oferece à mulher sua realização plena:

> Así el contenido de la felicidad de la mujeres es la experiencia amorosa, y es evidente que el sentido de la vida de la mayoría de ellas es la realización del amor. La cantidad de trabajo invisible realizado por las mujeres, las energías vitales destinadas a cuidar y a acoger a los otros, el cuidado permanente de ellas mismas para ser mejores objetos, y la tolerancia a la servidumbre voluntaria, no son gratuitas. Las mujeres movilizam sus capacidades y sus energías vitales en busca de la realización del deseo: de vivenciar el amor. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011, p. 450).

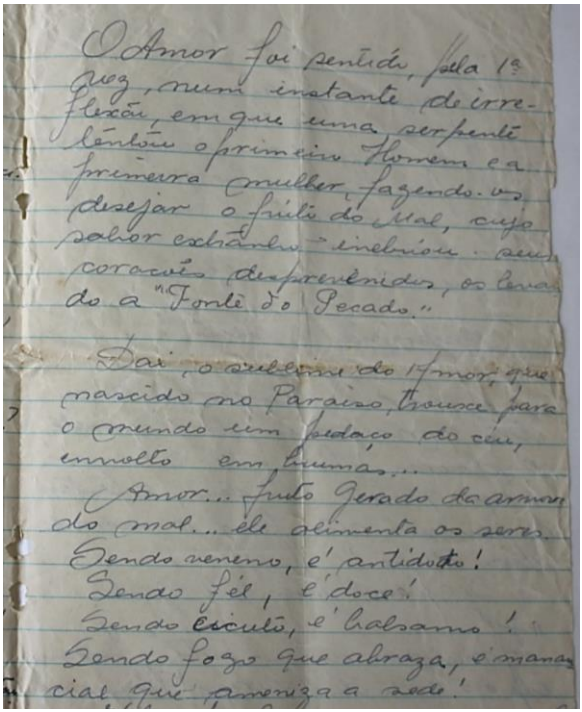
Se “quase todas as mulheres sonharam com o ‘grande amor’” (BEAUVOIR, 2009, p.837), o gesto de Ada não poderia ser outro; é aquele habitual, próprio do modelo cultural designado à mulher. Pôr sob ameaça o enlace matrimonial que se aproxima, é uma realidade que ela teme, uma vez que a condição de “solteirona” – a rejeitada pelo casamento - era um estigma detestável, sinônimo de má reputação e insucesso (DEL PRIORE, 2013). Sacrificar-se e controlar-se em nome do amor, desse sentimento que “nos traz o coração em

desassossego, que nos magôa" e que "te faz sofrer e te acaricia ao mesmo tempo" (*Ada*, sem data, ALE 281), é o caminho natural para o alcance da felicidade. Eis o corpo mariano, a analogia da imagem feminina com a Virgem Maria, cujo sofrimento e anulação da própria vontade a aproxima da "criatura que mais se assemelha a Deus" (FAVARO, 2002, p.119).

Das mediações pelas quais é fabricado a representação de uma mulher dócil e com vocação para o amor – seja o romântico, o materno ou à família –, é evidente que a Igreja Católica, que detinha um poder político significativo na RCI (Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul), também atuou. Ada, além de estudar em um colégio católico feminino, cumpria os rituais da religião, como a participação nas missas e os ensaios na Catholica Domus, a secretaria episcopal. Encontrava-se enredada num ambiente em que a educação católica convergia para promover o disciplinamento e a submissão feminina (VASCONCELOS & LEAL, 2014), acentuando a construção da mulher de acordo com os valores cristãos, com o imperativo dos papéis familiares tradicionais e da instituição do casamento.

Observa-se os ecos da religiosidade católica em uma das missivas endereçadas a Enio. Quando interroga sobre a origem do sentimento amoroso "[...] de onde vem este poder oculto que faz do Amor dono de todos os corações?", Ada busca a resposta em uma representação religiosa, no "mistério da Vida!". Abaixo, a reprodução do trecho:

Figura 36: Excerto da carta de Ada enviada a Enio, sem data[34]


O Amor foi sentido, pela 1ª
vez, num instante de irre-
flexão, em que uma serpente
tentou o primeiro Homem e a
primeira mulher, fazendo-os
desejar o fruto do Mal, cujo
sabor estranho inebriou seus
corações desprevenidos, os levan-
do a "Fonte do Pecado."

Daí, o sublime do Amor, que
nascido no Paraíso, trouxe para
o mundo um pedaço do céu,
envolto em brumas...
Amor... fruto gerado da arvore
do mal... ele alimenta os seres.
Sendo veneno, é antídoto!
Sendo fel, é doce!
Sendo escudo, é bálsamo!
Sendo fogo que abraza, é manan-
cial que ameniza a sede!

Fonte: ALE 281, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

---

[34] O Amor foi sentido, pela 1ª vez, num instante de irreflexão, em que uma serpente tentou o primeiro Homem e a primeira mulher, fazendo-os desejar o fruto do mal, cujo sabor estranho inebriou seus corações desprevenidos, os levando a "Fonte do Pecado". Daí o sublime do Amor, que nascido no Paraíso, trouxe para o mundo um pedaço do céu, envolto em brumas...Amor....fruto gerado da arvore do mal...ele alimenta os seres. Sendo veneno, é antídoto! Sendo fel, é doce! Sendo escudo, é bálsamo! Sendo fogo que abraza, é manancial que ameniza a sede! (*Ada*, sem data, ALE 281)

Ada relaciona que o amor surge no mito da criação, de Adão e Eva, da escolha equivocada desta de desejar o fruto do mal, o que os leva a “Fonte do Pecado”. Como ela diz, o amor nasceu no paraíso, “trouxe para o mundo um pedaço do céu”, porém, a partir de um “momento de irreflexão”, ele também é um fruto gerado da árvore do mal. A moça elabora um sentido para o amor a partir de representações religiosas, neste caso do relato do pecado original. Vista pela ótica e interpretação da Igreja, a mulher – Eva – é a introdução do mal do mundo, a causa dos dores e dos sofrimentos (PERROT, 2003). É também a pecadora, que seduzida pela serpente, seduziu Adão e desobedeceu aos mandamentos de Deus, sendo duplamente punida pelos dois pecados que cometera: “parir com dor e submeter-se ao homem” (VASCONCELOS & LEAL, 2014). Trata-se de um relato religioso que funda as desigualdades entre mulheres e homens.

O escrito de Ada expõe a ambiguidade do amor, isto é, as descontinuidades entre um amor sagrado e um amor profano. O Paraíso não é somente o germe da culpa e do pecado, é também a geração de um sentimento divino, “envolto em brumas” e que alimenta os seres. A Igreja, num discurso sistemático e eficiente, condena o amor profano, aquele nascido do pecado original, da carne e das vicissitudes do mundo temporal, da carne. Concomitantemente, apresenta o verdadeiro amor, o sagrado, que está a serviço do amor divino e, quando manifestado entre um homem e uma mulher – portanto, heterossexual – é celebrado com o casamento religioso (DEL PRIORE, 1989).

Tal como a representação do sentimento amoroso, que sustenta a universalidade e a naturalidade e é visível na referida carta (Amor, amor! Sempre o amor! É o grilo que ecoa em todos os corações”), a moça, a encerra com a alusão do amor a uma citação religiosa: “Seguimos pois este grito. “Amai-vos uns aos outros” porque este é o grito da Natureza. Porque a

vida sem amor seria em verdade, a negação da própria vida...Só o próprio coração!" (*Ada*, sem data, ALE 281).

4.2 NOVE DE FEVEREIRO DE 1952: ENLACE MATRIMONIAL

Sábado, nove de fevereiro de 1952, 18h15min. O interior da Catedral Diocesana, em Caxias do Sul encontrava-se lotado. Dezenas de convidados preenchiam os bancos e, aqueles que não garantiram seus lugares, permaneciam de pé, nos corredores da igreja. Próximo do altar, ocupado pelo padre, padrinhos e madrinhas, Enio aguardava de pé sua noiva. Seus olhos estavam voltados para a entrada principal do templo católico. "Tan tan tan tan". Os burburinhos no recinto são quebrados pela imponente marcha nupcial. Prontamente, todos os olhares dirigem-se para o portal do recinto e, curiosos, aguardam a entrada majestosa da noiva. As portas da catedral se abrem. Eis que Ada, empunhando seu buquê de flores e arrastando a cauda do seu longo vestido branco, respira fundo e, trêmula, caminha em direção ao altar.

Figura 37: Casamento de Ada e Enio

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

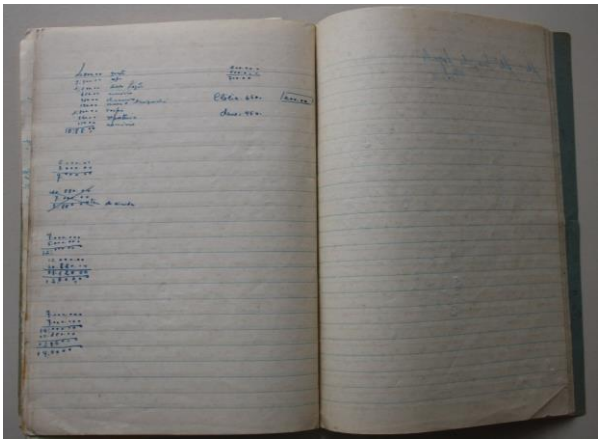
"O dia mais feliz de nossas vidas"[35]. Ada Therezinha, com 20 anos, e Enio Luiz, aos 23, em ato civil e religioso,

[35] O trecho, assinado pelo casal em 9 de março de 1952, é parte da dedicatória contida no retrato do casamento, que foi oferecido como um presente e uma recordação do enlace matrimonial à uma das avós de Ada ou Enio.

findam a narrativa sentimental do amor romântico no ritual matrimonial. O bolo, o buquê, o véu e a grinalda consagraram o destino que a sociedade propôs tradicionalmente à moça apaixonada: a instituição do casamento. O rito de passagem não foi narrado no diário íntimo, tampouco há missivas que versam sobre este dia. Todavia, após páginas em branco e, até, com rasgos, há diversos colunas e rabiscos sem datas e que remetem ao casamento. É possível presumir que foram produzidos próximos a ocasião do enlace, como afirma um dos filhos do casal – Alexandre –, em conversa informal das dependências do AHMJSA.

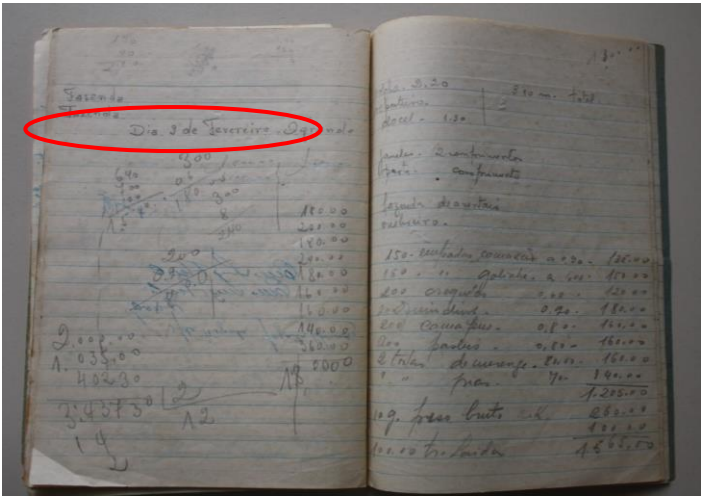
Abaixo, a reprodução destas páginas, com as equações matemáticas referentes a quartos, fogão, chuveiro e armários na primeira imagem. Observa-se na segunda imagem um escrito incompleto ("Dia 9 de fevereiro. O grande") que, ao fazer referência ao dia do casamento, corrobora com a hipótese de que as listas foram produzidas para este evento. Ao lado, há a relação de quantidade e valores dos camafeus, empanados de frangos, quindins e tortas de morangos, indicados pela seta vermelha. Por fim, a terceira imagem apresenta um excerto dessas últimas páginas, com a inscrição "Convidamos V. S. para entregar o presente na casa dos noivos e dar o fora", também indicando a possibilidade de que os rabiscos foram elaborados na época do casamento.

Figura 38: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



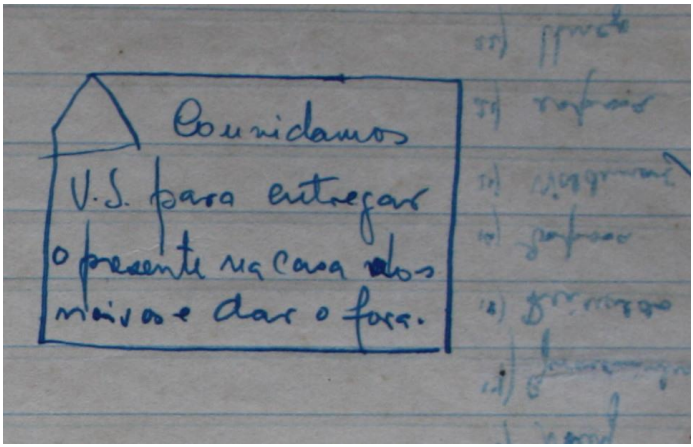
Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 39: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

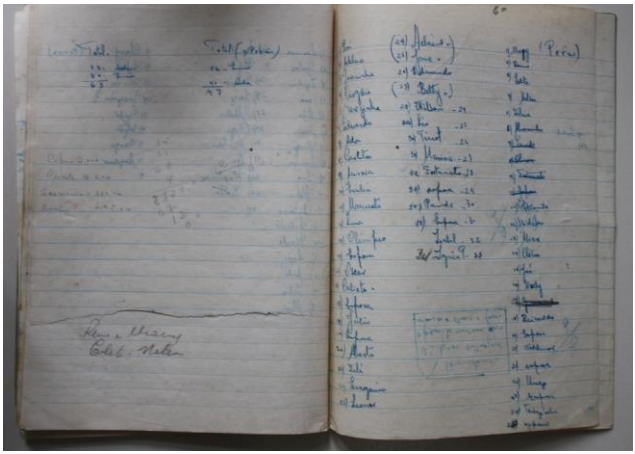
Figura 40: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

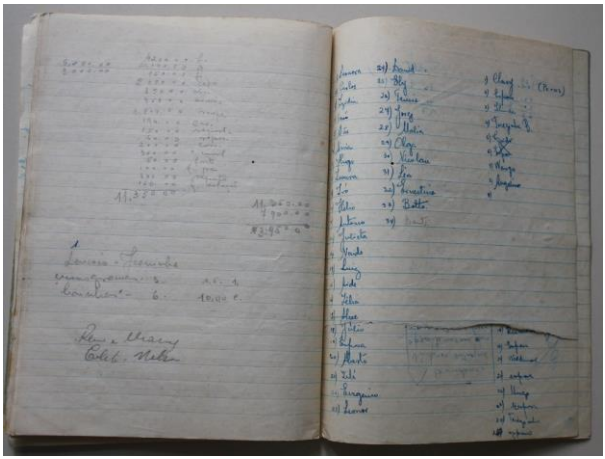
As últimas páginas do diário íntimo de Ada também apresentam listas com nomes próprios e presume-se que sejam correspondentes aos convidados e convidadas para o enlace matrimonial. São listas que elencam os nomes numa ordenação numérica e duas delas – reproduzidas abaixo, na última imagem e indicadas em vermelho – iniciam com menção a “Ada” e a outra a “Enio”, apontando para uma organização das pessoas ligadas ao noivo e a noiva. Estas listas, assim como aquelas mencionadas acima, de artefatos da casa ou de um cardápio, são listas práticas, referenciais a objetos ou pessoas do mundo exterior, com o objetivo puramente prática de nomear e catalogar (ECO, 2010). Abaixo, a reprodução das listas que remeteriam aos convidados e convidadas:

Figura 41: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



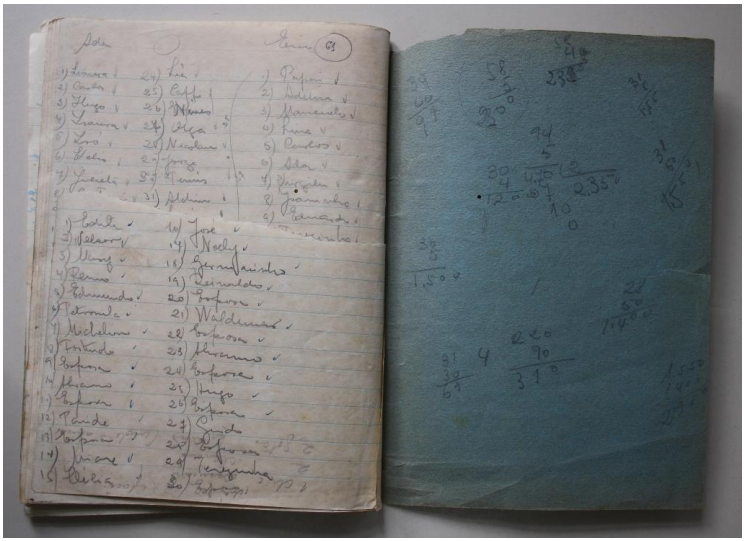
Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 42: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

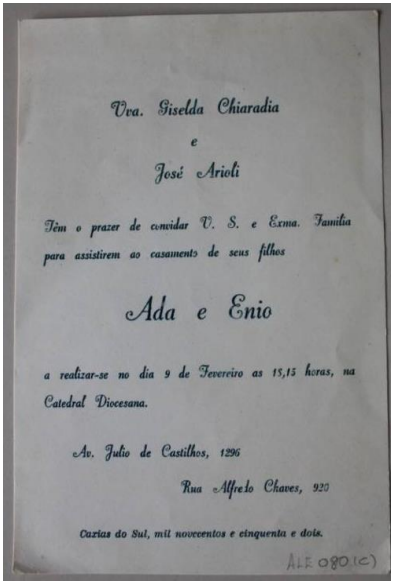
Figura 43: Anotações nas últimas páginas do diário íntimo de Ada



Fonte: ALE 077, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

No AHMJSA, o arquivo pessoal de Ada disponibiliza um conjunto documentos que reconstituem, com poucos detalhes, a celebração matrimonial. São preservados o convite oficial, o registro civil do matrimônio, os telegramas e os cartões de felicitações, escritos pelos convidados. Abaixo, a reprodução do convite e de um cartão, assinado por Darcy e Léa.

Figura 44: Convite de casamento



Vva. Giselda Chiaradia

e

José Arioli

Têm o prazer de convidar V. S. e Exma. Familia para assistirem ao casamento de seus filhos

Ada e Enio

a realizar-se no dia 9 de Fevereiro as 15,15 horas, na Catedral Diocesana.

Av. Julio de Castilhos, 1296

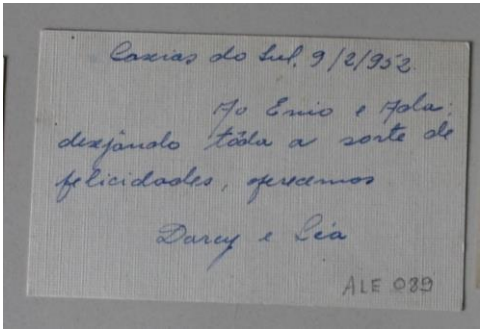
Rua Alfredo Chaves, 920

Caxias do Sul, mil novecentos e cinquenta e dois.

ALE 080 (C)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 45: Cartão de felicitação



Caxias do Sul, 9/2/952.

Ao Enio e Ada;
desejando tôda a sorte de
felicidades, oferecemos

Darcy e Léa

ALE 039

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Por sua vez, o álbum de fotografias que apresenta imagens da cerimônia religiosa e da festa, realizada no Restaurante Maesa, foram disponibilizados pela família para consulta. Logo abaixo, a reprodução de três imagens, com a dramatização de diferentes momentos do casamento. São fotografias que documentam a consagração do ritual, permeado de símbolos, como o vestido branco da noiva – insígnia da pureza e da virgindade da mulher. A primeira imagem retrata Ada e Enio, recém-casados, na saída triunfal da Catedral Diocesana, e acompanhados de aias e pajens. O segundo registro flagra o casal na ocasião do jantar comemorativo. Por fim, a terceira imagem é um retrato da noiva, com sua imagem refletiva no espelho. Ada, com um imponente véu, expressa um singelo sorriso.

Figura 46: Casamento de Ada e Enio, 9 de fevereiro de 1952

Fonte: Acervo pessoal de Alexandre

Figura 47: Casamento de Ada e Enio, 9 de fevereiro de 1952

Fonte: Acervo pessoal de Alexandre

Figura 48: Casamento de Ada e Enio, 9 de fevereiro de 1952

Fonte: Acervo pessoal de Alexandre

As cenas do casal corroboram com a representação do amor romântico que circulava na época, de que a realização amorosa estava vinculada a instituição do casamento. O amor verdadeiro, diferente das paixões – movidas pelo desrespeito à moral e à ordem – é pleno na união conjugal, uma vez que é neste espaço que a esposa e o esposo se transfiguram em mãe e pai e constituem uma família legítima (MALUF & MOTT, 1998). Se o casamento assegurava uma moral sagrada, civilizar o amor, isto é, domesticá-lo, construir uma referência normativa de afetividade conjugal, era preciso. A instituição judiciária brasileira, por exemplo, por meio da publicação do Código Civil de 1916, sacralizou o núcleo familiar moderno e a divisão hierárquica de papéis sociais. Ao marido, cabia representar a família e administrar os bens, enquanto a mulher mantinha sua posição de dependência e subordinação perante o cônjuge, já que era considerada incapaz (DEL PRIORE, 2006). Por sua vez, a doutrina da Igreja Católica moldou um modelo de casamento baseado na monogamia, heterossexualidade, indissolubilidade e no consentimento recíproco de dois sujeitos (SOT, 1992).

E, embora as cidades modernizavam-se com a urbanização, as tradições e os costumes conservavam a família. Durante as décadas de 1930 a 1950, Caxias do Sul vivia um período de desenvolvimento econômico e, com a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, havia o risco da aquisição de novas ideias, como a autonomia feminina. Como era inviável barrar o ingresso cada vez mais intenso das mulheres nos postos de trabalho, a sociedade passou a construir uma nova imagem da mulher de origem étnica italiana: ela colaborava com a economia da cidade, mas não se eximia de tuas tarefas domésticas e na manutenção da família. O valor de uma mulher continuava creditado ao casamento e, para aquelas que mulheres que se mantivessem solteiras, restava a discriminação no interior da família, os conventos ou a

dedicação a alguma obra social ou o magistério (FAVARO, 2002).

O casamento permitiria a mulher “atingir sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe” (BEAUVOIR, 2009, p.432). Logo, a preocupação com a educação feminina não visava prepará-las para a carreira profissional, mas sim para as atividades domésticas do lar e para a função sagrada da maternidade (RAGO, 2014). Conquistar um marido era o mais importante dos empreendimentos na vida das mulheres: “ [...] é preciso afinal casar, porque os outros fazem pressão, porque elas sabem que é a única solução razoável, porque querem uma existência normal de esposa e mãe (BEAUVOIR, 2009, p.432).

Se o matrimônio, símbolo do desfrute da felicidade de amar e ser amada, constituía-se como o sonho obsessivo de toda mulher, as expectativas e as preocupações que tomavam conta de Ada são passíveis de leitura. A moça, crente de que a base de sua felicidade era a união conjugal, temia a frustração e a solidão, expressa na imagem feminina da solteirona. Casar-se era seu objetivo mais significativo, pois para existir social e individualmente, a mulher devia ser esposa (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2011). Frente a este cenário, cabe perguntar se Ada, assim como as mulheres de sua época, amavam o objeto de seu amor ou o casamento. Observa-se que, apesar das brechas aplicadas pela moça durante o flerte e o namoro, a produção de sentidos sobre sua experiência amorosa é tramada pelas representações de amor romântico e de mulher hegemônicas na sociedade. Cenas da felicidade conjugal, comuns na educação feminina ou nos artefatos culturais, já se achavam inscritas e interiorizadas na subjetividade das mulheres, como na de Ada. Perseguir o casamento era encontrar a plenitude de sua felicidade e satisfazer-se no amor conjugal e no amor materno.

O casamento também é passível de significar uma maneira de sair da casa dos pais, em busca de maior autonomia

(PINSKY, 2014). A possibilidade não é descartada, uma vez que Ada expõe sua insatisfação quando sua mãe a flagra trocando carinhos com Enio ou, ao queixar-se das brigas e desavenças de seu lar, na entrada de 13 de abril de 1950. Verifica-se que o desejo pelo casamento poderia corresponder ao anseio por novas margens de liberdade, o que nem sempre poderia ocorrer, já que a união conjugal pressupõe a dependência com o esposo, o trabalho doméstico e a maternidade. A hipótese é sustentada quando se observa que havia diferenças de classes sociais entre os cônjuges. Se a família da moça gozava de prestigio econômico e social na cidade, a condição da família de Enio era outra. O tio da moça, por exemplo, ocupava uma das diretorias da Metalúrgica Abramo Eberle & Cia. Já o pai do rapaz era trabalhador "chão de fábrica" da metalúrgica. Alexandre, filho do casal, assegura que sua avó, Giselda não aprovada plenamente o casamento de sua filha, devido as diferenças de classe.

Os indícios corroboram para tornar dramática a narrativa sentimental de Ada e Enio, tal como um romance literário, cujo conflito entre classes sociais distintas é típico (WATT, 2010). Contra todas as dificuldades que viessem a interferir na sua relação amorosa, a heroína e o herói enfrentavam as convenções sociais e os problemas familiares para, ao final, como num conto de fadas, uniarem-se pelos laços do matrimônio. Como se existisse à parte da sociedade, " o par amoroso só se realiza voltado para si mesmo e contra a sociedade que o cerca" (SEVCENKO, 1998, p.607).

Por fim, ainda sobre a estrutura narrativa do amor romântico que se finda no enlace matrimonial, o fim do diário íntimo era previsível. Ada o encerra no limiar do compromisso conjugal: se Enio era o fio de existência (LEJEUNE, 2014) que sustentavam os escritos, o casamento os encerra. A medida que este evento se aproximava, as descontinuidades eram cada vez mais habituais. Anterior ao término definitivo, identifica-se os

fins parciais: após dias ou meses sem escrever, a moça dirigia-se ao diário íntimo com um pedido de desculpas, justificando seu silêncio e registrava um resumo das experiências vividas. Como observa Lejeune (2014) raros são os diários que contém um fecho, já que seu fim nunca é previsto no texto. A moça mal desconfiava que a entrada de 16 de agosto de 1951 seria seu último registro.

Se o diário íntimo era o lugar de expressão para suas confidências e consolos do coração, tal como uma amizade, no casamento, a confiança, como fundamento imperativo entre esposa e esposo, passa a restringir a confidência dos segredos ao casal. Os pensamentos e as emoções sigilosas serão confinados ao cônjuge e não a terceiros (VINCENT-BUFFAULT, 1996). Por isso, a assertiva de Perrot (1989), de que diários íntimos eram renunciados pelas jovens moças na ocasião em que se tornavam casadas. Poucas mulheres continuavam o diário depois do casamento (CUNHA, 2007).

Ada abandonou seu amigo de longa data. O desejo de fixar o tempo no papel é concretizado quando seu diário é guardado e torna-se um documento do vivido. Todavia, o cotidiano conjugal e a maternidade não serão experienciados no silêncio. No casamento, a prática da escrita íntima se desdobrará de outras formas. Nos próximos parágrafos, entram em cena novos ego-documentos. Por detrás das palavras da mulher, esposa e mãe Ada Therezinha, captaremos imagens do cotidiano conjugal.

4.3 “SOU ESPOSA, SOU MULHER, SOU MÃE”: A ESPERA ANGUSTIOSA

O papel branco e a caneta permaneceram. Os anos, os ritmos e as marcas do seu corpo são outros. A moça, que credenciou sua felicidade no amor romântico, situa-se nos capítulos anteriores. Ada Therezinha, nestes textos finais, é

esposa de Enio Luiz e mãe de três filhos, Alexandre, Adriana e Vicente. No corpo feminino da nossa personagem, inscreve-se o amor conjugal e o amor materno. 1965.1972. Dez, quinze, vinte anos de casada. Rua Andrade Neves, 799, Caxias do Sul. A entonação de sua voz incide sobre a palavra escrita como um sussurro. São ruídos materializados no silêncio de um texto grafado. Quando percorridos pela leitura, convertem-se em gritos, em palavras na modalidade oral.

> São 2 horas da manhã. Espero...
> É uma espera angustiosa...
> Sou esposa...
> Sou mulher...
> Sou mãe...
> A angústia é triplicada....
> Como esposa...
> Como mulher...
> Como mãe...
> Como esposa que espera o marido,
> Esperando sempre que tudo esteja bem...
> Nada de farras...um bom bate papo...
> Nada de acidentes, apenas um retorno tranquilo...
> Como mulher...anciosa pelo aconchego...pelo encontro ardente...
> Como mãe...para que a família reunida, enfrente a noite.
> Descanse tranquilo, não só pela presença física de todos, mas, sobretudo pela segurança, liderança, exemplo de um pai, de um chefe de família e tranquilidade e confiança de uma mãe.
> (*Ada*, sem data)

A mulher, mãe e esposa Ada Therezinha escreve sobre a ausência. O que cria a palavra é a falta. Ada amou e ama por demais. E queixa-se quando não se sente amada. À realização passional, esteio da felicidade, ela registra suas ansiedades e

frustrações. Suas lembranças, que outrora eram eufóricas e de brilho intenso, adquirem agora um tom melancólico e fosco. São imagens, fragmentos da memória, atravessadas pela solidão. Estilhaços que se verbalizam em madrugadas. A ausência de Enio adentra suas noites e a tortura. Ada não dorme. O sono não cerra suas pálpebras. O relógio é seu devaneio noturno e existencial.

> Amaldiçoo o relógio...porque ele marca as horas... As horas passam e ele não vem... Mas não o amaldiçoo porque se as horas passam, seu regresso está mais próximo...Amaldiçoo o relógio...porque os minutos segundos, horas passam e eu estou sozinha....Mentira...não estou só...Tenho comigo, três seres gerados em mim...eu os senti dentro de mim...Sofri feliz para que nacessem...alimentei-os...criei-os...eduquei-os....acima de tudo eu os amo....Amaldiçoo o relógio que friamente marca as hora, madrugada adentro, destruindo a confiança e o amor... (*Ada*, sem data)

Na vida conjugal, com início em fevereiro de 1952, a prática da escrita deslocou-se da ordenação temporal do diário íntimo ou do pacto epistolar de uma carta, para memórias fragmentadas e caóticas. São quatro textos registrados num caderno qualquer, sem destinatário, tampouco inscrição de datas; características estas que dificultam a identificação de limites fixos, a fim de classificá-los dentro das modalidades do gênero autobiográfico. Como vestígios de instante, confissões com o predomínio da instrospecção, escritas de si e ordinárias, transitam entre uma ampla diversidade de textos autobiográficos (memórias, recordações, diário e anotações). A fim de facilitar a análise destes documentos históricos e, como um recurso teórico-metodológico, classifico-os como memórias de *madresposa*.

Os critérios adotados para criar esta denominação partem do tema abordado e das circunstâncias de produção: tratam-se de memórias fundadas na experiência de mãe e esposa. *Madresposa* é um conceito da antropóloga Marcela Lagarde y de los Rios para designar o papel social tradicionalmente atribuído para as mulheres: "la maternidad y la conjualidad son las esferas vitales que organizan y conforman los modos de vida feminino" (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2011, p.377). E ainda que não sejam mães e nem esposas, as mulheres são concebidas como *madresposas*, isto é, como seres de outros e para outros, pois exercerão sua condição de maneiras diversas: ao longo de suas trajetórias, poderão cuidar maternalmente de um aluno ou um irmão, assim como relacionar-se-ão com um namorado, de um modo como se já exercessem o papel de esposa. A autora ressalta que as formas particulares de ler, sentir e perceber o mundo embrenham-se na reprodução da condição de *madresposa*. Para ela, o amor burguês, isto é, o romântico, foi aquele que

> [...] inventó a las madresposas [...] mujeres especializadas en ser madres y ser esposas, mujer cuyo sentido central en la vida es encontrar un buen hombre o malo […] para hacer la vida con él, y para tener hijos con él, y para hacer una familia con él. Son tres los mandatos de las madresposas: ligarte sexo-afectivamente con un hombre, realizar la maternidad y fundar una familia. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2005, p.50 e 51).

As memórias de *madresposa* de Ada, numa leitura inicial, se afirmam como um texto oral, que se insinua como uma voz e que deseja ser escutado. Há ritmos e tempos, que acentuam trechos dramáticos e entonam uma fala angustiante. Há uma articulação entre a palavra escrita e a presença do

> corpo de Ada: o texto é uma escrita íntima que emerge de experiências e circunstancias exteriores como mulher, mãe e esposa e estas, por sua vez, atravessam seu corpo feminino. É uma voz que recorre ao vazio da página, pois Ada necessita, com urgência, desabafar as dores que a sufocam e que são provenientes do coração. Quais sentidos estão por detrás destas palavras?

A produção de sentidos continua girando em torno das experiências amorosas femininas. Presume-se que as memórias de *madresposa* foram registradas entre 1965 e 1972, quando o casal já constituía uma família, com três filhos. Observando a ordem em que foram dispostas no caderno, as memórias apresentam indícios da datação. É possível que o primeiro e o quarto texto sejam depois de 1965, pois remetem aos "três seres gerados em mim" (*Ada*, sem data), isto é, os três filhos do casal – o caçula nasceu em 1965. Já o segundo e terceiro texto indicam o ano de 1972, ao mencionarem que "a princesa da casa [...] já está com 12 anos vivido" (*Ada*, sem data) e que o filho primogênito partiria para Porto Alegre, a fim de iniciar um curso na universidade.[36]

A documentação preservada no (AHMJSA) disponibiliza detalhes da vida conjugal. A residência da família estava localizada na área central de Caxias do Sul, na rua Andrade Neves, 799. Ada matriculou-se na Escola Normal do Colégio São José, porém não exercerá a profissão. A exceção de um curto período de trabalho como vendedora na "Catedral Decorações", em Caxias do Sul, exercerá a profissão "do lar", isto é, o papel de dona de casa, ainda que a família contrate

---

[36] Alexandre, o filho primogênito, em conversa informal, afirmou que iniciara o curso em 1972 e que sua irmã Adriana, descrita no texto como "a princesa", nascera em 1959. Informações que tornam possível identificar que as memórias foram produzidas no ano de 1972.

Dona Ercília como doméstica e babá[37]. Enio, que trabalhava de auxiliar de escritório na Metalúrgica Abramo Eberle & Cia, ascenderá na empresa com o cargo de gerente de varejo, em setembro de 1952, sete meses depois do enlace matrimonial[38]. Após 1974, ocupará o cargo de gerente na Filial Eberle, em Porto Alegre, obrigando a família a se estabelecer na capital. Sua gestão no varejo do Eberle, por meio da "capacitação dos funcionários com cursos de vendas e atendimento personalizado ou pelos badalados concursos de vitrines" (LOPES, 2016a), e a participação na fundação do Clube dos Diretores Lojistas, fará com que seja um dos gerentes de comércio mais conhecidos e admirados de Caxias do Sul. As narrativas em periódicos, como no Jornal Pioneiro, ou a denominação de uma rua da cidade com o seu nome, constroem e consolidam sua biografia.

A memória do casal, materializado nos documentos guardados no arquivo público ou nas narrativas citadas acima, evidencia as relações entre mulheres e homens no tempo. Os papéis de Enio são aqueles relacionados ao exercício profissional, próprios dos discursos normativos que designam o homem para o espaço público do trabalho (RAGO, 2014). Os vestígios autobiográficos de Ada sinalam para o espaço privado do lar, com as tarefas domésticas e a realização da missão feminina como mãe. Da vida conjugal, suas memórias são do privado e do doméstico. Três cadernos, que eram escolares, se destacam: os cálculos referentes as despesas da casa misturam-se com os desenhos dos filhos; e os poemas copilados confundem-se com receitas culinárias. Lygia Fagundes Telles

---

[37] Dona Ercília trabalhou muitos anos como doméstica para a família, auxiliando Ada nas tarefas doméstica (LOPES, 2016b).

[38] A trajetória de Enio Luiz na metalúrgica iniciou em 1943, no setor de depósito e expedição. E quanto ao cargo de gerente de varejo, é importante recordar que Hugo Argenta, tio de Ada, ocupava uma das diretorias da metalúrgica.

observa que esses cadernos de anotações, caóticos e fragmentados, são comuns na vida das mulheres casadas, já que segredos não podem ser mais guardados em diários íntimos: “Restava o recurso do cadernão do dia-a-dia, onde, de mistura com os gastos da casa cuidadosamente anotados e somados no fim do mês, elas ousavam escrever alguma lembrança ou confissão que se juntava na linha adiante com o preço do pó de café e da cebola” (TELLES, 1980, p.16).

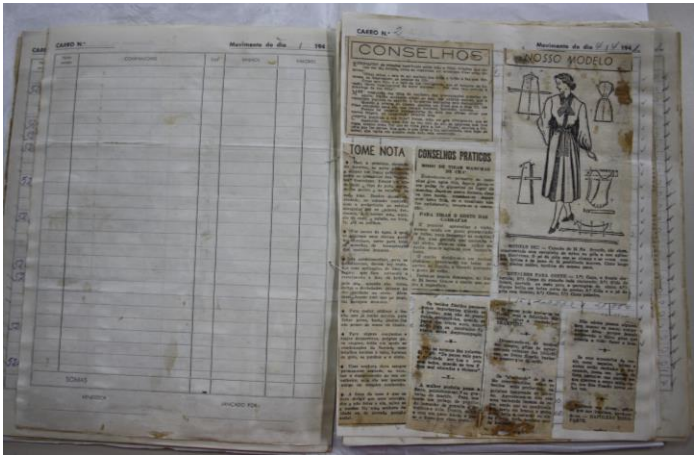
O casamento, como um contrato social, é o espaço de normatização e da apropriação do corpo das mulheres, apropriação que se manifesta no caráter gratuito do trabalho feminino e na condição de reprodutora (SWAIN, 2008). É um espaço que consagra a relação amor e mulher: se o amor romântico é com vistas ao casamento, a mulher, ser amoroso, cumpre seu destino social, a conjugalidade e a maternidade. Ser esposa confunde-se e se complementa com a quase obrigação social de ser mãe. O amor materno é visto como um sentimento inato, puro e sagrado da mulher (RAGO, 2014); “é pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação “natural” (BEAUVOIR, 2009, p.645).

Tal representação de mulher pode ser encontrado no caderno que Giselda, mãe de Ada Therezinha, elaborou para sua filha na ocasião do casamento. Numa apropriação de suportes da cultura escrita, as folhas de contabilidade[39] foram atravessadas e unidas pela agulha e linha de costura. Uma produção artesanal, confeccionada à mão. No interior do suporte, recortes de revistas femininas e jornais, com um conjunto de temas (casamento, filhos, culinária de doces e

[39] As folhas de contabilidade, datadas de 1941, registram a movimentação financeira de uma empresa, com a relação dos compradores, o número da nota fiscal, os valores e o tipo de produto, como guaraná, gasosa tônica e soda.

salgados, etiqueta, higiene e moda) referentes aos papéis domésticos tradicionalmente reservados às mulheres, de mãe e esposa. Para a “cozinheira ideal”, a “artista do lar”, a “mulher faceira” e a “boa esposa” há muitos “conselhos práticos” e “conselhos alimentares” da “ciencia doméstica”: “a primeira refeição do dia”, “os segredos da mulher faceira”, “qual o pão mais nutritivo”, “código de beleza”,“prevenindo resfriados”, “desintoxicar o organismo”, “idade escolar”, “combate as moscas”, “aos pais de escolares”, “a nova silhueta”, “o penteado da semana” e as receitas da “Tia Dorothy”, como o “pudim da felicidade”, o “bolo de pobre”, o “creme de ovo” e os “bolinhos de bacalhau”.

Figura 49: Caderno montada por Giselda



Fonte: ALE 078, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Figura 50: Caderno montada por Giselda

Fonte: ALE 078, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

As imagens idealizadas de mulher a designam para o papel fundamental que cumpre no interior da família nuclear moderna, tornando-a responsável pela saúde dos membros, sejam as crianças ou o marido, e pela ordem, aconchego e higiene do lar. Como se isso não bastasse, espere-se da boa esposa a sua “essência feminina” em ser romântica, carinhosa, vaidosa, preocupando-se com sua beleza e cautelosa quanto as suas futilidades. A harmonia conjugal é um compromisso do

casal, contudo, caberá a ela, por amor à família, sacrificar-se e empreender energias e esforços para promover a felicidade no casamento. No caderno mencionado acima, um artigo intitulado “É você uma boa esposa” apresenta um questionário, no qual aborda diversas situações cotidianas, perguntando à mulher casada se costuma variar o cardápio, de modo que seu marido desconheça o que vai comer; se enfrenta as adversidades financeiras com bom humor e sem criticar os erros do esposo; se confecciona uma roupa com vistas à preocupação do gosto dele; ou, enfim, se tem interesse em acompanhar a diversão ou leituras do seu marido. Caso as respostas sejam negativas, o texto é categórico em recomendar que a mulher reflita sobre seu comportamento e emende “as pequenas falhas do seu temperamento, porque dele é que depende sua felicidade conjugal”.

Figura 51: Excerto do caderno montada por Giselda

Movimento do dia

É Você uma boa Esposa

O questionário abaixo foi organizado para a mulher norte-americana, por Emet Crofer. Acreditamos, porém, que em qualquer parte do mundo, a mulher, para ser uma bôa esposa, deve satisfazer as exigências do referido questionário. Medite conscienciosamente em cada um dos quesitos, e, si a resposta não fôr plenamente positiva para cada um deles, procure emendar as pequenas falhas de seu temperamento, porque dele é que depende sua felicidade conjugal.

1.o — Você dá a seu marido completa liberdade nos seus negócios, evitando criticar os seus associados ou o número de horas que trabalha?

2.o — Você faz o máximo para que seu lar seja interessante e atraente?

3.o — Você faz variar o cardápio da casa de modo que êle nunca saiba perfeitamente o que vai comer quando se senta à mesa?

4.o — Você toma um inteligente conhecimento dos negócios de seu marido, podendo com êle discutir sôbre os mesmos de modo que o ajude?

5.o — Você pode enfrentar com coragem e resignação as adversidades financeiras, sempre de bom-humor, sem criticar o esposo pelos seus erros ou compará-lo com homens mais prósperos?

6.o — Você faz esforços para viver bem com sua sogra e os parentes de seu marido?

7.o — Você, quando faz um vestido, tem a preocupação de atender ao gosto de seu marido no que se refere à côr e ao estilo?

8.o — Você acomoda sempre pequenas diferenças de opiniões em benefício da harmonia?

9.o — Você faz algum esforço para aprender os jogos de onde seu marido gosta para que possa assim participar de suas horas de diversão e descanso?

10.o — Você se inteira das notícias do dia, dos novos livros e novas idéias, para que possa acompanhar o interesse intelectual de seu marido?

Se tiver respondido, positivamente a todas as perguntas, você é realmente uma bôa esposa e seu marido está de parabéns.

APÓS ter ficado muito

Fonte: ALE 078, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

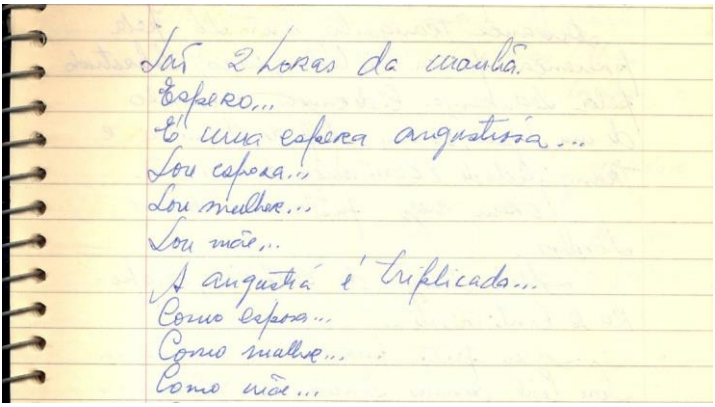
Gostos e opiniões são renunciados para associar-se ao mundo dele. A mulher casada desmorona seu próprio universo para viver no mundo do marido. Deve "esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido (RAGO, p.91). Ela "lhe entrega nas mãos a existência e ele lhe dará um sentido (BEAUVOIR, 2009, p.582). O amor romântico, que outrora prometia felicidade à jovem esposa, torna-se um dever na vida conjugal e acena para a repetição das cenas domésticas e a confinação da imanência. "Comer, dormir, limpar..., os anos não escalam mais o céu, espalham-se em idênticos e cinzentos sobre uma toalha horizontal; cada novo dia imita o precedente; é um eterno presente inútil e sem esperança" (BEAUVOIR, 2009, p.588). Do peso da solidão por passar muito tempo em casa, a dona de casa de classe média é passível de experimentar o isolamento:

> Educadas para adquirir um senso detalhista e quase obsessivo por limpeza, levadas a manter as aparências e pressionadas a viver praticamente em torno das tarefas domésticas e das necessidades dos familiares, acabavam, muitas vezes, acometida por indisposições, além de alimentarem ansiedade e insatisfações. Provavelmente uma parte das dores e agonia das mulheres surgia do conflito entre as prescrições de seus papéis e a realidade de suas vidas, do tédio, ou ainda do problema relativamente comum, da distância entre o seu cotidiano e do marido (PINSKY, 2014, p.239).

As memórias de *madresposa* de Ada Therezinha são tecidas dos dias cinzentos e idênticos. O amor conjugal e maternal regulará sua existência social, dispondo suas energias vitais para a harmonia da família. O senso detalhista e quase obsessivo que a solidão lhe acarreta a atordoa nas madrugadas,

quando se queixa da falta do marido e devaneia sobre as horas, os minutos e os segundo transcorridos. “As horas passam e ele não vem” (*Ada*, sem data). O relógio é um vestígio da loucura da solidão, da “locura del abandono y del desamor” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2011, p.709) por aquele que ela nunca abandonaria Ada “sente-se despojada de si mesma e do mundo” (BEAUVOIR, 2009, p.425). A ausência de Enio traz sofrimento e a condena a noites de existência vazia e solitária. É uma espera angustiante. E ser esposa, ser mulher e ser mãe é uma existência que triplica sua amargura. Os ponteiros marcam o tempo. São duas horas da madrugada:

Figura 52: Excerto de memórias de *madresposa* de Ada, sem data

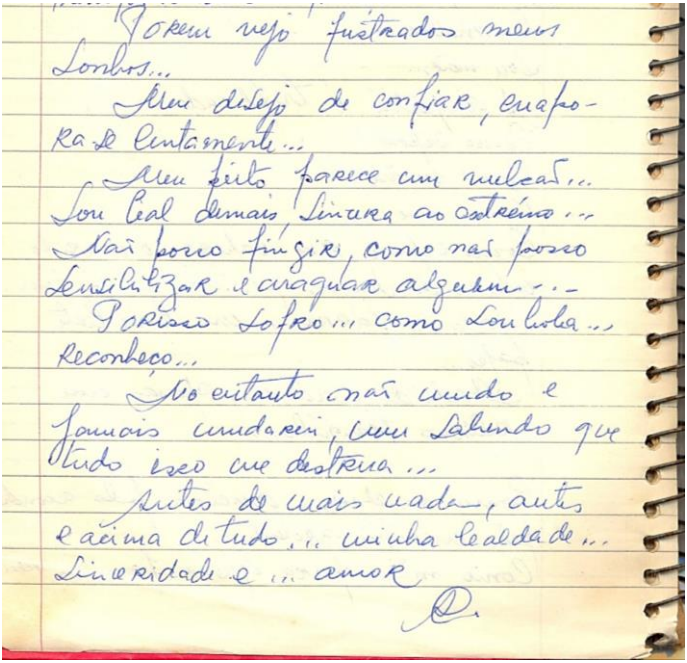

São 2 horas da manhã.
Espero...
É uma espera angustiosa...
Sou esposa...
Sou mulher...
Sou mãe...
A angustia é triplicada...
Como esposa...
Como mulher...
Como mãe...

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

O amor romântico, que era sinônimo de plenitude, no casamento, a transforma em madresposa, uma condição que torna sua infelicidade mais intensa. O universo do amor, que até então lhes parecia seguro, começa a desmoronar. O fracasso conjugal é passível de significar um desastre, pois o amor foi a experiência que definiu o sentido de sua vida. Ada, quando

jovem, dedicou-se ao seu namoro, e enfrentou as dificuldades. Doou-se inteiramente a Enio, realizando-se como mãe e esposa. Porém, ele não se dispõe da mesma forma. Mulheres e homens amam de formas distintas, que estão imbricadas nos papéis tradicionais que a sociedade lhes reserva. A ausência de Enio "es la muerte de uma parte central de sí mesma, que abarca casi la totalidade de su ser mujer" (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011,p.709). Decepção e frustração são as palavras que definem o fracasso da felicidade conjugal.

Figura 53: Excerto de memórias de *madresposa* de Ada, sem data[40]


Porem vejo frustrados meus
sonhos...
Meu desejo de confiar, evapo-
ra se lentamente...
Meu peito parece um vulcão...
Sou leal demais sincera ao extremo...
Não posso fingir, como não posso
sensibilizar e maquiar alguém...
Por isso sofro... como sou boba...
Reconheço...
No entanto não mudo e
jamais mudarei, mas sabendo que
tudo isso me destrua...
Antes de mais nada, antes
e acima de tudo... minha lealdade...
Sinceridade e... amor.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

"Como sou boba, reconheço". Sua fala emerge de um estado designado às mulheres: a culpabilização por serem infelizes (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011). Se a infelicidade é um produto da incapacidade pessoal da mulher, Ada crê e reconhece que é tola. Todavia, não quer mudar, não

[40] Porém vejo frustrados meus sonhos...Meu desejo de confiar, evapora-se lentamente...Meu peito parece um vulcão...Sou leal, demais sincera ao extremo...Não posso fingir, como não posso sensibilizar e maquiar alguém...Por isso sofro...como sou boba...reconheço...No entanto não mudo e jamais mudarei, mas sabendo que tudo isso me destrua... Antes de mais nada, antes e acima de tudo...minha lealdade...sinceridade e..amor.

concebe a possibilidade de redefinir sua vida de outra forma, mesmo que tenha consciência que sua dedicação integral a possa destruir. Nas palavras de Lagarde y de los Ríos,

> El estado de desasosiego, la depresión, la tristeza, la angustia ante la soledad, el dolor por el abandono, el desamor y los celos, producen em las mujeres rotas um estado de enlouquecimiento definido por la existência sobre las mismas bases o sobre bases nuevas. Aparece el delírio, y la vivencia imaginaria del conflito se interpone entre ellas y la vida cotidiana (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011, p.710).

Simone de Beauvoir, na obra "A Mulher Desiludida", retrata histórias femininas de solidão e fracasso, como a de Monique, uma típica dona-de-casa que tem sua existência desestruturada, quando se vê abandonada pelo marido, que mantém um caso extraconjugal, e pelos filhos. Uma narrativa que se aproxima da experiência vivida da nossa protagonista. Os filhos crescem e, aos poucos, conclui-se a ocupação da maternidade. O primogênito, por exemplo, parte para Porto Alegre ante a aprovação num curso de graduação, como descreve em um dos rabiscos: "Um...vai seguir seu destino...Outro bem menor...começará a luta do saber...A primeira da casa é a do meio...já está com 12 anos bem vividos e é a flôr que enfeita nosso lar..." (*Ada*, sem data).

As queixas em relação a ausência do marido, apontam para a existência de conflitos entre o casal. Embora as memórias não disponibilizem informações do conteúdo destes problemas, presume-se que a esposa suspeitava de suas condutas. A moral sexual que vigorava na época cobria a pureza da mulher virgem ou o corpo assexuado da mulher casada, ao mesmo tempo que relativizava as aventuras

extraconjugais dos homens (RAGO, 2014), legitimando a hegemonia patriarcal. Fidelidade ao marido, procriação e maternidade eram os valores femininos apreciadas, já os esposos necessitavam reafirmar cotidianamente sua virilidade, seja os encontros e programas com os amigos ou eventuais relacionamentos com outras mulheres. E em caso de suspeitas de traição ou outras situações, a mulher não deveria demonstrar reprovação abertamente, sob o risco de prejudicar a manutenção do casamento, afinal "a esposa modelo não discute e não se queixa" (PINSKY, 2014, p.237). Problemas eram tratados pela sociedade como crises passageiras, sob a justificativa que o amor supera todos os obstáculos. A mulher, como um ser amoroso, perdoa o marido.

Se crises de choro ou ataques de nervos eram prescritas como gestos que comprometiam a felicidade conjugal, Ada encontrará na escrita íntima o espaço para amenizar suas frustrações, produzindo sentidos sobre o vivido. Em um dos trechos das memórias, observa-se que não atribui a responsabilidade dos problemas conjugais sobre si mesma:

> Mentira...as horas passam sim porém em me fortaleço, vendo que eu sou forte, eu transmito confiança, aquela confiança de que tanto prestamos, e tenho mais amor a dar...a meus filhos...minha mãe...irmã...tios...parentes e amigo. Amaldiçoo e amo o relógio...Contradição...não sei. Se ele me angustia não é ele, é sua função...Se há mesquinhos, egoístas, falsos e irresponsáveis, ele não tem culpa. Ele é uma máquina programada para ésso... O ser humano não...É o homem racional, como tal deve portar-se... Se assim não o faz é bem melhor que rasteje com os répteis, ou ande em quatro como os irracionais... (*Ada*, sem data)

A caneta e o papel, mais uma vez são um modo de resistência frente ao poder instituído. Uma ação sutil e individual, que não rompe com a ordem dominante, mas que se torna um refúgio, no qual se reinventa. Suas memórias de *madresposa* são vestígios que demonstram que a construção de sua existência como mulher, mãe e esposa não foi desprovida de passividade. As permanências foram acompanhadas de reapropriações, desconfianças e resistências. Ada Therezinha, esta personagem que se apaixonou, que se consumou de uma narrativa sentimental, que projetou sua felicidade no casamento, é a mesma mulher que apresenta uma consciência crítica em relação ao papel tradicional que a sociedade lhe reservou, ainda que esta condição lhe traga tristeza e, por vezes, devaneios de loucura. Entre tantos gestos desordenados e contraditórios, permaneceu a busca da produção de significados sobre sua experiência vivida. Faleceu em 1989, aos 58 anos, decorrente de um infarto.

5 **“HÁ MUITO TEMPO QUE NÃO ESCREVO EM MEU DIÁRIO”:** CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Caxias do Sul da década de 1930, inúmeras foram as vezes que Suzana Germano, vestida de tailleur escuro com chapéu de feltro, costumava passar suas tardes na Praça Dante Alighieri, a fim de ler um jornal e uma revista. A professora de piano e dona da Pensão Royal, uma casa de mulheres, era conhecida como uma mulher elegante e culta. Viveu na cidade entre 1934 e 1938. O não pagamento de dívidas à prefeitura lhe acarretou a perda da propriedade, localizada próxima a área central, e em 1942, Hugo Argenta – tio de Ada Therezinha – arremeteu o bem penhorado. Suzana, na verdade, era Ercília Nogueira Cobra, uma escritora paulista, cujas obras “Virgindade Anti-higiênica” (1924) e “Virgindade Inútil” (1927), ousavam abordar assuntos um tanto proibidos e polêmicos para a época, como prazer sexual, prostituição e amor livre. Seu inconformismo com a educação feminina, através da leitura dos romances, fora documentado em um dos livros, quando escreve

> Quanta quimera, quanta mentira, cujo fim único é falsear a pobre cabeça da mulher! Infame palavreado cor-de-rosa, fonte de ignomínias para as coitadas que entram no mundo a sonhar que pisam nos tapetes da Pérsia e acordam com os pés no lodo. Quanta lágrima, quanta desilusão amarga, quantos braços erguidos para o céu indiferente e vazio, não se incumbam nesse falseamento da realidade (COBRA, 1996, p.48).

Ada Therezinha desconhecia que Caxias do Sul foi a residência de uma mulher que fez críticas ao amor romântico e arriscou viver sua sexualidade fora do casamento. Presumo

também que ela mal sabia que, no passado, seu tio adquirira a propriedade penhorada da escritora paulista, cujas obras polêmicas foram pioneiras na literatura feminista brasileira. Nos ego-documentos da nossa personagem não encontrei vestígios que indicassem o acesso às leituras críticas da condição feminina. Todavia, Ada conviveu com mulheres de trajetórias distintas daquela prescrita pelo amor romântico com vistas para o matrimônio. Na convivência cotidiana com sua família, ela residia com Giselda, sua mãe, que viúva, criou suas duas filhas e Maria, a tia que não se casou.

Uma vez que a trajetória existencial de muitas mulheres foi alimentada pelo sentimento do amor, é indispensável registrar a presença de vozes dissonantes que já se preocupavam e registavam sobre a incidência do amor na vida das mulheres. Assim como Ercília Nogueira Cobra, outras mulheres contemporâneas à Ada desafiaram com ousadia e coragem a sociedade ocidental, marcada pela cultura do patriarcado. É notável os escritos sobre o amor livre da anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura, como “Amai e não vos multipliqueis” (1932) ou a obra chave para o feminismo contemporâneo, “O Segundo Sexo” (1949), de Simone de Beauvoir. Anos anteriores, a revolucionária russa Alexandra Kollontai, nos ensaios “A Nova Mulher e a Moral Sexual (1918) e “O Amor na Sociedade Comunista” (1921), tecia críticas a moral sexual burguesa, apresentando o amor-camaradagem como um ideal amoroso baseado na autonomia feminina e sem o sentimento de posse absoluta. Esta autora, ao participar do novo estado soviético, ajudou na elaboração de uma legislação moderna que concedia direito às mulheres e afrontava a instituição do casamento com o estabelecimento do divórcio.

Aproximar estas mulheres da trajetória de Ada parte das reflexões despertadas pelo percorrido que realizei sobre o diário íntimo, as cartas e as memórias de *madresposa* de nossa

personagem. Num primeiro momento, ao correr os olhos sobre as palavras eternizadas nestes ego-documentos, confrontei-me com dificuldades na análise, pois pareceu que as ferramentas teórico-metodológicas não dão conta da vida que havia nesses vestígios. As palavras remetiam a sentimentos e emoções e, por vezes, fugiam de classificações. Como historiadora, parti do pressuposto que o amor é uma construção histórico-cultural, não sustentando o credo amoroso que circula na sociedade ocidental, de que é um sentimento universal, natural e que atravessou temporalidades.

Ada é uma voz das margens. É um sujeito ordinário e invisível, até então, para a história de Caxias do Sul. Seus vestígios testemunham o quão contraditório é lidar com o papel que a naturalização da condição feminina submetida à masculina propõe: ser de outros e para outros. Como observado, as imagens femininas que circulavam na época apreciavam as mulheres como seres sensíveis, cuja vocação era a dedicação ao amor, seja o romântico, o conjugal ou o maternal. Existir para outro e destinar sua vida à felicidade de um homem foi um elemento que incidiu na produção da subjetividade de Ada, pela via da educação familiar e escolar que recebeu no contexto em que viveu. Ela viveu o flerte, o namoro, o noivado e o casamento com a crença de que o amor era o único caminho da felicidade. Sua experiência amorosa não foi uma experiência qualquer, pelo contrário, foi aquela que a construiu.

Se sua vida foi tecida em função do sentimento, ele marcou seu corpo e seu imaginário. Das imagens que ela apresentou de si mesma, seu corpo deu passagem para as ansiedades e para as frustrações do amor. É um corpo que suspirava quando vislumbrava Enio; que lamentava e chorava perante as tormentas; que alcançava felicidade quando estava na poltrona de um cinema; e que, participava de rituais litúrgicos da Igreja Católica. É também um corpo que não

hesitava em arquitetar golpes cotidianos, como beijos furtivos e cartas amorosas clandestinas, longe do controle familiar. As zonas dos não-ditos pressupõem os silêncios da sociedade sobre a sexualidade, a menstruação e tudo que remetia àquelas partes do corpo demarcadas pelos signos do pecado. Os escritos de Ada a caracterizam com um corpo com tons assexuados, que palpitava na idealização de um amor perfeito, porém ainda parecia desconhecer os prazeres sexuais.

Sua imaginação em idealizar um sentimento, própria da sensibilidade romântica, também lhe facultou os meios para se afastar do mundo exterior e se voltar para o íntimo. As escritas de si, que eram instrumentos de controle e disciplina das emoções, com vistas para a formação moral das mulheres, serão um espaço de construção de Ada, de pensar e refletir sobre si mesma. Por meio desta prática da cultura escrita, produzirá sentidos sobre as experiências vividas e, por vezes, no exercício silencioso e solitário, se aproximará de uma escrita poética.

Os capítulos indicam que Ada não era uma moça ingênua e passiva ou uma mulher vítima e consentidora de sua situação. A linguagem escrita transforma-se no seu espaço de aspiração da liberdade, ainda que, pelas evidências encontradas ela não tenha rompido com as normas sociais. Suas brechas não tomavam a recusa ou a rejeição em relação às representações hegemônicas, porém assumiam posição de tensões e de confronto aos valores instituídos, em especial quando era mãe e esposa. Nas memórias de *madreposa*, por exemplo, ela questionava as atitudes de Enio, não atribuindo as responsabilidades dos problemas conjugais somente sobre si mesma.

A assertiva de Barthes, de que “é o amor que o sujeito ama, não o objeto” (1994, p.23), elabora perguntas sobre a trajetória amorosa da personagem: ela amou o amor antes de

o conhecer? A meu ver, se a narrativa sentimental do amor romântico era prescrita às mulheres como sinônimo de existência social, Ada era passível de amar a imagem do objeto de seu afeto e o casamento, pois temia sobrar e viver sob o estigma de solteirona. Apaixonar, namorar, casar e ser mãe eram práticas quase obrigatórias para as mulheres daquele momento, lugar e condição social.

Nas últimas décadas as mudanças que se sucederem no âmbito da vida privada contribuíram para a constituição de novos modelos de família e sexualidade, assim como a reconfiguração das relações de gênero, sempre relacionais. O casamento civil, que já não é mais indissolúvel, não se constituiu como o destino de um relacionamento amoroso. Isto não quer dizer que uma mulher que opta por não exercer a maternidade ou constituir uma relação afetiva distinta do modelo monogâmica e heterossexual é aceita plenamente na sociedade. Arriscaria dizer que, embora a atuação dos movimentos feministas provocaram mudanças e interrogaram sobre o ideal de *madresposa*, o amor ainda se conserva em muitos imaginários no seu modo dito tradicional e, nesse formato é aquele que ainda marca subjetivamente as trajetórias femininas.

Registro que essas considerações finais se apoiaram nas diversas falas emitidas pelas pessoas, quando explicava do que se tratava minha pesquisa. Ao longo do caminho percorrido, deparei-me com reações que, ora achavam um tema encantador e romântico, como se fosse afirmar o amor dos contos que nos contam desde a infância, ora um tema pertinente para interrogar sobre as relações entre amor romântico e violência contra as mulheres. Defrontei-me também com as representações da indústria cultural no dia 12 de junho, o Dia dos Namorados. Permanece quase intocado o ideal de amor romântico como sinônimo de felicidade conjugal e pessoal e da forma como as representações são

construídas quem não tem um par, parece estar fadado à agonia.

As evidências até agora colhidas sinalizam que vigora ainda uma crença na fidelidade conjugal e na exclusividade da pessoa amada, com o sentimento de posse sobre ela. E também que, embora o mito da virgindade feminina tenha sido quase obliterado, há permanências de grandes idealizações, como a busca pelo príncipe encantado e pelo casamento de véu e grinalda. E quando esses sonhos não são almejados, ainda assim o amor marca a vida de muitas mulheres nas situações de dependência emocional, maltrato, subordinação e abandono. Por amor, nos sacrificamos, nos anulamos, renunciamos nossas liberdades e redes afetivas e nos damos conta que estamos sozinhas.

Ao chegar o momento de abandonar as palavras de Ada Therezinha, que tanto inventaram meus dias, aponto que se as relações afetivas são historicamente construídas, as crenças em torno do amor são também passíveis de mudanças. O pessoal é também político. Na história, há mulheres libertárias que quiseram uma alternativa para o conteúdo do amor que, sobre bases equitativas, permita a convivência do encontro, a busca da autonomia feminina e a liberdade. A trajetória de Ada escapa às construções teóricas e desliza sobre a multiplicidade de vidas femininas que recorrem a prática da liberdade na escrita, que negam as generalizações e assumem os conflitos das condições históricas femininas. Como ressalta a anarquista e historiadora Luce Fabbri, “sentir esta multiplicidade significa sentir o valor que para a vida tem a liberdade (que torna possível a variedade infinita).

Ada, nas últimas entradas no diário íntimo, registrou que “há muito tempo que não escrevo em meu diário, não sei explicar o porque”. Aos poucos renunciava a escrita cotidiana neste suporte, até findá-lo na ocasião do matrimônio. Abandonou e guardou seu objeto de memória. Ao final desse

percorrido, tramado de papéis, noites e histórias femininas, também me afasto do meu objeto de estudo e parto para desdobrar-me em outras veredas de investigação.

REFERÊNCIAS

ADLER, Laure. **Segredos de alcova** (história do casal) 1850-1930. Portugal: Terramar, 1983.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal:** Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ARIÈS, Philippe, CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada:** Da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09-32, 1998.

AZEVEDO, Thales de. Namoro, Religião e Poder, Rio de Janeiro, Cátedra, 1980.

BORGES, Maria de Lourdes Alves. **Amor.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, nov. 201.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes*:*** tratamento documental. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____.. **A mulher desiludida.** Editora Nova Fronteira, 2010.

BOSI, Ecléa Bosi. **O Tempo Vivo da Memória:** ensaios de psicologia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de Educação**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003a.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de Educação**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b.

ria). PPGH UFSC, SC, 2008b.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 21, 1998/1.

CAMACHO, Suzana Brunet. **Cadernos de segredo**: marcas da educação católica na escrita íntima. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ – Faculdade de Educação, 2005.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro.** Belo Horizonte, n.2, jul.-dez. 2009.

CARDOSO PEREIRA, Nancy. **Palavras... se feitas de carne**: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos. São Paulo: CDD, 2003.

CASTAN, Yves; LEBRUN, François; CHARTIER, Roger. Figuras da modernidade. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASTILO GÓMEZ, António. **Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común**. Boletín ACAL (Associación de Archiveros de Castilla y León. Nº 38/2000.

_____. El tiempo de la cultura escrita. A modo de introducción. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.) **Historia de la cultura escrita**. Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2001.

_____. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

_____. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, p. 93-124, 2003.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio e SIERRA BLAS, Verónica (Org). **Cinco siglos de cartas**. Historia y prácticas epistolares

en las épocas moderna y contemporánea. Huelva: Universidad de Huelva, 2014.

CASTRO, Celso. O diário de Bernardina. In: GOMES, Ângela (org). **Escrita de si, escrita da história.** RJ: FGV, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2013.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São. Paulo, v.5, n.11, 1991. p.173-190.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

_____. Diferença entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu** (4), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.37-47.

_____. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002a.

_____. **À Beira da Falésia.** Porto Alegre:Ed.Universidade/UFRGS 2002b, p.75.

_____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre apropriação e distinção. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COBRA, Ercília Nogueira. Virgindade inútil: novela de uma revoltada (1927). In: QUINLAN, Susan C. & SHARPE, Peggy. **Visões do passado, previsões do futuro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Ed. UFG, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Sem fraude nem favor*:* estudos sobre o amor romântico**. Rio de. Janeiro: Rocco, 1998.

CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). **Refúgios do eu:** educação, história e escrita autobiográfica. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução:** os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). **Refúgios do eu:** educação, história e escrita autobiográfica. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.

_____. Na plataforma do Escrito: Cartas entre Professores. In: II Congesso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal. **História e Memoria da Educação Brasileira**. Natal: Editora Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. v. 1. p. 166-179.

_____. Por hoje é só. Cartas entre amigas. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (Org.). **Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

_____. Viver, escrever, guardar: um estudo sobre diários pessoais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História** – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

_____. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal. (1920-1960). In: Comunicação Coordenada: De cor e salteado para ver e viver: lições em manuais do século XIX e XX. **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia – MG. 17 – 20 de Abril de 2006.

_____. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revistas Patrimônio e Memória**, Assis/SP, v. 3, n. 1, p. 53-70, 2007.

_____. Essa coisa de guardar... homens de letras e acervos pessoais. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Ago, 2008.

_____. Copiar para Homenagear, Guardar para Lembrar: Cultura Escolar em Álbuns de Poesias e Recordações. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil.** 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **A Escrita Epistolar e a História da Educação**. 25ºANPED, 2002. Disponível em http://www.anped.org.br/reunioes/25/posteres/mariateresasanto

scunhap02.rtf acesso em 24 setembro de 2015. Acessado em 25 de setembro de 2015.

DALLA VECCHIA, Maria Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber**: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. 2 ed. Porto Alegre: EST, 1998.

DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares no Século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (Org.). **Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

DEL PRIORE, Mary. O Corpo Feminino e o Amor: um olhar. In: D'NCAO, M. A. (Org.). Amor e Família no Brasil São Paulo: Contexto, 1989.

_____. História do Amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

D'INCÃO, Maria Angela (Org). **Amor e Família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento,** Florianópolis, v. 4, n. 1, p.5-22, jan/jun. 2012.

DUCROT, Ariane. Classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 151-168, 1997.

ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

FAVARO, Cleci Eulalia. **Imagens femininas*:*** contradições, ambivalências, violências, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor**? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FUNARI, P.P.A. Memória histórica e cultura material. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, n.25/26, p.17-31, 1993.

GAUSTAUD, Carla. **De correspondências e correspondentes**: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880-1950. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – PPGEdu/UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.238.

GAY, Peter. **A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **O Coração Desvelado**: A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. São Paulo: UNESP, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v. 9, n.1 e 2, p.17-30, jan./dez. 1996.

_____. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRAÑA CID, María del Mar. ¿Leer con el alma y escribir con el cuerpo? Reflexiones sobre mujeres y cultura escrita. In: CASILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.) **Historia de la cultura escrita**. Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2001.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo*:* ressonância e encantamento. **Estudos históricos**, v. 4, nº 8, 1991.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.19, 1997, p.45 e 46.

_____. O individuo fora do lugar**. Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, n.2, p. 40-57, jul-dez, 2009, p.55.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008, p. 89-123.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Contratempo, Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

KUSTER, Eliana; PECHMANN, Robert. **O chamado da cidade:** ensaios sobre a modernidade. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2014.

LAGARDE Y DE LOS RIOS Marcela. **Claves feministas para la negociación en el amor.** Managua, Puntos de Encuentro, 2001.

_____.**Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. Madrid: Horas y Horas, 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Nádia Laguárdia de. **A Escrita virtual na adolescência**: uma leitura psicanalítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOPES, Rodrigo. O jubileu de prata de Enio Arioli em 1968. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 7 de maio de 2016a.

LOPES, Rodrigo. Um Dia das Mães multicor em 1968. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 9 de maio de 2016b.

LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LYONS, Martyn. Práticas de leitura, práticas de escritura. Cartas de amor e escritas íntimas –França e Autrália, século XIX. In: LYONS, M. e LEAHY, C. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

LYPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade:** história de Caxias do Sul - 1875/1950. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2001.

MALATIAN, Teresa. Cartas*:* narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009,p.203.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MATTÉ, Aline Karen. **Prazeres velados e silêncios suspirados**: sexualidade e contravenções na região colonial italiana (1920-1950). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2008. 167 p.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Ângela (org). **Escrita de si, escrita da história**. RJ: FGV, 2004.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor:** Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MELO, Juliana Ferreira de. **Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus(supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961).** Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG – Faculdade de Educação, 2013.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluente" ou o retorno ao mito do "amor romântico". **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15, n. 3, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2007000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 abril. 2016.

PEREIRA, Nilton Mullet; JARDIM, Rejane Barreto. Amor Cortês. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI. Losandro Antônio. (Org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015. p.36 – 41.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v.9, n.18, p.9-18, 1989.

_____. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de SOIHET, Rachel (orgs.). **Corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008

_____. **História dos Quartos**. Tradução de Alcida Brant. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1972

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

POMIAN, K. Colecção. In: **Enciclopédia Einaudi** – Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v.1, p. 51-86, 1984.

_____. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX , Jean-Pierre; SIRINELLI , Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 71- 95.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade.In: ARIES, Philippe, CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada:** Da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35- 42, 1998.

ROSENSTONE, Robert A. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. **O olho da história**, v.1, n.5, p.105-116, 1997.

_____. **A história nos filmes, os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ROSSI, Túlio Cunha. **Projetando a subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema.** 2013. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-26062013-093448/pt-br.php>. Acesso em: 20 nov. 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O biográfico:** perpesctivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Ed. da UNISC, 2000.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. (Ed.). **Domínios da História.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In*:* BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas***:* itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida privada no Brasil: república.** Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513 - 619.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a Vida e a Morte, o Sexo. In STEVENS, Cristina M.T. e SWAIN, Tania Navarro (Orgs.). **A construção dos Corpos: Perspectivas Feministas.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, p. 285-302.

_____. “A doce canção de Caetana”: meu olhar. In: LÔBO, Y.; FARIA, L. (org.) **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2008, p. 203-232.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Cristiani Bereta da. Narrativas digitais sobre os exames de admissão ao ginásio: ego-documentos e cultura escrita na história do tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 05 – 41. maio/ago. 2015.

SOT, Michel. “A Gênese do Casamento Cristão”. In: **Amor e Sexualidade no Ocidente**. Edição especial da Revista L’Histoire/Seiul. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 163-172.

TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.

TORRES, Anália. Amor e ciências sociais. **Travessias,** n. 4/5, p. 15- 45, 2004.

VIANA, Maria José Mota. **Do sótão à vitrine: Memória de mulheres.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e os seus mestres**: a educação no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves e LEAL, Maria José Senra de Carvalho. Dos Traços de Pecadora aos Modos Recatados: a educação do corpo feminino. In: NADER, Maria

Beatriz (Org.). **Gênero e Racismo: múltiplos olhares**. Vitoria: EDUFES, 2014.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade:** uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

WATT, I. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOOF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2012.